



**Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor de Tecnologia
Curso de Arquitetura e Urbanismo**



PAULA HASSUNUMA

RECICLAGEM DE EDIFICAÇÃO HISTÓRICA: ANTIGO HOTEL BROTTTO EM CURITIBA PR

CURITIBA

2015

PAULA HASSUNUMA

RECICLAGEM DE EDIFICAÇÃO HISTÓRICA: ANTIGO HOTEL BROTTTO EM CURITIBA PR

Monografia apresentada à disciplina Orientação de Pesquisa (TA040) como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná – UFPR.

ORIENTADOR:

Prof. Dr. Antonio Manoel N. Castelhou, neto

CURITIBA

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

Examinador(a):

Examinador(a):

Monografia defendida e aprovada em:

Curitiba, _____ de _____ de 2015.

Curitiba, cidade menina / paisagem do meu amanhecer

Helena Kolody

Agradeço à minha família, meu maior orgulho.
Agradeço aos amigos que fiz nesses cinco anos, seu apoio, companhia e amizade foram essenciais.
Agradeço à arquiteta Raquel Viola Ampuero, pelas diversas conversas inspiradoras que me levaram a escolher o tema.
Agradeço à arquiteta do IPPUC Silvia Bueno Zilotti, por ter me ajudado a escolher a obra e fornecido os dados iniciais para esta pesquisa.
Por fim, agradeço ao orientador Prof. Dr. Antonio Castelnuovo, quem eu sempre admirei por sua sabedoria, dedicação e talento. Obrigada pelo apoio, conselhos e lições.

RESUMO

Esta pesquisa compreende o embasamento teórico para a restauração e reciclagem de uma edificação assobradada em ruínas situada à Rua Barão do Rio Branco, em Curitiba PR, com o objetivo de adequá-la ao novo uso como Cyber Café Cultural e reintegrá-la a cidade. Primeiramente, este trabalho buscou conceituar patrimônio e as possibilidades de intervenção visando a sua preservação. Em seguida, foi realizado um breve estudo em relação às cafeterias, desde sua origem até as suas configurações atuais. Com isso, foram selecionadas e estudadas quatro obras correlatas, as quais contribuíram com parâmetros de projeto. A pesquisa buscou também revelar a importância histórica da região da Rua Barão do Rio Branco e estudar obra, desde o seu estilo arquitetônico até diagnóstico de seu estado atual. No capítulo final, são definidas e caracterizadas as principais diretrizes projetuais.

Palavras-chave: *Patrimônio Histórico. Reciclagem Arquitetônica. Cyber Café Cultural.*

ABSTRACT

This research is the theoretical basis for the restoration and recycling of a historic building in ruins located to the Barão do Rio Branco Street, in Curitiba PR, with the objective of adapting it to a new use as a Cultural Cyber Cafe and then reinserting the building in the city. Primarily, it was studied the concept oh heritage e the types of architectural intervention in order to preserve it. Next, it was developed a brief study concerning coffee shops, covering from their origin to their today's formats. Then, four diferent related works were studied, contributing to the project's guidelines. Hence, the reserach attempted to reveal the historical importance of the Barão do Rio Branco Street area and proceeded to study the building , from its architectural style to the diagnosis of its current state. Finally, the main project guidelines are defined.

Key-words: *Heritage. Architectural Recycling. Cultural Cyber Cafe*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	LEGENDA	PÁG.
3.1	Mapa com indicação dos maiores produtores de café do mundo.	53
3.2	Vista do interior do Moka Bar, primeiro café (Coffee Shop) com máquina de espresso de Londres, aberto na 29 Frith Street, em 1953.	54
3.3	Café da rede Starbucks em edifício histórico na Suíça.	54
3.4	Vista da sala de leitura do Centrál Kávéház de Budapeste, ainda hoje existente.	55
3.5	Café da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1994/98).	55
3.6	Café da Sala São Paulo (1999).	56
3.7	Café do Red Bull Station (2014), situado em São Paulo SP.	56
3.8	Projeto de restauro do Espaço Cultural CentoeQuatro, em Belo Horizonte.	56
3.9	Café Cultural Ouro Preto MG.	57
3.10	Roda Café, localizando na párea do Recife Antigo (Pernambuco).	57
3.11	Solar do Rosário: Centro cultural situado em Curitiba PR.	57
3.12	Café do Solar do Rosário, localizado no centro de Curitiba PR.	58
3.13	Café do Paço, que funciona no SESC Paço da Liberdade (Curitiba PR).	58
3.14	Residência Belotti: Casa transformada em centro cultural com cafeteria (Curitiba PR).	59
3.15	Livraria Arte & Letra, situada no bairro Batel, em Curitiba PR.	59
3.16	Café Catedral: reutilização de edificação histórica em Curitiba PR.	59
4.1.1	Situação urbana da <i>Idea Store Whitechapel</i> (Tower Hamlets, Londres).	63
4.1.2	Vista externa da Idea Store Whitechapel e do mercado de rua.	64
4.1.3	Fachada principal da Idea Store Whitechapel.	64
4.1.4	Vista da escada rolante de acesso externo da Idea Store Whitechapel.	65
4.1.5	Corte longitudinal da Idea Store Whitechapel.	65
4.1.6	Planta do Pavimento Térreo da Idea Store Whitechapel.	66
4.1.7	Planta do Primeiro Pavimento da Idea Store Whitechapel.	66
4.1.8	Vista do terraço da Idea Store Whitechapel.	67
4.1.9	Vista de uma estação com computadores da Idea Store Whitechapel.	67
4.1.10	Vista de uma sala de aula da Idea Store Whitechapel.	68
4.1.11	Planta do Segundo Pavimento da Idea Store Whitechapel.	68
4.1.12	Planta do Terceiro Pavimento da Idea Store Whitechapel.	69
4.1.13	Vista das estações com computadores da Idea Store Whitechapel.	69
4.1.14	Planta do Quarto e Último Pavimento da Idea Store Whitechapel.	70
4.1.15	Vista do cyber café da Idea Store Whitechapel.	70
4.1.16	Vista do cyber café da Idea Store Whitechapel.	71
4.1.17	Vista da livraria da Idea Store Whitechapel.	71
4.2.1	Situação urbana do Centro Cultural <i>Red Bull Station</i> (São Paulo SP)	76
4.2.2	Vista externa do Centro Cultural Red Bull Station (São Paulo SP)	76
4.2.3	Corte Longitudinal que mostra a estrutura das escadas metálicas e da cobertura e pilar metálico do Centro Cultural Red Bull Station.	77
4.2.4	Corte Transversal que mostra a estrutura das escadas metálicas e parte da configuração interna do Centro Cultural Red Bull Station.	77
4.2.5	Vista da bilheteria do Centro Cultural Red Bull Station.	78
4.2.6	Vista do sanitário em dry wall do Primeiro Pavimento do Centro Cultural	78

	Red Bull Station.	
4.2.7	Planta do Subsolo do Centro Cultural Red Bull Station.	79
4.2.8	Planta do Pavimento Térreo do Centro Cultural Red Bull Station.	79
4.2.9	Vista da cafeteria do Centro Cultural Red Bull Station.	80
4.2.10	Vista da parte interna da cafeteria (local era antigo espaço de bomba d'água) do Centro Cultural Red Bull Station.	80
4.2.11	Vista da galeria do Centro Cultural Red Bull Station.	81
4.2.12	Planta do Mezanino do Centro Cultural Red Bull Station.	81
4.2.13	Planta do Primeiro Pavimento do Centro Cultural Red Bull Station.	82
4.2.14	Vista do corredor dos ateliês (portas metálicas do prédio original) do Centro Cultural Red Bull Station.	82
4.2.15	Planta da Cobertura do Centro Cultural Red Bull Station.	83
4.2.16	Vista do terraço com acesso à Internet wireless do Centro Cultural Red Bull Station.	83
4.2.17	Vista geral da cobertura metálica do terraço do Centro Cultural Red Bull Station.	84
4.2.18	Vista geral da fonte e cobertura metálica aos fundos do Centro Cultural Red Bull Station.	84
4.3.1	Situação urbana do Palacete das Artes (Salvador BA).	88
4.3.2	Vista externa do Palacete das Artes.	88
4.3.3	Vista geral do Museu Rodin, situado em Paris, França.	89
4.3.4	Implantação do Palacete das Artes e seu anexo.	89
4.3.5	Plantas dos Térreo e Primeiro Pavimento do Palacete das Artes.	90
4.3.6	Plantas do Segundo Pavimento e Sótão do Palacete das Artes.	91
4.3.7	Vista do salão superior onde as obras de arte são expostas no Palacete das Artes.	92
4.3.8	Vista externa da nova torre de circulação vertical do Palacete das Artes.	92
4.3.9	Vistas do elevador original da obra e do elevador da nova torre de circulação do Palacete das Artes.	93
4.3.10	Vista do café-bar com internet wireless do Palacete das Artes.	93
4.3.11	Planta do Térreo do anexo do Palacete das Artes.	94
4.3.12	Planta do Pavimento Superior do anexo do Palacete das Artes.	94
4.3.13	Vista externa do pavilhão e jardim de esculturas do Palacete das Artes.	95
4.3.14	Vista interna do pavilhão anexo do Palacete das Artes.	95
4.3.15	Vista externa da passarela que conecta os edifícios do Palacete das Artes.	96
4.3.16	Elevação que mostra o Palacete das Artes conectado ao pavilhão anexo.	96
4.4.1	Vista externa do Solar do Rosário em Curitiba PR.	100
4.4.2	Imagem Aérea do Centro Histórico de Curitiba.	100
4.4.3	Vista do Solar do Rosário situado entre duas Igrejas no Largo da Ordem.	101
4.4.4	Vista do Largo da Ordem, a Casa Romário Martins e a Casa Vermelha.	101
4.4.5	Vista do contraste antigo e novo no Solar do Rosário.	101
4.4.6	Vista do hall de acesso do Solar do Rosário.	102
4.4.7	Setorização do Solar do Rosário.	102
4.4.8	Vista da galeria de arte no casarão do Solar do Rosário.	103
4.4.9	Vista da casa de chá e café colonial do Solar do Rosário.	103
4.4.10	Vista de um curso acontecendo no pavimento superior do Solar do Rosário.	104
4.4.11	Vista do café do anexo do Solar do Rosário.	104
4.4.12	Vista da livraria do café do anexo do Solar do Rosário.	105
4.4.13	Vista das mesas externas do café no anexo do Solar do Rosário.	105

4.4.14	Vista do acesso ao auditório do Solar do Rosário.	106
4.4.15	Vista do jardim de esculturas do Solar do Rosário.	106
5.1.1	Situação geográficas das cidades de Curitiba e Paranaguá em relação ao Estado do Paraná, à esquerda; e a demarcação do bairro Centro dentro dos limites do Município de Curitiba, à direita.	113
5.1.2	Vistas da Vila de Curitiba no século XIX: Aquarela de 1827 atribuída ao francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), na imagem superior; e aquarela datada de 1855 da autoria do americano John Henry Elliot (1809-44), na imagem inferior.	113
5.1.3	Vista de Curitiba em 1855, atribuída a J. H. Elliot, na imagem superior; e Mapa da cidade em 1857, estando indicadas suas primeiras ruas, na imagem inferior.	114
5.1.4	Vista da Estação Ferroviária de Curitiba, inaugurada em 1885, e de pedestres caminhando ao longo do Largo da Estação' no século XIX.	115
5.1.5	Mapa da área central de Curitiba datado de 1894, com destaque da antiga Rua da Liberdade, atual Barão do Rio Branco.	115
5.2.1	Mapa do Centro de Curitiba PR, com indicação das principais construções e praças, com destaque das Ruas Riachuelo e Barão do Rio Branco.	123
5.2.2	Antigo cartão postal da Estação Ferroviária de Curitiba PR, inaugurada em 1885 na atual Avenida Sete de Setembro.	123
5.2.3	Vista do início do século XX da Praça Eufrásio Correia, antigo Largo da Estação, onde é possível ver a Estação Ferroviária, ao fundo à direita; e o casario da Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua da Liberdade, à esquerda.	124
5.2.4	Vistas do início do século XX da Câmara Municipal de Curitiba, o Palácio Rio Branco, construído em 1892 na esquina da Rua Barão do Rio Branco com a Av.Visconde de Guarapuava.	124
5.2.5	Vista do início do século XX da Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua da Liberdade, onde é possível ver ao fundo a Estação Ferroviária de Curitiba.	125
5.2.6	Foto da recepção do então Presidente da República, Afonso Pena (1847-1909), em 1909, na Rua Barão do Rio Branco, em frente à Estação Ferroviária e Praça Eufrásio Correia.	125
5.2.7	Projeto de sobrado eclético construído na atual Rua Barão do Rio Branco e atualmente em estado de abandono.	126
5.2.8	Fachada de sobrado eclético e seus principais elementos de composição.	126
5.2.9	Vista do asfaltamento da Rua Barão do Rio Branco, ocorrido durante a década de 1920.	127
5.2.10	Vista do início do século XX da Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua da Liberdade, onde foram abertos diversos bares e restaurantes, entre os quais o Restaurante Rio Branco.	127
5.2.11	Vista atual da Casa Emílio Romani, situada em frente à Praça Eufrásio Correio, esquina com a Avenida Sete de Setembro.	128
5.2.12	Vista atual do Palácio Rio Branco que, junto aos anexos, configura a Câmara dos Vereadores de Curitiba, situada na esquina da Rua. Barão do Rio Branco com a Avenida Visconde de Guarapuava.	128
5.2.13	Vista da sequência de sobrados tombados que se situam na Rua Barão do Rio Branco, em frente à Praça Eufrásio Correia.	129
5.2.14	Vista do atual Shopping Estação, originalmente a Estação Ferroviária de Curitiba, localizada à Avenida Sete de Setembro.	129
5.2.15	Vistas do início do século XX da Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua da Liberdade, onde se podem observar várias edificações ecléticas, que caracterizam sua paisagem.	130
5.2.16	Vista antiga do prédio eclético da Prefeitura de Curitiba, construído em 1916, durante a segunda gestão de Cândido de Abreu (1856-1919), na Praça Generoso Marques.	130

5.2.17	Vista do Palácio do Governo de Curitiba em 1915, construído, em estilo eclético, na década de 1880, na Rua barão do Rio Branco, antiga Rua da Liberdade; e que hoje funciona como Museu da Imagem e Som de Curitiba.	131
5.2.18	Vista atual das edificações históricas da Rua Barão do Rio Branco que se tornaram o Restaurante Coré (prédio vermelho) e o Bar Vox (prédio azul).	131
5.2.19	Vista atual do Hotel Johnscher, situado à Rua Barão do Rio Branco, n. 354.	132
5.2.20	Imagens que denunciam o estado atual de abandono das edificações históricas na Rua Barão do Rio Branco.	132
5.3.1	Vista aérea da região da Rua Barão do Rio Branco em que se situa o prédio de número 773, que é o objeto de estudo desta pesquisa e futura intervenção.	138
5.3.2	Vista do início do século XX do trecho da Rua Barão do Rio Branco, antiga Rua da Liberdade, fronteiro à Praça Eufrásio Correia.	138
5.3.3	Vista atual do prédio número 763 da Rua Barão do Rio Branco, que funciona como <i>hall</i> de entrada do condomínio <i>LifeSpace Estação</i> .	139
5.3.4	Vista atual do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, que é o objeto de estudo e intervenção desta pesquisa.	139
5.3.5	Vista do prédio número 805 da Rua Barão do Rio Branco, onde funciona o Hostel Roma, antigo Hotel Roma de Curitiba.	140
5.3.6	Reprodução de antigo anúncio sobre o Hotel Roma, situado à Rua Barão de Rio Branco, em Curitiba PR.	140
5.3.7	Vista atual do prédio número 823 da Rua Barão do Rio Branco, onde funcionava o antigo Hotel Tassi e que se encontra abandonado.	141
5.3.8	Vista do antigo Hotel Tassi, localizado na Rua Barão do Rio Branco e que inicialmente se chamava Hotel Estrada de Ferro, hoje desativado.	141
5.3.9	Mapa indicando os principais estabelecimentos da região nas proximidades do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco.	142
5.3.10	Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, na qual é possível ver suas características originais.	142
5.3.11	Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, na época em que abrigou comércio, entre as décadas de 1920 e 1940.	143
5.3.12	Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, após o incêndio de 1986 que o destruiu parcialmente.	143
5.3.13	Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, com a indicação de alguns de seus elementos característicos: Frontão com platibanda (1); Janelas com sobreverga em frontão (2); Portas com sobreverga em curva (3); e Balcão metálico (4).	144
5.3.14	Vista que mostra o contraste entre edificação restaurada e em uso (Prédio número 763) e a edificação abandonada e em ruína (Prédio número 773), à esquerda (1); e imagem aproximada do balcão e aberturas deterioradas, à direita (2).	144
5.3.15	Vista atual do estado de deterioração da fachada de fundos do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco.	145
5.3.16	Vista atual do estado de deterioração da parte interna do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco.	145
5.3.17	Vista atual da circulação e vestígios da escada do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco.	146
5.3.18	Vista atual do interior do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, dominado pelo mato e transformado em depósito de entulhos.	146
6.1.1	Mapa de delimitação do Sítio da Praça Eufrásio Correia. Lote em estudo marcado em vermelho.	149
6.2.1	Esquema planimétrico da área do terreno e faixa não edificável.	151
6.2.2	Estrutura de um café para 150 pessoas.	151

LISTA DE TABELAS

TABELA	LEGENDA	PÁG.
6.2.1	Área da cozinha em função do número de refeições.	152
6.2.2	Comparação de dimensionamento dos casos correlatos.	152
6.2.3	Programa básico de necessidades e pré-dimensionamento.	153

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	13
1.2 OBJETIVOS	
1.2.1 OBJETIVO GERAL	14
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	14
1.3 JUSTIFICATIVAS	15
1.4 METODOLOGIA DE PESQUISA	15
1.5 ESTRUTURA DO TRABALHO	16
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL	17
2.1 O QUE É PATRIMÔNIO	17
2.2 PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO	20
2.3 COMO PRESERVAR	29
2.4 PRESERVAÇÃO NO BRASIL, PARANÁ E CURITIBA.....	33
3 CONCEITUAÇÃO GERAL SOBRE CAFÉS CULTURAIS.....	41
3.1 O CAFÉ E A ORIGEM DAS CAFETERIAS.....	41
4 ESTUDO DE OBRAS CORRELATAS	60
4.1 IDEA STORE WHITECHAPEL COMMUNITY CENTRE.....	61
4.2 RED BULL STATION – SÃO PAULO SP.....	72
4.3 PALACETE DAS ARTES – SALVADOR BA.....	85
4.4 SOLAR DO ROSÁRIO – CURITIBA PR.....	97
4.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
5 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE	109
5.1 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DE CURITIBA.....	109
5.2 RUA BARÃO DO RIO BRANCO E PRAÇA EUFRÁSIO CORREIA.....	116
5.3 PRÉDIO NÚMERO 773 – RUA BARÃO DO RIO BRANCO.....	133
6 DIRETRIZES BÁSICAS DE PROJETO	147
6.1 PARÂMETROS NORMATIVOS E LEGISLAÇÃO.....	147
6.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO.....	149
6.3 DIRETRIZES PROJETOuais BÁSICAS.....	153
7 CONCLUSÃO.....	156
8 REFERÊNCIAS.....	157
9 FONTE DE ILUSTRAÇÕES.....	165

1 INTRODUÇÃO

1.1 Delimitação do Tema

O tema do presente TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO – TFG em arquitetura e urbanismo da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR consiste na proposta de reciclagem do antigo Hotel Brotto, o qual funcionava no edifício assobradado situado à Rua Barão do Rio Branco, n. 773, em frente da Praça Eufrásio Correia, no centro de Curitiba, o qual, embora seja protegido por legislação de tombamento, encontra-se em situação de abandono. A região onde esta edificação encontra-se constitui importante sítio histórico da cidade, uma vez que essa rua representa um marco urbano, tanto por seu papel cívico, como pelas características de sua implantação, que a transformou em principal eixo de ligação entre a Estação Ferroviária e o centro da cidade. Por isto, a área abrigava estabelecimentos comerciais, hotéis e residências de alto padrão que marcavam a imagem e identidade de Curitiba.

Voltado à área de Patrimônio Histórico e Cultural, este trabalho visa a preservação arquitetônica por meio da reciclagem, a qual consiste na transformação de uso de uma edificação preexistente, o que requer um levantamento prévio das condições físicas e espaciais, seguindo por um dimensionamento e adequação de instalações para a plena e satisfatória utilização da mesma em seu novo caráter.

Nesta pesquisa – a qual servirá de base para a realização, em uma segunda etapa, de um anteprojeto –, pretende-se realizar uma das mais recentes categorias de intervenção sobre o patrimônio denominada *Retrofit*, vertente com um enfoque mais tecnológico e sustentável. Devido à sua localização e porte, pretende-se *a priori* adequar a edificação de interesse histórico ao uso como *Cyber Café*, adaptando-a para um bar ou lanchonete que, além de oferecer serviços rápidos de alimentação, permita o acesso à internet e a reunião de pessoas com a finalidade de realizar pesquisas escolares, lazer ou ainda encontros de trabalho. Tal destinação justifica-se pela proximidade com estabelecimentos de hospedagem, os quais criam tal demanda, além de escritórios, pequeno comércio e a Câmara de Vereadores. O Shopping Estação, que também está próximo, embora representar uma opção, possui horário de funcionamento delimitado das 11 às 22 horas.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Fundamentar uma proposta de arquitetura de **reutilização** de uma edificação abandonada na região central de Curitiba, a qual possua interesse de preservação, ou seja, seja importante para a constituição da paisagem e memória da cidade, de modo a desenvolver uma pesquisa que trate sobre patrimônio histórico e técnicas retrospectivas em arquitetura e urbanismo.

1.2.2 Objetivos Específicos

Desenvolver uma pesquisa teórico-conceitual que dê subsídios para compreender os fatores intervenientes em uma proposta de preservação arquitetônica e adaptação a novos usos, estudando possíveis posturas de intervenção patrimonial e aplicando-as em um caso específico (hotel central de pequeno porte).

Atribuir um novo uso à edificação escolhida, o qual deva ser adequado ao seu porte e localização, de modo que a mesma seja reintegrada tanto ao entorno paisagístico como à vida cotidiana dos moradores da cidade e frequentadores daquela região de grande representatividade histórica.

Estudar exemplos de reciclagens de caráter similar ao pretendido, sejam estes nacionais ou não, preferencialmente projetos de referência, caracterizando-os esteticamente, técnica e funcionalmente, de modo a compreender as diversas possibilidades de uso e intervenções sobre o preexistente.

Fazer a interpretação da realidade do entorno e levantamento das condições prévias para a reciclagem arquitetônica, assim como documentar a história da edificação e seu valor patrimonial, justificando sua preservação e decorrente adequação ao uso sugerido.

Desenvolver, em uma segunda etapa, uma proposta, em nível de anteprojeto, que considere todas as condicionantes arquitetônicas – tais como: funcionalidade, acessibilidade, segurança, economia, etc. – e, ao mesmo tempo, aplique os princípios de sustentabilidade relacionados à conservação e manutenção de edifícios históricos.

1.3 Justificativas

Este trabalho justifica-se pela importância que representa a preservação do patrimônio histórico, por meio da conservação e reciclagem de edificações antigas, de modo a contribuir para a manutenção da identidade cultural e paisagem urbana, além das implicações positivas na área da sustentabilidade socioambiental. Reciclar o preexistente possibilita o resgate da memória, a valorização da cultura e o aumento do interesse turístico, assim como apresenta vantagens em termos econômicos e financeiros em comparação à demolição e nova construção.

Outro fator que incidiu sobre a escolha do tema refere-se ao atual estado de avançada deterioração e ruína iminente da citada edificação, construída em 1906 e tombada em 1985, na qual funcionava o antigo Hotel Brotto e que, após a falência de sua proprietária, a Construtora Cidadela em 2007, encontra-se desocupado e em total abandono. Paralelo a isto, há uma demanda variada e crescente de serviços na região de estudo, em localização privilegiada na área central curitibana, onde há uma grande carência de espaços arquitetônicos livres.

Por fim, este TFG também tem como justificativa o interesse pessoal em trabalhar com um tema de conclusão de curso que envolvesse questões de preservação histórica, especialmente no que se refere à prática contemporânea de retrofit ou reconversão arquitetônica. Acredita-se que trabalhar com edificações já existentes permite associar preocupações artísticas, culturais e preservacionistas com questões de adequação espacial e tecnológica em uma proposta arquitetônica voltada à realidade local, ao mercado profissional e ao panorama contemporâneo, de grande viabilidade seja como exercício acadêmico ou experiência projetual.

1.4 Metodologia de Pesquisa

Como métodos de desenvolvimento do presente trabalho foram empregados a revisão *web* e bibliográfica, a partir da seleção, leitura e sistematização de livros, artigos e publicações científicas (monografias, dissertações, e teses), assim como entrevistas e visitas a locais de caráter similar, visando a descrição, registro e análise de aspectos sociais, funcionais, técnicos e estéticos. Além disso, fez-se o estudo comparativo de casos e o levantamento histórico, técnico e fotográfico do bem a ser preservado e adaptado ao novo uso.

1.5 Estrutura do Trabalho

Em termos gerais, esta monografia de conclusão de curso está estruturada em seis capítulos. O presente capítulo 1 aborda o contexto onde a pesquisa está inserida, apresentado sua introdução em tópicos como: delimitação temática, objetivos geral e específicos, justificativas, metodologia e estrutura do trabalho.

No capítulo 2, é desenvolvida a conceituação temática por meio de revisão bibliográfica sobre patrimônio cultural, abordando, em termos gerais, sua definição, classificação, métodos de preservação, os tipos de intervenção e um breve panorama da preservação no Brasil, no Paraná e em Curitiba. Em seguida, no capítulo 3, é realizada a conceituação geral sobre cafés culturais, a partir de um breve histórico do consumo do café, da origem das cafeterias e do seu desenvolvimento até os modelos atuais. Com isso, definido o que é um café cultural.

O capítulo 4 apresenta o estudo comparativo de casos correlatos, de modo a encontrar parâmetros para as intervenções de reciclagem e retrofit. São estudados quatro exemplares, sendo um deles internacional, dois deles nacionais e um localizado em Curitiba PR.

No capítulo 5, é realizada a interpretação da realidade, com o levantamento do local, em seus aspectos históricos, físicos e arquitetônicos, que revelam a importância da região para a memória da cidade. Por fim, no capítulo 6, são apresentadas as diretrizes básicas de projeto, onde é prevista a postura que será tomada em relação ao patrimônio, além de definidas as propostas de adequação da edificação ao novo uso e construção de um anexo, aplicando soluções eficientes e sustentáveis - estabelecendo assim as bases para o desenvolvimento em sequência da proposta arquitetônica. Ao fim do capítulo encontram-se as referências e fontes de pesquisa.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE PRESERVAÇÃO PATRIMONIAL

2.1 O que é Patrimônio

A palavra “patrimônio” tem origem latina e, essencialmente, referia-se à herança paterna ou bens da família, incluindo também direitos e obrigações. Hoje em dia, seu significado foi ampliado para a universalidade de bens e direitos, ativos e passivos, suscetíveis de avaliação econômica, que uma pessoa privada ou entidade pública possui. Por sua vez, o *Patrimônio Cultural* é formado por todos os bens de relevância para a memória, orientação e identidade de um povo. Segundo Arantes (1984), consiste no conjunto de bens históricos e artísticos – onde também se incluiria as obras arquitetônicas, paisagísticas e urbanísticas –, concretos ou não, que são preservados de muitas maneiras, com vistas à manutenção da história e cultura desse povo.

Por *bem* entende-se toda e qualquer obra natural ou produzida pelo homem, passível de valorização, podendo ser móvel ou não. Já *bens culturais* são todos os produtos do processo cultural cujo valor é relacionado à sua capacidade de estimular a memória das pessoas, garantindo sua identidade cultural e melhor qualidade de vida, dividindo-se em aqueles de natureza imaterial e material. Conforme Sant’Anna (2011), os bens imateriais referem-se ao “conjunto de saberes, modos de fazer, formas de expressão e celebrações” (p.195). Já os materiais são subdivididos entre bens móveis e imóveis e, de acordo com o INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN (2015), correspondem aos primeiros as coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos, enquanto que os bens imóveis são os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos, assim como bens individuais.

Apesar disso, Sant’Anna (2011) inter-relaciona ambas categorias, ou seja, os bens imateriais e materiais, pois afirma que os bens culturais materiais têm uma face que se vincula à imaterialidade dos valores coletivos a eles atribuídos, da mesma forma que os bens culturais imateriais possuem uma face material, na medida em que se manifestam em coisas, objetos e atos realizados por corpos concretos.

Kersten (2000) complementa que a “noção de patrimônio assenta-se numa versão de História que se pretende consensual pela sua capacidade de se reportar a fatos que *realmente aconteceram*” (p.13) e existem no presente como forma de marcos. De acordo com o Decreto-lei n. 25, datado de 30 de novembro de 1937, o *Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* é definido como

[...] o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. (BRASIL, 1937, p.1)

Com a Constituição Federal de 1988, segundo o IPHAN (2015), o termo “Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” foi substituído por *Patrimônio Cultural*, sendo seu conceito ampliado, pois passou a incorporar a ideia de referência cultural e ampliou a quantidade de bens passíveis de reconhecimento. Com isto, devido à sua amplitude, tornou-se necessário dividir o patrimônio cultural em categorias. De acordo com Lemos (2006), o historiador e museólogo francês Hugues de Varine-Bohan (1935-) – que foi diretor do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), entre 1965 e 1974 – sugeriu que Patrimônio Cultural fosse subdividido em 03 (três) grandes categorias de elementos.

Primeiramente, arrola os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente [...] O segundo grupo refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber fazer. São elementos não tangíveis do Patrimônio Cultural [...] O terceiro grupo de elementos é o mais importante de todos porque reúne os chamados bens culturais que englobam toda a sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer. (LEMOS, 2006, p.7-10)

Estão enquadrados justamente na terceira categoria definida por Varine-Bohan os conjuntos arquitetônicos, edificações e ruínas, os quais podem ser considerados os principais elementos do chamado *Patrimônio Arquitetônico*. Devido ao fato de todas as obras arquitetônicas construídas pelo homem estarem sujeitas ao desgaste contínuo e inevitável – processo o qual pode ser denominado de *obsolescência* –, este se dá tanto pela ação do meio ambiente como pelo seu próprio uso e consiste em um desgaste físico, funcional e até mesmo estético, levando-se em conta que os gostos se modificam, assim como as formas e condições de uso. (CHOAY, 2001)

As principais teorias científicas sobre a preservação patrimonial apareceram no século XIX, sendo possível distinguir, conforme Castelnou (2014), 03 (três) fases em seu desenvolvimento até hoje: a monumentalista, a historicista e a ambientalista. A primeira abrange de meados do século XIX até o advento da *Segunda guerra Mundial* (1939/45), cobrindo o período em que a preservação limitava-se à manutenção de fragmentos do tecido urbano, especialmente edifícios ou “monumentos” de excepcional valor histórico e artístico. O critério que norteava tal classificação baseava-se em conceitos estéticos – como o mais belo, segundo as normas estilísticas – e/ou de antiguidade – como o mais antigo, sendo seu tempo de existência a condição para sobrevivência do monumento. Isto provocou a devastação de grandes áreas e perda significativa do patrimônio vernáculo. Entre os documentos internacionais mais importantes desse período, cita-se a *Carta de Atenas* (1931), abordada no subcapítulo seguinte.

Do segundo pós-guerra até o início da década de 1970, a ideologia do monumentalismo entrou em crise e passou-se a valorizar os “centros históricos” – daí ser considerada uma fase historicista –; estes, porém, ainda entendidos como conjunto monumental a ser preservado. Isto foi devido à preocupação europeia de reconstruir as cidades gravemente afetadas pelo conflito armado, o que deu um grande impulso à reabilitação urbana. Tal valorização dos núcleos históricos acabou por expulsar seus antigos moradores, promovendo uma maior periferização dessas cidades. Nesse período, teve grande repercussão a *Carta de Veneza* (1964), que é apresentada na sequência desse capítulo. (CASTELNOU, 2014).

Por fim, ainda segundo Castelnou (2014), as atenções voltaram-se para a relação entre a edificação preexistente e o ambiente em que esta se insere, principalmente a partir da realização da *Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente*, ocorrida em 1972, na cidade de Estocolmo (Suécia). Aqui, discutiu-se a preservação do patrimônio cultural como premissa básica para o desenvolvimento social e como instrumento para a melhoria da qualidade de vida urbana. Deste modo, na fase ambientalista que perdura até o presente, passou-se a defender a manutenção das condições locais de vida, sem “maquiagens” do patrimônio construído e/ou uma suposta “limpeza” socioeconômica e cultural. O documento-chave para entender essa última fase da teoria preservacionista foi a *Declaração de Amsterdã* (1975), a qual também é discutida no próximo subcapítulo.

2.2 Preservação do Patrimônio Arquitetônico

De acordo com Choay (2001), o esteta, escritor e pensador inglês Ruskin (1819-1900) afirmou que: “Nós podemos viver sem [a arquitetura], adorar nosso Deus sem ela, mas sem ela não podemos nos lembrar” (p.139), definindo desta forma a relação entre memória e o monumento. Logo, a arquitetura é o único elo que as pessoas possuem com o passado e sua identidade. Daí a necessidade de sua preservação.

A palavra “preservação” provém do verbo latim *praeservare* (“observar previamente”) e hoje tem mais o sentido de guardar ou conservar os bens culturais para os próximos tempos, sendo basicamente uma medida político-administrativa. Embora sua origem seja antiga, seus principais métodos são bastante recentes, datando do século XIX, apesar de terem se modificado desde então devido às diferentes posturas que se tomam diante do passado.

Basicamente, a preocupação com a preservação do patrimônio tem suas raízes na expansão europeia, promovida a partir do século XV com a *Era dos Descobrimentos*, quando se tornou necessário criar técnicas para registrar e documentar as observações feitas naquele período. Contudo, o pensamento preservacionista da Renascença tinha como premissa o resgate da memória produzida somente pela classe dominante, sendo que esta foi uma das principais determinantes do que preservar. (FITCH, 1981)

Quando da ocupação e colonização dos novos continentes, as sociedades encontradas eram consideradas inferiores, devendo, portanto, serem modernizadas. Ainda segundo Fitch (1981), as edificações vernaculares dessas populações nativas, provavelmente devido ao seu caráter simplório, passaram quase despercebidas, descartando-se tudo aquilo que não fosse produzido pelas classes dominantes. Assim, era natural que se tentasse importar toda a cultura da metrópole e substituir deliberadamente aquilo original e, de antemão, considerado “primitivo” ou “inferior”.

Castro (2003) explica que cada civilização e cada época compreenderam o passado de uma forma diferente, até mesmo muito antes do Renascimento, contudo sem terem a percepção de história para esse passado, ou melhor:

[...] Cada povo tinha sua maneira peculiar de tratar as coisas antigas herdadas de antepassados. À exceção dos edifícios religiosos ou as sedes do poder político, os demais não recebiam maiores

considerações quanto a sua permanência ou desaparecimento [...] A reutilização de edifícios antigos era uma prática que visava o reaproveitamento destas edificações do ponto de vista meramente utilitário. (CASTRO, 2003, p.31)

Segundo Sant’Anna (2011), a noção de *monumento histórico* surgiu vinculado apenas à arte e à arquitetura no período da Renascença para apoiar o estudo de edifícios e obras da Antiguidade Clássica; estes sim dignos de interesse preservacionista àquela época. De acordo com Castro (2003), foi o Iluminismo que formulou a noção de História como esta é entendida hoje. A partir do final do século XVIII e início do século XIX, após grandes perdas de patrimônio, nações como a França, chocada com as destruições ocorridas devido à *Revolução Francesa* (1789/99); e a Inglaterra, que vivenciava as mudanças desencadeadas pela *Revolução Industrial* (1750-1830), principiaram com a conscientização em relação à preservação e a necessidade de não deixar que a história desaparecesse.

Kühl (2004) complementa ao dizer que o processo de preservação firmou-se com uma ação de cunho cultural – e não mais apenas prático –, principalmente a partir do século XVIII. Nesse contexto, surgiram as reflexões acerca da preservação dos bens culturais escritas por Quatremère de Quincy (1755-1849); filósofo francês das questões culturais de cujas ideias nasceram:

[...] a importância de fazer integrações; a necessidade de manutenções constantes para evitar a ruína de uma obra; a validade, em certos casos, de conservar a obra em estado arruinado; o interesse de se preservar a pátina; a pertinência de completar elementos que se repetem numa mesma obra de arquitetura, por meio de formas simplificadas e materiais diferenciados; a importância da preservação do contexto para a obra de arte. (KÜHL, 2004, p.311)

Assim, teria sido Quatremère de Quincy quem lançou as bases para as duas grandes vertentes da restauração¹ patrimonial do século XIX: a corrente que permitia “complementos”, defendida pelo arquiteto francês Eugène Viollet-le-Duc (1814-1879); e aquela denominada “conservativa” do já citado John Ruskin (1819-1900). (KÜHL, 2004)

¹ Por *restauração* ou *restauro* entende-se a medida técnica de recuperar uma obra, o que pode acontecer de 02 (dois) modos: fazendo-se uma “reversão” ao estado original – o que pressupõe uma reconstituição histórica – ou fazendo uma “intervenção” da obra em si, respeitando, porém, seu caráter, função e forma. (CASTELNOU, 1992)

Viollet-le-Duc liderou uma das principais vertentes preservacionistas do século XIX, cujo pressuposto era atingir o estado completo de um bem, não importando se para isso fosse necessário sacrificar outras fases da obra no decorrer do tempo, já que esta não era vista individualmente, mas sim parte do seu estilo específico (KÜHL, 2004). Lemos (2006) explica que Viollet-le-Duc e “outros arquitetos amantes do passado” (p.70) seguiam este método que priorizava a reintegração ou restauração estilística, que, para alguns autores, denomina-se *restauro mimético*, *imitativo* ou *analógico*. (ELIAS, 2007)

Defendendo a restauração de estilo, segundo esse método, o profissional deve refazer a edificação, visando a perfeição formal, respeitando as características estilísticas e desconsiderando aspectos históricos. A busca pela perfeição permitiria que as partes desaparecidas sejam reconstruídas a partir daquelas existentes. Baseado nos princípios estéticos de completude formal e de unidade estilística, o *restauro mimético*, conforme Martins (1997), difundiu-se não somente na França, mas também na Itália, onde recebeu o nome de *ripristino*.

Por outro lado, na Inglaterra, Ruskin defendia o respeito absoluto pela matéria original, com uma grande preocupação com a manutenção e a prevenção programadas. Principal precursor do *Arts & Crafts Movement* (1880-1910) e mentor do pintor, artífice e ativista contemporâneo William Morris (1834-96), declarava preferir perder um monumento a perpetrar “falsificações” e “destruições totais”, que era como denominava as restaurações de obras antigas. Em defesa da intocabilidade do monumento degradado, Ruskin inaugurou a teoria da restauração romântica, a qual permite a conservação preventiva em primeiro lugar, depois a consolidadora – mesmo que para isto se tenha que utilizar materiais diferentes – e, por último, a morte digna da edificação quando chegar o momento.

Criado dentro de uma severa educação religiosa anglicana, Ruskin parte do princípio de que o homem ao nascer recebe bens em depósito que na realidade não lhe pertencem. Por isso deve fazer uma utilização respeitosa destes. Para ele, a restauração não é uma necessidade, mas uma consequência do descuido dos homens. (ELIAS, 2007, p.1)

A postura de Ruskin influenciou as tendências modernas em matéria de reconstrução e reintegração, além de despertar o interesse para a conservação preventiva. Suas ideias fundamentaram o *restauro romântico*, baseado na

reconstituição sem documentos históricos e composto por intervenções realizadas com certa fidelidade e grande saudosismo. (CASTELNOU, 1992)

De acordo com Choay (2001), foi o arquiteto italiano Camillo Boito (1835-1914), confrontado com as duas doutrinas antagônicas de Viollet-le-duc e Ruskin, quem extraiu o melhor de cada uma para fazer o que chama de “síntese sutil”. Mesmo assim, “Boito, com Viollet-le-Duc, contra Ruskin e Morris, postula a prioridade do presente em relação ao passado e afirma a legitimidade da restauração” (CHOAY, 2001, p.165). Boito forneceu as bases do chamado *restauro científico* ou *filológico*, dizendo que era necessário consolidar antes de reparar e reparar antes de restaurar, evitando assim adições e renovações. Além disso, afirmava que, quando as adições fossem indispensáveis, por razões estéticas ou outros motivos de absoluta necessidade, deveriam ser realizadas sobre informações absolutamente certas e com características e materiais diferentes. (BOITO, 2014)

Para Justicia (1995), Boito tentou uma conciliação entre a teoria de Ruskin e a necessidade do restauro, defendendo, entre outros pontos, a consolidação das partes existentes e não a sua reconstrução. Assim, considerava que as partes incorporadas em restaurações anteriores não deveriam ser removidas ou substituídas, mesmo quando estão em estilo diferente do original, por tratar da autenticidade histórica do monumento.

Boito aceita a crítica radical do teórico inglês, mas evita participar de sua visão fatalista, quanto à condenação a que está submetida a obra de arte com o passar do tempo, não permitindo sua ruína mediante a aplicação de diferentes instrumentos técnicos. (JUSTICIA *apud*, ELIAS, 2007, p.1)

Na virada do século XIX para o século XX, segundo Kühl (2004), entrou em cena o historiador de arte austríaco Alois Riegl (1858-1905), que ofereceu “meios inovadores tanto para a teoria quanto para a prática da preservação dos monumentos históricos” (p.313). Como presidente da Comissão Central para a Arte e os Monumentos Históricos da Áustria, Riegl teve que reorganizar a base legislativa para a conservação dos monumentos locais e, fruto disto, publicou em 1903 *Der moderne Denkmalkultus*² (“O Culto moderno dos Monumentos”); texto que inaugurou

² Riegl organizou sua obra em três capítulos, sendo o primeiro dedicado à apresentação dos valores atribuídos aos monumentos e sua evolução histórica; o segundo tratando dos valores de rememoração e sua relação com o culto dos monumentos; e, finalmente, o terceiro abordando os valores de contemporaneidade e sua relação com o culto dos monumentos. A partir dessa forma de organização do texto, percebe-se que o autor não se propôs a analisar os monumentos em si, mas sim refletir sobre o valor outorgado ao monumento. (REIS E CUNHA *et* KODAIRA, 2009)

a legislação de tutela dos monumentos históricos. Assim, deu passos fundamentais para consolidar a preservação de bens culturais como um campo disciplinar autônomo, o qual deixou de ser apenas uma área de conhecimento “auxiliar” da história da arte.

Em paralelo, nascia na Itália o conceito de restauro histórico, este formulado pelo historiador de arte e arquiteto italiano Lucas Beltrami (1854-1933), o qual reivindicava um papel positivo da restauração, isto é, a redução dos danos provocados pelo tempo. Beltrami considera que a intervenção de restauro poderia ser realizada de forma ampla – e até mesmo inovadora –, desde que fosse sustentada por uma profunda e rigorosa pesquisa dos dados históricos do objeto em questão. Isto constituía um abandono do método científico, já que defendia a predominância sempre dos valores figurativos da obra. Em outras palavras,

[...] quando a unidade figurativa não foi totalmente perdida, o restaurador deve reintegrar as partes faltantes para restituir a unidade e a continuidade formal da obra, porém sem inventar nada. Diferente da restauração romântica, a restauração histórica descarta energeticamente a ideia de que a degradação possa conter qualidades e valores que sejam um acúmulo de significados. Beltrami defende que, quando um dano foi tão grave que destruiu a imagem, é impossível refazê-la, e é esta a diferença entre ele e Viollet-le-Duc. (ELIAS, 2007, p.1)

Observa-se que tanto a restauração científica como a histórica se fundamentam na necessidade da pesquisa objetiva dos fatos ligados à obra a ser preservada e restaurada. Conscientes de que estes fatos se modificam de acordo com a peculiaridade de cada obra, ambas posturas consideram arbitrária e falsificadora qualquer intervenção de caráter pessoal, diferenciando-se portanto do método mimético e também do romântico. A teoria científica ou filológica da restauração encontraria continuidade e mais força com a atuação de outro italiano, o arquiteto Gustavo Giovannoni (1873-1947).

Kühl (2004) explica que, já em pleno século XX, Giovannoni reelaborou a teoria de Boito, propondo uma classificação sistemática dos casos de restauro, identificando os métodos de consolidação, anastilose, liberação, complementação e renovação. Seus escritos acabaram reconhecidos como base para o chamado *restauro científico*, o qual defende que os acréscimos em obras preexistentes necessitam “ser datados e identificados por meio de novos materiais os quais deveriam ser harmonicamente dispostos em relação aos originais”. (LUSO; LOURENÇO et ALMEIDA, 2004 *apud* SILVA, 2013, p.28)

Para Giovannoni, o restauro não pode ser decidido visando apenas sanar problemas estéticos, mas solucionar questões mais complexas e profundas. Para tanto, torna-se necessário um estudo documental e arquivístico que possibilite o conhecimento histórico das modificações às quais o monumento foi submetido ao longo de sua vida, criando-se assim um equilíbrio entre a verdade histórica e os problemas de natureza estética que a obra exige. (ELIAS, 2007, p.1)

Castro (2003) diz que, no início do século XX, as discussões preservacionistas no mundo voltaram-se à necessidade de se estabelecer princípios de validade internacional em relação à questão da intervenção em patrimônio histórico. Entretanto, foi somente no começo da década de 1930 que ocorreu a primeira conferência internacional acerca dos monumentos históricos, cujo resultado foi a *Carta de Atenas* (1931). Marcando o fim da prática da restauração estilística e contemplando com destaque a questão dos centros históricos, este documento internacional enfatizava “a necessidade de se inventariar os monumentos históricos dos vários países e de se incentivar sua preservação”. (CASTRO, 2003, p.40)

Lemos (2006) complementa que foi a partir dessa Conferência de Atenas que se deu início ao chamado *restauro arqueologista*, o qual contraria os métodos anteriores. Neste método, aceita-se tão-somente a pura consolidação de ruínas, não admitindo recomposições fantasiosas ou imitativas, além de permitir o reaproveitamento de espaços através de obras modernas. Ainda,

[...] admite, somente, conforme o caso e a iconografia existente, a anastilose, isto é, a reconstrução baseada nos elementos originais dispersos ainda conservados. Condena também, a demolição gratuita de acréscimos nas “purificações” quando eles possuem valor histórico ou artístico, qualquer que seja a sua época. (LEMOS, 2006, p.72)

Após a *Segunda Guerra Mundial* (1939/45), de acordo com Elias (2009), as teorias de Giovannoni entraram em crise graças às posturas de outros dois teóricos da restauração italiana: Roberto Pane (1897-1987) e Renato Bonelli (1911-2004), os quais realizaram as primeiras formulações verdadeiramente coerentes para a realidade contemporânea. Pane formulou os fundamentos do chamado *restauro crítico*; fruto da duplicidade entre os aspectos históricos e estéticos de uma mesma obra, os quais foram posteriormente aprofundados por Pietro Gazzola (1908-79) e Cesare Brandi (1906-88), além de Bonelli.

Roberto Pane considerava prioritário que, antes de quaisquer intervenções, fosse realizada uma análise crítica que determinasse se o monumento poderia ou

não ser considerado artístico. Somente após este reconhecimento, dever-se-ia recuperá-lo, eliminando todas as partes adicionadas ao longo de sua história e, deste modo, libertando sua verdadeira forma. Sua teoria defende que partes faltantes ou lacunas possam ser preenchidas com a inserção de novos elementos, sem com isto pretender-se recuperar o espírito criador do artista³. (ELIAS, 2009)

Renato Bonelli, por sua vez, descreveu a impossibilidade de recriar o passado, especialmente quando ocorrerem destruições graves – como é o caso dos danos provocados por guerras –, afirmando ser absolutamente impossível recuperar o monumento, pois não se pode reproduzir o ato criador do artista (BONELLI *apud* ELIAS, 2009). Tal postura crítica, segundo Elias (2009), também é a base da teoria histórica, defendida anteriormente por Beltrami, tendo grande repercussão no segundo pós-guerra. Conforme Kühl (2004), a destruição evidenciou os reduzidos instrumentos teóricos empregados para entender os monumentos, dando início a uma nova discussão acerca da preservação, que acabou gerando a *Carta de Veneza* (1964).

Lemos (2006) explica que esse documento – elaborado no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos realizado em 1964 nessa cidade italiana e, a partir daí, adotado pelo *Internacional Council of Monuments and Sites* (ICOMOS) – buscava, além de normalizar internacionalmente os procedimentos de preservação, evitar abusos e que bens artificiais fossem fabricados para substituir bens culturais. Ademais, segundo Sant’Anna (2011), recomendava a valorização do contexto urbano ou paisagístico das grandes criações arquitetônicas, assim como as “obras modestas” que possuíssem “significação cultural”. Passariam a ser reconhecidas como patrimônio “todas as formas de arte e de construção, eruditas ou populares, situadas no meio urbano ou rural, antigas ou relativamente recentes e, ainda, conjunto de edifícios, vilas e cidades”. (SANT’ANNA, 2011, p.4)

Contudo, quem talvez tenha melhor conseguido sintetizar todos esses esforços tenha sido Cesare Brandi (1906-86), o qual, dentro do restauro crítico,

³ Embora a restauração crítica quando analisada superficialmente pareça extremamente permissiva, seu posicionamento teórico é bastante restritivo, determinando limites para que a intervenção não caia na falsificação e não permitindo o restauro de obras, cujo valor artístico deu lugar ao valor documental. Para a restauração crítica, estas teriam um valor puramente arqueológico e não deveriam ser restauradas, mesmo que seja possível sua reconstrução através de uma anastilose. (ELIAS, 2009)

desenvolveu sua *Teoria do Restauro*. De forma geral, definia “restauração” como qualquer intervenção dirigida a devolver a eficiência a um produto da atividade humana, dividindo-a em duas categorias: aquela voltada à manufatura industrial e outra às obras de artes. A primeira – o mero “conserto” – visa devolver a funcionalidade ao produto, sendo bastante distinta dos critérios adotados para a segunda. Para ele, a *restauração* constitui no “momento metodológico do reconhecimento da obra de arte em sua consistência física e em sua dupla polaridade estética e histórica, tendo em vista sua transmissão ao futuro”. (BRANDI, 2002, p.14-15, Trad. Autora)

A instância estética determina a condição artística do produto e a instância histórica o define como um produto da atividade humana, realizado em certo tempo e lugar e que se encontra em certo tempo e lugar. A partir dessas instâncias fundamentais derivarão os princípios que regerão, necessariamente, a restauração em sua execução prática. A contemporização entre essas duas instâncias representa a dialética da restauração. (ELIAS, 2007, p.1)

Cesare Brandi formulou ainda dois princípios de restauração. No primeiro, afirmava que é restaurada somente a matéria da obra de arte, enquanto que no segundo enunciava: “a restauração deve se dirigir ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, sempre que isto seja possível sem cometer uma falsificação artística ou histórica, sem apagar nenhum vestígio da obra de arte no decorrer do tempo”. (BRANDI, 2002, p.17, Trad. Autora)

Carbonara (2006) explica que Brandi foi defensor do já citado restauro crítico, segundo o qual: “o restauro é ato crítico, voltado ao reconhecimento da obra de arte (sem o que o restauro não é restauro), e necessário para superar a dialética das duas instâncias, a histórica e a estética” (p.36). O autor também explica que a restauração terá o seu conceito articulado

[...] não com base nos procedimentos práticos que caracterizam a restauração de fato, mas com base no conceito da obra de arte de que recebe a qualificação [...] pelo fato de a obra de arte condicionar a restauração e não o contrário. (CARBONARA, 2006, p.36)

A teoria de Brandi acabou dando origem à *Carta Italiana del Restauro* (1972); válida ainda hoje e que constitui uma referência fundamental para a prática da restauração. Sua importância ultrapassou os limites da Itália e conduziram a vários desdobramentos, como o Congresso do Patrimônio Arquitetônico Europeu,

ocorrido em outubro de 1975, na Holanda, que resultou em outro importante documento: a *Declaração de Amsterdã* (1975).

Influenciada pela experiência da eficiente recuperação das áreas centrais degradadas da cidade de Bolonha (Itália), além das ideias do engenheiro e arquiteto florentino Marco Dezzi Bardeschi (1934-), essa carta patrimonial sistematizou os princípios da chamada *Conservação Integrada* (CI) – também conhecida como *Conservação Total* (CT) –, a qual deveria ser calcada em medidas legislativas e administrativas eficazes, além de ser considerada como o objetivo principal da planificação urbana e territorial⁴. (FREIRE et VENANCIO, 2008)

Conforme a *Declaração de Amsterdã* (1975), o patrimônio arquitetônico contribui para a tomada de consciência da comunhão entre história e destino, sendo composto de todos os edifícios e conjuntos urbanos que apresentem interesse histórico ou cultural. Assim, extrapola as edificações e conjuntos exemplares e monumentais para abarcar qualquer parte da cidade, inclusive a moderna. Segundo esse documento internacional, o patrimônio é uma riqueza social e, portanto, sua manutenção deve ser uma responsabilidade coletiva⁵. Está justamente nisto a essência da CI⁶.

Para finalizar este panorama geral sobre as teorias de preservação patrimonial, vale destacar a contribuição do belga Jean-Paul Philippot (1960-), que participou ativamente da direção do CENTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS PARA

⁴ Para Bardeschi, segundo Elias (2009), “o único fim da restauração é assegurar a conservação da autenticidade da obra” (p.1). Devido a isto, não se pode eliminar nenhuma das “contribuições” recebidas ao longo do tempo, pois isto faria com que a obra, no caso “monumento”, perdesse o seu valor de testemunho e, por consequência, sua credibilidade. Outrossim, Bonelli, defensor do restauro crítico, acreditava que a conservação integral deixa de lado a estética para considerar a obra de arte como um objeto estratificado ou produto cultural complexo; este repleto de significados de diversos tipos, tais como: “antropológicos, sociológicos, psicanalíticos e semióticos com finalidade técnico-prático”.

⁵ A *Declaração de Amsterdã* (1975) “[...] avança ao considerar que a população moradora dos núcleos históricos deve permanecer em seus locais de moradia após as intervenções de restauração. Reforça a necessidade de uma conservação integrada, associando a ação entre as técnicas de restauração com a pesquisa de funções apropriadas. E coloca como indispensável a informação ao público e o direito de participação popular nas decisões relativas às suas condições de vida”. (RIBEIRO, 2005, p.59)

⁶ A *Conservação Integrada* (CI) corresponde a uma metodologia de intervenção e renovação urbana baseada em uma visão interdisciplinar e multissensorial da cidade, cujos princípios passaram a ser amplamente aplicados nas décadas de 1970 e 1980, inicialmente em cidades do norte da Itália, para depois chegar na França e Espanha; e finalmente no resto do mundo. Basicamente, a CI “serviu como argumento teórico e prático para as administrações municipais de esquerda, visando a criação de uma imagem política de eficiência administrativa, justiça social e participação popular nas decisões do planejamento urbano-regional”. (CASTELNOU, 2007, p.115)

CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DE BENS CULTURAIS – ICCROM desde sua criação em Roma, em 1959, como vice-presidente e depois, até 1977, como diretor. Ele observou que o restauro, na segunda metade do século XX, havia se transformado em uma disciplina cada vez mais científica, além dos estudos críticos da obra de arte, assim como os aspectos manuais ou artesanais que envolvem a intervenção, tinham saído dos limites tradicionais para integrar os estudos das ciências naturais. De acordo com Elias (2009), Philippot

[...] reconhecia a importância dessa evolução, mas considerava um perigo a crença de que a utilização de novas técnicas de pesquisa por si só garantisse o êxito da intervenção [e] considerava que para uma intervenção ser bem sucedida teria que ter uma cooperação interdisciplinar entre o historiador de arte, o restaurador e o cientista. Defendia que uma restauração deve, antes de qualquer coisa, fazer justiça ao estado original da obra e que, salvo casos excepcionais, é possível recuperar a obra deixando-a tal como estava no momento de sua criação. (p.1)

Jean-Paul Philippot reafirmou a imprescindível necessidade de atuação crítica na restauração, além da correta interpretação do tempo em relação à obra de arte e sua intervenção. Tais ideias norteiam até hoje o trabalho de preservação do patrimônio artístico e arquitetônico, mesmo que nas últimas décadas do século XX tenham surgido vários textos sobre restauração, inclusive procurando separar o trabalho em obras de arquitetura das demais obras de arte. Contudo, isto ainda não se mostrou conclusivo e, ainda segundo Elias (2009), hoje persiste a polêmica em restaurar ou não. Para a autora, apesar das reflexões teóricas terem produzido linhas de conduta que norteiam a atividade profissional, elas não são amplamente compreendidas e utilizadas. Vive-se atualmente um momento em que, de alguma forma, coexistem vários “critérios”, o que conduz tanto a bons como maus resultados em termos de preservação patrimonial.

2.3 Como Preservar

Preservar o Patrimônio Cultural significa voltar o olhar para o passado e salvaguardar tudo o que foi importante na história daquela comunidade, mas também significa viver no presente com mais qualidade e garantir que, no futuro, as próximas gerações conheçam e enriqueçam ainda mais o patrimônio de seu povo. Tal colocação diz respeito ao conceito de sustentabilidade socioambiental que se disseminou a partir do último quartel do século passado e vem cada vez mais se

afirmado como meta mundial desde o início desse novo milênio. Lemos (2006, p.29) afirma que a justificativa para a preservação patrimonial está no fato que se deve “garantir a compreensão de nossa memória social preservando o que for significativo dentro de nosso vasto repertório de elementos componentes do Patrimônio Cultural”.

Ainda de acordo com Lemos (2006), há muitas alternativas para salvaguardar o bem cultural, o que envolve desde inventários até tombamentos, passando pela criação de normas urbanísticas. Em relação à atitude de preservar, Kühl (2006) *apud* SILVA (2013) afirma que:

Em alguns ambientes culturais, tais como no Brasil e na França, existe um sentido lato associado à palavra preservação, que pode abranger métodos, procedimentos [...] como manutenção, conservação e restauração [...] formas legais e políticas voltadas à proteção e perpetuação da memória num sentido amplo. (p.11)

Segundo Castelnou (1992), estariam sujeitas a tombamento histórico quaisquer obras que representem a memória urbana, por questões arquitetônicas, simbólicas e/ou sentimentais, podendo ser definido o *tombamento* como é um ato administrativo realizado pelo Poder Público que visa preservar e impedir que sejam destruídos bens que tenham valor para a população. (IPHAN, 2015)

A outra forma administrativa de preservação denomina-se *inventário*, que é realizado pelas diversas instâncias do INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL – IPHAN e tem por objetivos identificar, documentar e registrar sistematicamente os bens culturais expressivos da diversidade cultural brasileira, utilizando como metodologia prevista o INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS – INRC (2000). No entanto, Lemos (2006) defende que a opção mais eficaz de preservação é manter o edifício em uso constante, o que torna fundamental o conhecimento das possibilidades de intervenções que possibilitem e incentivem o uso das edificações históricas.

As edificações estão sujeitas à obsolescência física – em decorrência de causas naturais, agentes meteorológicos ou biológicos, ação humana, entre outros – e à obsolescência funcional – decorrente das mudanças socioeconômicas da sociedade. De acordo com Castelnou (1992), existem basicamente duas formas de intervenção arquitetônica que visam sanar o mau estado de construções obsoletas: a conservação e a reconstrução.

A *conservação*, conforme Suzuki (2014), consiste na preservação do patrimônio do modo em que este foi encontrado, sem adição de partes ou novos usos. Conservar é um trabalho contínuo de manutenção que ocorre por meio de uma intervenção física na própria matéria de uma edificação para assegurar sua integridade estrutural ou estética (FITCH, 1981). Por sua vez, Castelnou (1992) diz que a *reconstrução* é um “re-feitio a partir da reprodução de partes destruídas, da construção de réplicas ou da substituição de elementos desaparecidos” (p.266) em busca de um passado arquitetônico perdido.

Há ainda outros tipos de intervenção em obras preexistentes, como a restauração, a revitalização, a reciclagem e o *retrofit*. Além disso, vale ressaltar que a preservação também traz algumas vantagens. Leal (1977) explica que a *restauração* ou *restauro* é resultado da combinação do estudo minucioso do caso – analisando os elementos subsistentes, a documentação escrita ou iconográfica e os conhecimentos gerais técnico-artísticos do passado – aliado a intuição e a sensibilidade dos técnicos que vão executá-la. Como resultado, a restauração pode fazer o monumento voltar à sua feição original ou mostrar a passagem do tempo. Por fim, deve ser possível sua reversibilidade, que é a possibilidade de retornar ao estado anterior à restauração. (SUZUKI, 2014)

Já em relação às revitalizações e reciclagens, Castelnou (1992) expõe que, em termos econômicos, tais intervenções custam menos investimento financeiro e tempo do que uma demolição realizada para a construção de um novo prédio. Cantacuzino (1989) recorda que “até a Revolução Industrial o mais comum era que edifícios fossem adaptados a novos usos; somente [depois] que passou a ser mais habitual demolir e construir novamente” (p.8, Trad. Autora). A *revitalização* consiste na “reestruturação de um conjunto urbanístico ou obra arquitetônica que visa reabilitá-la, caso esta esteja se deteriorando ou mesmo em desuso” (CASTELNOU, 2014, p.97). Nesta intervenção, permite-se que alguns elementos sejam reformulados ou acrescentados, e que novos usos sejam propostos – a única ressalva é que seja mantido o caráter⁷ original, mesmo que parcialmente.

⁷ O caráter de um objeto arquitetônico, segundo Castelnou (1992), é “derivado de um conceito precedente, ou melhor, das ideias, intenções, preocupações e significações as quais o arquiteto procurou priorizar e seguir [...] é igualmente originado do espírito de uma época, dos valores de uma sociedade, das ressonâncias de uma moda ou inclusive de um empenho individual-criativo de seu autor”. (p.266)

A intervenção denominada *reciclagem* ou *reconversão* consiste em uma modificação de uso da edificação através da provisão de uma infraestrutura adequada às novas funções propostas. Fitch (1981) explica que este novo ciclo de utilização da obra pode ser feito não somente com a mudança de utilização da mesma como da sua forma e até caráter. Ainda, como afirma Devecchi (2010) *apud* SILVA (2013), esse processo de reconversão pode envolver outros processos, como o restauro e o *retrofit*.

De acordo com Barrientos (2004), *apud* Quelhas *et* Moraes (2012), a palavra “retrofit” nasceu da união dos termos *retro* – do latim, que significa “movimentar-se para trás” e *fit* – do inglês, que significa “adaptação, ajuste”. Assim, neste tipo de intervenção ocorre uma revisão das características de uma obra arquitetônica, procurando atualizá-las, ou seja, há uma “modernização das instalações e infraestrutura, atendendo às novas demandas, ao mesmo tempo em que se mantêm características originais do partido arquitetônico”. (ABCEN, 2014, p.13)

Segundo Castelnou (1992), o início da prática da reciclagem deu-se a partir da década de 1960 – principalmente devido ao despertar ecológico e histórico promovido pelo pós-modernismo –, de forma que houve um resgate do patrimônio ao mesmo tempo em que se atendesse às demandas por economia energética e diminuição do impacto ambiental. Quelhas *et* Moraes (2012), por sua vez, explicam que a o processo do *retrofit* surgiu a partir do final da década de 1990, na Europa – com destaque para Itália e França – e nos EUA; países estes cuja legislação não permitia que seu rico acervo arquitetônico fosse substituído.

Além de ser uma forte ferramenta em prol da sustentabilidade do sítio arquitetônico também pode contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da cidade, como pôde-se notar na valorização no bairro do SoHo em New York ou nos índices franceses da construção civil, onde atesta-se que o *retrofit* corresponde a 53% do mercado de construção deste país. (BRIT, 2000 *apud* CIANCIARDI *et* BRUNA, 2004, p.115)

Segundo Maia (2000), também citado por Cianciardi *et* Bruna (2004), a solução arquitetônica do *retrofit* pode ser considerada em duas situações distintas. Uma delas é quando a recuperação tem o custo reduzido em comparação com a construção nova; e quando é o caso de uma edificação histórica para qual o *retrofit* criaria melhores condições para novas funções, facilitando seu uso atualizado. Cianciardi *et* Bruna afirmam que, em ambas situações,

[...] existe um sentido de renovação integral do edifício e sua perfeita adequação às necessidades dos atuais usuários, com a reestruturação dos sistemas prediais onde pode-se implementar soluções de domótica no controle do gasto energético, segurança e conforto, na introdução de sistemas de telefonia e cabeamento para informática, instalação de *sprinklers* e demais itens de segurança contra incêndio (se inexistente), além da reforma ou substituição de todo sistema hidráulico e elétrico do edifício; também objetiva a renovação dos materiais de revestimentos, quando necessários, sem que se altere a feição original do edifício no caso das edificações históricas. (CIANCIARDI et BRUNA, 2004, p.115)

A propósito, deve-se atentar para o fato de que, seja qual for a intervenção que será feita em uma edificação preexistente, é necessário que haja uma harmonização, a qual, de acordo com Castelnou (1992), pode ocorrer em três graus. Considera-se *radical* o nível de intervenção que ocorre “quando os novos elementos intencionalmente contrastam com o existente” (p.267), enquanto o nível *equilibrado* é identificado quando há uma associação harmoniosa entre a intervenção e a obra original. Por fim, diz-se que a interferência é *sutil* “quando há um respeito completo ao que existe previamente [sendo] muitas vezes bastante difícil identificar o que foi reformulado”. (CASTELNOU, 1992, p.267)

Ainda, além dos graus de intervenção sobre a obra que já existe, há as relações de composição defendidas por Gracia (2001) *apud* Castro (2002). A relação de *inclusão* ocorre quando o edifício antigo contém o novo – em alguns casos, preserva-se somente as fachadas do monumento –, enquanto que a relação de *intersecção* está presente quando somente parte do novo se insere no antigo – definindo a coexistência de formas e estilos distintos. Por último, a relação de *exclusão* dar-se-ia quando o novo e o antigo são independentes, porém integrados. Concluindo, Castro (2002) *apud* SAVI (2009) coloca: “o novo terá como encargo potencializar o antigo e do antigo deve brotar o vigor do novo”. (p.57)

2.4 Preservação no Brasil, Paraná e Curitiba

No século XVII, o fidalgo português Conde de Galveias (1668-1753) escreveu ao então governador de Pernambuco uma carta na qual criticava o projeto que transformara o Palácio das Duas Torres em um quartel, afirmando que era imprescindível a manutenção da integridade daquela obra holandesa, para ele, um verdadeiro troféu de guerra. Com isto, Lemos (2006) relata que o citado Conde passou a ser considerado o pioneiro a ter preocupações de preservação no Brasil,

apesar de seu desabafo não ter tido nenhuma consequência, pois, naquela época, as autoridades escolhiam o silêncio total perante a lenta destruição que se sucedeu por muito tempo. Pouco foi poupado do patrimônio português, holandês e espanhol, incluindo aqui até documentos e papéis importantes para a história nacional.

Leal (1977) defende que cada país deve se orientar pelas diretrizes internacionais, mas sem deixar de respeitar suas singularidades, traçando também suas próprias normas de preservação da sua memória. Uma das características significativas do patrimônio brasileiro é que seus monumentos mais antigos datam da segunda metade do século XVI – ou do seguinte –, bastante diferente de países europeus e suas obras milenares.

Se nos países europeus, de civilização milenária, a superposição de elementos arquitetônicos de épocas diversas, de estilos diferentes, como é o Caso da Igreja do Convento de Alcobaça em Portugal – obra do século XII que teve sua fachada alterada no século XVII [...] apresentava problemas de vulto para os critérios de retirada de elementos sobrejacentes, o mesmo não ocorre com igual intensidade no Brasil. (LEAL, 1977, p.132)

Kersten (2000) explica que somente com a chegada da família real em 1808, no Rio de Janeiro, foi que realmente se iniciaram as preocupações em preservar alguns bens – sendo estes somente aqueles relacionados à colonização portuguesa, já que o restante foi ignorado. Contudo, foi o início do século XX que trouxe as maiores mudanças ao país – como o crescimento das grandes cidades, a melhoria das comunicações, o desenvolvimento das técnicas e a racionalização das relações sociais⁸ –, as quais, somadas a fatores internacionais, como a *Primeira Guerra Mundial* (1914/18), deflagraram a “busca da identidade da nação brasileira, nas expressões artístico-culturais, na literatura, na arquitetura”. (KERSTEN, 2000, p.54)

De fato, segundo Lemos (2006), no decorrer da História do Brasil, o patrimônio nacional permaneceu negligenciado até a República Nova, em meados da década de 1930, quando começaram a surgir os primeiros projetos de lei visando salvaguardar a memória do país. Foi somente em 1936 que foi redigido, pelo escritor

⁸ Com isso, foi também no começo do século passado que apareceram debates sobre a questão da formação do caráter e identidade nacionais, o que pode ser exemplificado pelo *Movimento Neocolonial*, que buscava um estilo genuinamente brasileiro. Este foi defendido pelo historiador de arte e então diretor da *Sociedade Brasileira de Belas Artes*, José Mariano Filho (1881-1946), o qual encontrou vários discípulos. (CASTELNOU, 2014)

paulistano Mário de Andrade (1893-1945), um projeto de destaque – um tanto inovador e até assustador para as autoridades da época –, cujo texto dizia:

Entende-se por Patrimônio Artístico Nacional todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares e estrangeiros, residentes no Brasil. (LEMOS, 2006, p.38)

Lemos (2006) explica que Mário de Andrade procurou abranger a totalidade de bens do Patrimônio Cultural ao usar a expressão “obras de arte”, que tem amplo significado. Apesar disto, em janeiro de 1937 – ano seguinte à formulação do projeto relatado –, foi criado o *Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (SPHAN) – hoje, *Instituto*, ou seja, IPHAN –, que já pelo nome denunciava não estar seguindo totalmente a redação de Andrade, pois se referia a dois “patrimônios” específicos; e não ao todo.

Durante seus primeiros trinta anos, essa importante entidade preservacionista adotou as primeiras medidas efetivas de proteção de monumentos isolados no país. Entretanto, preocupava-se fundamentalmente com o estudo e análise da arte brasileira e a institucionalização da preservação no Brasil, relegando as questões conceituais e metodológicas a um plano secundário. Foi somente uma segunda geração de arquitetos do IPHAN, liderada principalmente por Lúcio Costa (1902-98), que começou a cobrar do órgão uma orientação unificada e colocar em prática o preservacionismo no país. (CASTELNOU, 2014)

Londres (2000) afirma que foi apenas em meados da década de 1970 que os critérios adotados pelo IPHAN passaram por reavaliações. Como resultado, surgiu uma nova perspectiva para a preservação de bens culturais no país, além de se institucionalizar a noção de “referência cultural”.

Só muito recentemente a defesa de valores como a qualidade de vida, a proteção do meio ambiente, e a preservação de referências culturais que não apenas as de valor “excepcional” (leia-se, do ponto de vista daqueles que detém o poder de assim defini-las), passou a ser entendida como direito do cidadão, que pressiona o poder público no sentido de assegurar para si o gozo desses direitos. As referências culturais de grupos antes sem voz própria (as chamadas “minorias”) começam a ser reconhecidas nos textos legais como objetos de direitos. (LONDRES, 2000, p.15)

Kersten (1998) complementa que, ainda nos anos 1970, na administração do novo diretor do recém denominado IPHAN, foi elaborado o *Compromisso de Brasília*,

que foi um documento redigido a partir do *I Encontro de Governadores e Prefeitos*, cujo tema foram as ações de preservação. Um dos destaques desta carta patrimonial foi a inclusão de “matérias que versassem sobre patrimônio nacional nos currículos do ensino primário, médio e superior” (p.94). Em 1988, com elaboração da nova Constituição do Brasil, ainda em vigor, ficou evidente que a preservação deve acontecer independente dos tombamentos, havendo assim uma retomada das propostas de Mário de Andrade para o Patrimônio Nacional. (KERSTEN, 1998)

Ainda segundo Kersten (1998), na chegada da década de 1990, com a primeira eleição direta para Presidente da República, foram frustradas as expectativas de que o novo cenário político iria modernizar e desburocratizar o aparelho governamental. Ao invés disso, as “instituições e órgãos públicos foram desmontados, alegando-se os benefícios da descentralização, enfraquecendo assim o aparato administrativo do Estado brasileiro”. (p.106)

Mais especificamente, no que diz respeito ao Paraná, as atitudes em relação à preservação do patrimônio foram balizadas pelos acontecimentos nacionais, apresentando, contudo, características únicas. Kersten (1998) afirma que devido à sua postura de inovação, Curitiba manteve a liderança da política preservacionista no Estado, tendo resultados efetivos na recuperação de algumas edificações referenciais à memória do cotidiano da cidade. De acordo com a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná (PARANÁ, 2015): “as primeiras iniciativas de proteção do acervo cultural do Paraná ocorreram em 1938, com o tombamento nacional de inúmeros bens” (p.1), como, por exemplo, a Igreja de São Francisco das Chagas, em Paranaguá – que em 1962 foi novamente tombada, desta vez pelo Estado do Paraná, em seu primeiro tombamento.

Já a capital paranaense, Curitiba, teve a sua primeira preocupação formal com o patrimônio cultural somente em 1941, na ocasião do tombamento federal dos acervos do Museu Paranaense e David Carneiro. (IPPUC, 2015). Em 1966, segundo Kersten (1998), foi aprovado um novo Plano Diretor que beneficiou a cidade com medidas efetivas de proteção sobre edificações e houve a realização de alguns tombamentos. Já no início da década de 1970, foi desenvolvido a partir de trabalhos do arquiteto Cyro de Lyra, o *Plano de Revitalização do Setor Histórico de Curitiba* – “além de tombar imóveis, visou ordenar seu crescimento e humanizar os espaços urbanos”. (KERSTEN, 1998, p.166)

Em 1971, segundo o INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC (2015), foi criado, por meio do Decreto n. 1.160, o Setor Histórico de Curitiba. Ainda, a partir desse ano, além da restauração e da preservação, passou a ser incentivada a reciclagem dos imóveis de valor histórico, arquitetônico e cultural da cidade. Durante a primeira gestão do prefeito Jaime Lerner (1937-), entre 1971 e 1974, em 05 de janeiro de 1973, foi criada a FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA – FCC, que nasceu do processo de transformações urbanas vivenciado pela cidade nas décadas anteriores, envolvendo, além de uma série de ações de planejamento, uma política de preservação da cultura e da história da cidade.

A definição do Setor Histórico, a criação do Centro de Criatividade de Curitiba e a inauguração do Teatro do Paiol, no início dos anos 1970, contribuíram para amadurecer a proposta de um órgão municipal específico para gerenciar as atividades culturais – até então, a cargo do Departamento de Relações Públicas e Promoções da Prefeitura. (FCC, 2015, p.1)

Ao *Teatro Paiol* – surgido a partir da reciclagem do antigo depósito de pólvora construído em 1874 no Prado Velho – e ao *Centro de Criatividade de Curitiba* (CCC) – que foi criado a partir do reaproveitamento do prédio de um curtume desativado no parque São Lourenço –, seguiu-se a *Casa Romário Martins* (1973), transformada em posto de informações do setor histórico e centro de pesquisas sobre a cidade. (DUARTE et GUINSKI, 2002)

Durante a gestão do prefeito Saul Raiz (1930-), entre 1975 e 1978, executou-se o *Plano do Acervo da Região Metropolitana de Curitiba*, pela COORDENAÇÃO DA REGIÃO METROPOLITANA DE CURITIBA – COMEC, junto ao INSTITUTO DE PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES, em 1977, que identificou, classificou e propôs usos e formas de preservação às edificações mais significativas do núcleo histórico, totalizando mais de 360 unidades. Criado em 1978, mas inaugurado oficialmente somente em 1980, logo após a visita à Curitiba do papa João Paulo II (1920-2005), o *Bosque do Papa*, como ficou mais conhecido, nasceu de uma área remanescente da antiga chácara de Júlio Garmatter, em cujos arredores havia a fábrica de velas Estearina. Em uma de suas clareiras, está instalado o *Memorial da Imigração Polonesa*, o qual reconstitui o ambiente em que viveram os pioneiros imigrantes poloneses e mantém um calendário de comemorações ligadas às tradições desse povo, funcionando como um museu ao ar

livre, composto por várias edificações⁹. Conforme Macedo *et* Tanaka (2003), pode ser considerado um dos primeiros parques temáticos do país.

No início da segunda gestão de Lerner como prefeito, em 1979, através do Decreto n. 1.547, criou-se o Setor Especial das UNIDADES DE INTERESSE DE PRESERVAÇÃO – UIPs, cujo objetivo foi proteger 586 imóveis importantes para a história da capital paranaense (IPPUC, 2015, p.1). Kersten (1998) defende que a criação desse Setor, ao incentivar a preservação e a revitalização de edificações, “pretendeu recuperar o que considerou os verdadeiros testemunhos da memória de Curitiba”. (p.170)

A reciclagem de áreas históricas dá novos usos para espaços tradicionais. Na rua das Flores, o prédio da Confeitaria Schaffer, queimado num incêndio, é recuperado com a participação da iniciativa privada. Novas lojas e restaurantes são construídos no edifício, que ganha um cinema público: o cine Groff. A Prefeitura refaz o calçamento do largo da Ordem e transforma em núcleo cultural a antiga casa do Barão do Cerro Azul, que abrigava um quartel do Exército. No Solar do Barão passam a funcionar cursos de música e artes plásticas. (DUARTE *et* GUINSKI, 2002, p.218)

Em 1981, criou-se o *Museu de Arte Sacra* em um anexo à igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Chagas, que passou a abrigar relíquias barrocas das quatro principais igrejas do centro histórico. Em 1982, a antiga *Estação Ferroviária* foi transformada em *Museu da Ferrovia* e, no ano seguinte, inaugurava-se o primeiro grande centro de compras da cidade, o *Shopping Center Mueller*, que aproveitou a fachada de um prédio antigo, no qual funcionava a *Fundição Irmãos Mueller*. Foi também nesse ano, o último da segunda gestão de Lerner como prefeito, que, segundo o IPPUC (2015), a Lei do Solo Criado (Lei n. 6.337) criou o incentivo construtivo para a preservação de imóveis de valor cultural, histórico ou

⁹ A *Casa Pianowski* – ou *Casa de Troncos* –, edificada originalmente em 1883 pelos imigrantes e para aqui transladada, foi transformada em capela que homenageia a Nossa Senhora de Montes Claros, a Virgem Negra de Czestochowa, padroeira da Polônia. O *Museu da Habitação*, montado na *Casa Kryzanowski*, possui móveis, equipamentos e utensílios usados pelos imigrantes, como uma pipa de azedar repolho. O *Museu Agrícola*, instalado na *Casa Gembarowski-Pathecki*, expõe uma velha carroça, o abanador de cereais e o amolador de pedra gasta entre outras peças. A *Casa Maslczuk* – ou *Casa de Eventos* – foi transplantada para cá em 1985. Ao todo, são sete casas originais, construídas com troncos de pinheiro encaixados, que foram transportadas das colônias Thomaz Coelho, no vale do Passaúna; e Muricy, em São José dos Pinhais, para o local e assentadas em alicerces de alvenaria de tijolos, com gateiras de metal, parcialmente encobertos por taludes gramados, como precaução contra a umidade. O conjunto dispõe-se em um pátio calçado em pedras, reproduzindo uma aldeia polonesa. Há ainda uma loja de lembranças e artesanato típico; e uma série de eventos, que inclui a *Swieconka* – ou *Bênção dos Alimentos* –, que ocorre no Sábado de Aleluia. (FENIANOS, 2003).

arquitetônico. Tal incentivo permitiu um avanço significativo no trato e na recuperação do patrimônio cultural edificado da cidade.

A partir dessas determinações, os proprietários das edificações definidas como UIPs tiveram a possibilidade de receber incentivos fiscais, tais como a suspensão do Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU, desde que recuperassem e preservassem seus imóveis. (KERSTEN, 1998, p.170)

No início do terceiro mandato de Lerner como prefeito de Curitiba, em 1989, houve a instalação do *Museu da Imagem e do Som* no prédio eclético da rua Barão do Rio Branco, construído entre 1870 e 1890, em que funcionava a sede do governo estadual até 1938, reunindo um grande acervo de discos, fotografias, partituras, depoimentos em vídeo e fitas referentes a artistas paranaenses e nacionais.

Nos anos 1990, com uma população de cerca de 1.400.000 habitantes, a capital passou a conviver diariamente com as questões ambientais, ao mesmo tempo em que via nascer seus maiores símbolos de *city marketing*. Parques, bosques temáticos e memoriais homenageariam as várias etnias que compunham sua população e, em 1993, comemoraria seus 300 anos de fundação com a fama de ser a capital brasileira com a melhor qualidade de vida do país, sem contudo deixar de enfrentar os problemas relativos ao seu crescimento e da RMC. (CASTELNOU, 2015, p.432)

Em 1992, com a criação do *Serviço de Patrimônio Histórico* (SPH) do IPPUC, houve um avanço para a preservação de bens edificados de valor cultural, artístico ou arquitetônico em Curitiba, os quais poderiam continuar recebendo incentivo construtivo, conforme previa a Lei do Solo Criado, datada de uma década atrás. Agindo em conjunto com a *Comissão de Avaliação do Patrimônio Cultural* (CAPC), o SPH proporcionou a restauração, revitalização e adaptação a novos usos de edificações consideradas acervo da memória curitibana, estas levantadas a partir de um estudo feito, entre 1985 e 1989, pela FCC; e revisado, entre 1990 e 1991, pelo *Setor de Uso do Solo*, resultando em cinco volumes que norteariam os trabalhos¹⁰.

¹⁰ A atualização do acervo cultural, histórico e arquitetônico da cidade, realizado pela FCC com apoio do IPPUC, resultou na relação de imóveis que considerou: aqueles existentes no acervo ou que haviam sido excluídos de algum dos decretos (listagens anteriores); o *Setor Histórico* da cidade (prioritário); as ruas XV de Novembro e Barão do Rio Branco (prioritárias), os marcos referenciais; os imóveis situados nos caminhos antigos e nas colônias que se localizavam ao redor deles; as construções remanescentes da época em que houve os diferentes ciclos econômicos; os encontros das áreas chamadas prioritárias tendo como princípio a quantidade de exemplares por área; os imóveis isolados que constituem exemplar único de determinada arquitetura; e os bens tombados pela *Secretaria do Estado da Cultura*. (CASTELNOU, 2005, p.439)

Entre as obras que passaram a abrigar espaços culturais nessa época, pode ser citada a do antigo solar da família Paula França, na rua Duque de Caxias, que foi sede do *Goëthe Institut* e, em 1992, reinaugurado como o *Solar do Rosário*, um centro cultural que abriga espaços para exposições, galeria de arte e livraria. Em 1993, a loja de ferragens construída pelo alemão Wilhelm Peters, no largo da Ordem, virou a *Casa Vermelha*, destinada a espetáculos teatrais e musicais. Também data desse período a inauguração do *Palácio Avenida*, considerado o primeiro prédio de concreto armado do Paraná, erguido em 1929, na esquina da avenida Luiz Xavier com XV de Novembro, o qual foi restaurado e reciclado pelo *Banco HSBC Bamerindus*. Além destes, há muitos outros exemplos de preservação em Curitiba, que avançaram nos anos 1990 e 2000¹¹ (CASTELNOU, 2005)

Fernandes (2013) afirma que por muito tempo a cidade foi elogiada como “modelo”, pois, ao invés de tombar alguns poucos prédios essenciais à memória da cidade, a política curitibana conseguiu salvar quadras e ruas inteiras, apenas monitorando e orientando proprietários, ao mesmo tempo em que aplicava os incentivos. Atualmente, no entanto, a postura de Curitiba vem sendo questionada. As críticas vêm surgindo pelo fato de ainda não existir uma lei de tombamento – e sim apenas um decreto sem a força necessária para realmente preservar um imóvel –, além da deturpação dos recursos de incentivo à preservação – que passaram ser sinônimo de lucros financeiros.

Difícil não culpar a prefeitura pelo atual estado das coisas. Em uma década, pouco a pouco o setor de Patrimônio do IPPUC foi sendo desmantelado, a ponto de perder a expressão. Especialistas em patrimônio, concursados na prefeitura, não tiveram seus pareceres reconhecidos, o que poderia impedir a demolição de imóveis como o Hospital Bom Retiro e a fábrica da Matte Leão, entre outros, numa flagrante derrota da memória. (FERNANDES, 2013, p.1)

¹¹ O *Solar dos Guimarães*, construído no final do século XIX, na esquina das ruas Mateus Leme e Treze de Maio, foi transformado em 1993 no *Conservatório de Música Popular Brasileira*; um grande centro de pesquisa, documentação e estudos sobre MPB. No *Bosque da Fazendinha*, inaugurado em 1995, a antiga casa da família Klemtz, construída na chácara em 1896, em estilo classicista e que conserva alguns de seus móveis, transformou-se em liceu de artes e de restauro, administrado pela *Fundação de Ação Social (FAS)*. No *Bosque do Alemão*, aberto em 1996, instala-se a fachada da *Casa Mila*, uma moradia construída por imigrantes alemães na rua Barão do Cerro Azul, no final do século XIX, e que havia sido demolida. Também foi deste ano a construção do *Memorial da Cidade*, no largo da Ordem; e a inauguração do *Shopping Curitiba*, também fruto de reciclagem. No final de 1997, nasce o *Estação Plaza Show*, considerado o primeiro *shopping* de lazer do país, criado a partir da reciclagem da antiga estação ferroviária; e posteriormente remodelado (CASTELNOU, 2005). O exemplo mais recente foi a reabertura do *Paço da Liberdade*, na praça Generoso Marques, antiga prefeitura, entregue totalmente restaurado em 29 de março de 2009.

3 CONCEITUAÇÃO GERAL SOBRE CAFÉS CULTURAIS

3.1 O Café e a Origem das Cafeterias

De acordo com Carneiro *et* Menezes (1997), o estudo da alimentação tem um campo extremamente amplo, o que torna necessário categorizá-lo em cinco enfoques: biológico, econômico, social, cultural e filosófico. O enfoque biológico aborda os conhecimentos científicos acerca da alimentação, obtidos a partir de estudos de campos como os da medicina e da nutrição. Já o enfoque econômico é voltado aos estudos das disciplinas de Antropologia, História e Geografia; e a subdivisão social, por sua vez, relaciona o alimento e seu impacto na sociedade.

Entretanto, no que se refere ao consumo do café, conforme esses mesmos autores, são os dois últimos enfoques – cultural e filosófico – aqueles mais importantes. O estudo com viés cultural está voltado à forma com que os alimentos são preparados e consumidos, assim como as atitudes, sentimentos e lugares relacionados a esses atos. E, por fim, o estudo filosófico da alimentação é voltado ao valor do prazer de comer e a não necessidade de se alimentar.

Comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário, é a origem da socialização, pois, nas formas coletivas de se obter a comida, a espécie humana desenvolveu utensílios culturais diversos, talvez até mesmo a própria linguagem. (CARNEIRO, 2005, p.71)

Carneiro (2005) afirma ainda que a comida possui diversos significados – desde religiosos até políticos – e um de seus significados culturais fundamentais refere-se à “capacidade de alguns produtos alimentarem não apenas o corpo como também o espírito: os alimentos-drogas” (p.74). Desta forma, Um “alimento-droga” seria aquele que possui efeito psicoativo, como ocorre, entre outros, com os álcoois e os excitantes possuidores de cafeína – sendo o café o melhor exemplo.

O café, desde a sua chegada ao Brasil no século XVIII e sua consolidação como principal produto de exportação a partir de então, desempenhou um papel importante no desenvolvimento do país, interferindo em rumos políticos e econômicos. Em termos gerais, pode-se dizer que o café criou e povoou cidades, moldando costumes e hábitos, além de formar classes sociais e constituir uma

verdadeira “cultura do café”, a qual se faz presente em várias instâncias da sociedade e economia brasileiras. (SANDALJ, 2003 *apud* FARIAS *et al.*, 2013)

Soma-se a isso o fato do país ser um destaque internacional, já que é o maior produtor mundial de café, produzindo cerca de 1/3 de todo o café consumido no planeta (Figura 3.1), o que equivale a aproximadamente 22,5 milhões de sacos por ano¹ (CHAVENA, 2012; CIPERSKI, 2012). Além disto, ocupa o sétimo lugar no *ranking* dos países que mais consomem a bebida, cuja lista é liderada pelos países escandinavos. Cada brasileiro consome, em média, 5,6 kg de café por ano². (LER SAÚDE, 2013)

Segundo Farias *et al.* (2013), o café destaca-se entre as bebidas mais consumidas pelos brasileiros graças aos seus hábitos de consumo, ao prazer e ao sabor. Ainda, o costume de tomar café reúne uma série de fatores sociais e comportamentais e, em geral, é consumido sob forte impacto social, já que guarda um simbolismo, ao mesmo tempo, cultural e místico. Conforme Cinotto (2011), o consumo em massa do café iniciou-se após as Guerras Napoleônicas (1803/15), como resultado do crescimento mundial da produção – em 1850, o Brasil era responsável pela metade da produção mundial – e do processamento industrial. A queda do preço fez com que o café se tornasse a bebida diária dos trabalhadores urbanos da Europa e EUA. Assim, apesar de originalmente ter sido considerado uma bebida exótica das elites, Montanari (1994) *apud* Intile (2007) afirma que, rapidamente, tornou-se a primeira mercadoria consumível a ser desejada e acessível a todos as camadas da sociedade³.

¹ Em 2012, segundo dados de pesquisa da *National Geographic*, os dez países que eram os maiores produtores de café do mundo eram, em ordem decrescente de produção (em milhões de sacos de café por ano): Brasil (22,5), Colômbia (10,5), Indonésia (6,7), Vietnã (5,8), México (5,0), Etiópia (3,8), Índia (3,8), Guatemala (3,5), Costa do Marfim (3,3) e Uganda (3,0). (CHAVENA, 2012; CIPERSKI, 2012)

² De acordo o infográfico publicado pelo *site* Ler Saúde (2013), os países que mais consomem café no mundo são, em ordem decrescente de consumo anual (em kg/pessoa): Finlândia (12,0), Noruega (10,0), Suécia (8,4), Holanda (8,2), Canadá (6,5), Itália (5,9) e Brasil (5,6).

³ Antes de o café ser introduzido na Europa, os alimentos e bebidas que os nobres consumiam nunca poderiam ser consumidos pelos trabalhadores e vice-versa. Assim, por ser consumido por todos os públicos, o café acabou se tornando símbolo de igualdade e, como defende Hattox (1985) *apud* Intile (2007), esta foi a mudança mais radical trazida pelas casas de café – iniciadas ainda nas pioneiras cafeterias muçulmanas chamadas *Kaveh Kanés* e que permitiam a entrada tanto de cristãos como de judeus.

Taunay (1939), citado por Farias *et al.* (2013) explica que a origem das cafeterias encontra-se nas denominadas *Kaveh Kanes*, as quais surgiram em Meca, na Arábia Saudita; e tornaram-se populares devido à proibição do consumo de álcool pela religião muçulmana. Essas pioneiras casas de café transformaram-se

[...] em casas onde era possível se passar a tarde conversando, ouvindo música e bebendo café. A bebida conquistou Constantinopla, Síria e demais regiões próximas. As cafeterias tornaram-se famosas no Oriente pelo seu luxo e suntuosidade e pelos encontros entre comerciantes, para a discussão de negócios ou reuniões de lazer. (TAUNAY, 1939 *apud* FARIAS *et al.*, 2013, p.23)

O primeiro estabelecimento aberto ao público denominado *Café* surgiu na Turquia em 1475, onde o “hábito do café” popularizou-se, transformando-se em ritual de sociabilidade. Com o nome de *Kiva Han*, segundo Martins (2009), também citado por Farias *et al.* (2013), o primeiro café foi um marco do consumo generalizado da bebida. Contudo, foi a partir de 1615 que o café, trazido dos países árabes por comerciantes italianos, conquistou definitivamente a Europa. (ABIC, 2015)

Standage (2005) explica que no século XVII, com o surgimento das cafeterias, finalmente aparecia uma alternativa ao álcool – como a água não era potável, as pessoas costumavam consumir bebidas alcoólicas desde o desjejum até o jantar. Assim, com a nova opção, as pessoas que consumiam café já começavam o dia alertas e estimuladas, ao invés de relaxadas e embriagadas, fazendo com que a qualidade de seu trabalho melhorasse. Com isso, Smith (1995) *apud* Intile (2007) complementa que, diferentemente das tavernas que serviam álcool, as cafeterias ofereciam um produto que promovia o pensamento racional e lúcido, tornando o ambiente ideal para negócios.

Especialmente em Veneza, na Itália, de acordo com a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO CAFÉ – ABIC (2015), o café estava associado aos encontros sociais e à música que ocorriam nas alegres *Botteghe Del Caffè*⁴. Assim, durante os séculos XVII e XVIII, as cafeterias desenvolveram-se na Europa enquanto florescia o

⁴ Venturi (2010) *apud* Faria *et al.* (2013) afirma que, em 1683, foi aberto em Veneza o *Café Florian*, que pode ser considerado a primeira cafeteria conhecida da Itália. Em 1686, foi inaugurado em Paris o *Le Procope*; o primeiro estabelecimento de café na França que, devido ao fato de ser um centro de informações e discussões políticas e literárias, era conhecido como um *café-littéraire*. Tanto o café veneziano como o parisiense funcionam até os dias atuais. Já na Inglaterra, a primeira cafeteria foi aberta em 1687, na cidade de Londres: a *Lloyd's Coffee House*.

Iluminismo e se assentavam as bases que levariam à *Revolução Francesa* (1789/99). Durante tardes inteiras, jovens reuniam-se com suas xícaras de café e discutiam o destino das nações, declamando poemas, lendo livros ou simplesmente passando o tempo. (ABIC, 2015).

Os cafés desempenharam papel importante na vida intelectual italiana, francesa e britânica a partir do século XVIII. Palestras sobre matemática era oferecidas no *Douglas's* e no *Marine Coffee-House* em Londres, enquanto o *Child's* era para livreiros e escritores [...] Os donos dos cafés frequentemente exibiam jornais e revistas como modo de atrair clientes, encorajando assim a discussão das notícias e o surgimento do que muitas vezes é chamado de "opinião pública" ou "esfera pública". Essas instituições facilitavam encontros entre ideias e indivíduos. (BURKE, 2003, p. 50-51)

De acordo com Fitch *et* Midgley (2006), o historiador William H. Ukers – autor do livro *All about coffee*, publicado originalmente em 1922 – afirmou que os primeiros cafés europeus eram locais “baixos, simples, sem adornos ou janelas e mal iluminados” (p.19, Trad. Autora). Segundo Goodman (1995) *apud* Intile (2007), os antigos cafés europeus tinham uma atmosfera agradável que combinava lazer e negócios em um ambiente quase que exclusivamente masculino. Franco (2011) afirma que no início esses estabelecimentos serviam somente café. Posteriormente, com a proliferação deles, alguns passaram a oferecer também refeições rápidas.

Particularmente na França, Intile (2007) complementa que havia uma distinção entre *cafeterias* (*Coffee-Houses*) e *cafés* (*Cafes*): os segundos diferenciavam-se das primeiras por servirem comida e bebidas alcóolicas, sendo decorados com grandes espelhos e quadros, buscando criar uma atmosfera de luxo e definindo uma clientela exclusiva, formada pela elite e classes altas. Fitch *et* Midgley (2006) explicam que foi nesse período – início do século XIX – que muitos dos antigos cafés passaram por uma repaginação, buscando mais amplitude dos ambientes e melhor iluminação. Posteriormente, segundo Intile (2007), com o declínio⁵ das tradicionais *coffee-houses* inglesas, o formato francês dos cafés foi copiado pelos proprietários que buscavam uma revitalização de seus negócios.

Foi somente no decorrer do século XIX, de acordo com Farias *et al.* (2013), que algumas cafeterias ficaram famosas por se tornarem pontos de encontro de

⁵ É importante sublinhar que o declínio dos cafés na Inglaterra foi consequência da atitude do governo em promover o consumo do chá – buscando intensificar o intercâmbio com a Índia e a China. (FRANCO, 2011)

artistas, políticos e outros membros da elite. Assim, devido à forte influência europeia no Brasil, houve aqui a abertura de famosos cafés, especialmente na capital, Rio de Janeiro – como a famosa Confeitaria Colombo, aberta em 1894 – e também em São Paulo, que atendiam principalmente a burguesia cafeeira, personalidades políticas, poetas e outros literatos.

Pode-se explicar o interesse pela inserção de cafeterias no Brasil devido principalmente ao fato do café ser um produto tradicional da agricultura de nosso país. Além disso, como o hábito de tomar café fazia parte do cotidiano do brasileiro desde a época colonial, servir a bebida exigia “um conjunto de fatores relacionados à satisfação subjetiva que vai além do anseio de mitigar uma necessidade”. (SANTOS, 2011 *apud* FARIAS *et al.*, 2013, p.32)

Ribeiro (2012) complementa que na passagem do século XIX ao seguinte, em pleno processo de urbanização brasileira, ocorria a intensificação de projetos que visavam civilizar e europeizar o Brasil, começando pelas capitais. Foi assim que apareceram os mais importantes empreendimentos de alimentação da época, inicialmente instalados em hotéis, mas também como estabelecimentos independentes, chamados de leiterias ou confeitarias.

O mais antigo restaurante do Rio ainda em funcionamento é o Bar Luiz, de 1887, na Rua da Carioca. Outro ícone da cidade em atividade desde 1894, a Confeitaria Colombo, fica na Rua Gonçalves Dias, e abrigou pacíficas reuniões de senhoras elegantes em torno de chávenas de chá bem como inflamadas tertúlias intelectuais de escritores como Olavo Bilac. (RIBEIRO, 2012, p.55)

No Brasil da *Primeira República* (1889-1930), a diversidade de espaços de lazer e alimentação exprimiu não apenas as transformações de ordem urbana, política e econômica da época, mas também alterações profundas no cotidiano e na subjetividade das pessoas. Em virtude dos novos contextos de desenvolvimento urbano nas grandes cidades brasileiras, aproximadamente entre 1890 a 1940, a cidade de Curitiba também procurou envolver-se pelos ares da modernidade e, para tal, implementou transformações de cunho urbanístico, social, moral e higiênico.

Aos poucos foram sendo abertos cassinos, teatros, restaurantes, cafés e confeitarias, os quais acabaram alterando as práticas cotidianas do relacionar-se e do comer. Em meio a esse panorama, casas de pasto e restaurantes foram constituintes de uma nova configuração da cidade e os discursos do urbanista e do governante dialogaram com ela através dos espaços como um todo, a fim de pôr em prática a ideia de saneamento. Nesse sentido, modernização e

civilidade também estavam relacionados às práticas alimentares e em consonância às noções de saúde, higiene e moralidade. (CARVALHO, 2005 *apud* RIBEIRO, 2012, p.56)

Hoje em dia, os cafés são destinados a um público bastante eclético, ganhando espaços tanto nas ruas e praças como em *shoppings centers*, firmando-se como um dos negócios mais charmosos e tradicionais do segmento de alimentação (COSTA, 2012 *apud* FARIAS *et al.*, 2013). De acordo com Morris (2011), o sociólogo Ray Oldenburg (1932-) explica que a sobrevivência do espírito e vitalidade de um café depende de sua capacidade de suprir necessidades do presente e não ficar romanticamente preso ao passado. Por isto, Morris (2011) aponta o surgimento de diversos tipos de estabelecimentos do gênero, tais como as designações de *Coffee Bar*, *Cyber Café* e *Book Café*, entre outras.

O *Coffee Bar* ou Café Bar, conforme Morris (2011), tornou-se popular nos anos 1950, na Europa e EUA, onde os clientes tinham que buscar o café em um balcão, servidos pelo atendente chamado barista⁶, de modo menos formal do que quando servidos por um garçom (Figura 3.2). Também denominado *Espresso Bar*, como explica Burnett (1999), surgiu com a invenção da máquina de *espresso*⁷, que filtrava o café sob pressão. Além desse novo equipamento, ainda segundo o mesmo autor, os café bares deviam parte de seu sucesso à sua aparência moderna – iluminados, amplos, exóticos e com uso de fórmica, com plantas no interior e mobília contemporânea – e representavam um novo estilo de vida para os jovens. Os adolescentes, que não tinham idade mínima para entrarem em bares e outros estabelecimentos, adotaram os café bares como pontos de encontro.

Nos dias atuais, o sucesso do café, em relação a outras bebidas como o chá, vem do fato que suas versões *espressas* são difíceis de preparar e exigem uma máquina especial e um operador treinado – o que torna aceitável para as pessoas terem que pagar por uma xícara da bebida (MORRIS, 2011). De acordo com Stamp (2012), o *espresso* – também designado pela palavra aportuguesada “*expresso*” – é

⁶ A profissão de Barista surgiu em meados da década de 1950, quando surgiram as máquinas de café na Itália. “Conhecido como o *sommelier* do café, trata-se do profissional responsável por tirar o café expresso da máquina e preparar *drinks* combinando-os com frutas, bebidas alcoólicas, leites vaporizados, *chantilly*, entre outros ingredientes.” (BRASIL, 2010 *apud* Farias *et al.*, 2013, p.30)

⁷ A palavra italiana *Espresso*, de acordo com o Stamp (2012), designa uma forma de preparo do café. O primeiro protótipo da máquina de *espresso* surgiu em 1884 e vem sendo aperfeiçoada até hoje. De acordo com Burnett (1999), a que se conhece hoje foi inventada em 1946 por Achile Gaggia (1895-1961).

muito popular atualmente devido à *Starbuckfisação*⁸ do mundo (Figura 3.3). Ainda, apesar da informalidade trazida após o surgimento dos cafés bares, as cafeterias atuais, nos países anglo-americanos, atraem majoritariamente as pessoas de classe média – atraídas mais pelo ambiente do que propriamente pelo café.

Conforme Morris (2011), o sociólogo Ray Oldenburg (1932-) defende a existência do que chama de “terceiro lugar”, que seriam espaços para socialização fora do trabalho e de casa, bem exemplificados pela rede norte-americana de cafés *Starbucks*. Assim, a marca tenta criar um ambiente familiar onde os clientes possam desenvolver atividades relacionadas ao trabalho – com uso da internet *wireless* em *laptops*, ou marcando reuniões de negócios no local – ou ainda remetendo ao ambiente doméstico – reunindo amigos sentados em sofás ou lendo o jornal.

A união do café com a Internet fez surgir o chamado *Cyber Café* em seu formato pioneiro que, segundo Obuh (2008), teve seu conceito e o nome inventados pelo empresário norte-americano Ivan Pope, por ocasião de um evento promovido pelo *Institute of Contemporary Arts* de Londres, na Inglaterra. Em 1º de setembro de 1994, era inaugurado o *Café Cyberia*, localizado à *Wiltshire Road*, n. 39 – e que funciona até hoje sob o nome de *BTR Internet Café* no mesmo endereço londrino. A palavra *cyber* consiste na abreviatura do termo inglês *cybernetic*, que designa qualquer coisa ou local que possui uma grande concentração de tecnologia avançada, em especial computadores e acesso à rede mundial de informação.

Em termos gerais, um cybercafé consiste em uma cafeteria com acesso à Internet nas mesas, sendo que inicialmente, seu uso era feito em computadores públicos em formato de *LAN House*⁹. Hoje em dia, com a popularização dos dispositivos portáteis – tais como *laptops*, *tablets* e *smartphones* –, assim como da

⁸ Trata-se do fenômeno relacionado à disseminação mundial da rede de cafés Starbucks, cujo primeiro estabelecimento foi inaugurado em Seattle WA (EUA) em 1971. “Atualmente, com mais de 15 mil lojas em 50 países, a *Starbucks* é a mais importante empresa mundial de torrefação e venda de café especial.” (STARBUCKS, 2015)

⁹ O termo *LAN* refere-se à sigla de *Local Area Network*, ou seja, rede local de computadores. Acredita-se que o primeiro estabelecimento deste tipo tenha surgido na Coreia do Sul, sob o nome de *Electronic Café*, aberto em frente à Universidade de Hongik (Seul) em março de 1988, pelos empresários Ahn Sang-Su e Keum Nuri, que possuíam apenas dois computadores conectados por linhas telefônicas. A ideia chegou aos EUA somente em julho de 1991, quando Wayne Gregori inaugurou em São Francisco (Califórnia) o *SFnet Coffeehouse Network*. (I-MUSEUM, 2009; SOUZA, 2013)

banda larga, a grande maioria dos cafés disponibilizam Internet *wireless*. (OBUH, 2008)

Quanto à união do café com a leitura – e que gerou o surgimento da expressão *Book Café* ou *Café Livraria* – é bem mais antiga, uma vez que já estava presente desde os antigos bares do século XVIII, como já mencionado anteriormente. Fitch *et* Midge (2006) explicam que muitos cafés tinham salas de leitura – como o *Café Central* em Viena (Áustria), inaugurado em 1860; e o *Centrál Kávéház* de Budapeste (Hungria), aberto desde 1887 (Figura 3.4) –, as quais eram consideradas livrarias com café. Assim, segundo Camargo (1986) *apud* Fasano (1999), foi natural que alguns estabelecimentos evoluíssem e acabassem por promover exposições e lançamentos de livros. Fitch *et* Midge (2006) complementam com a declaração do escritor austríaco Thomas Bernhard (1931-89), frequentador de cafés:

Eu atribuo uma enorme importância à leitura de livros e jornais todas as manhãs [...] Além de servir como uma sala de leitura particular e laboratório para conversas e sociabilização, o café deu luz a movimentos sociais e culturais, revoluções políticas e artísticas. Como uma livraria, mas sem coibir a conversa, a atmosfera única do café promoveu tanto a instrução quanto a sociabilidade. (FITCH *et* MIDGE, 2006, p.22, Trad. Autora)

Em 2010, segundo Worpole (2013), uma pesquisa realizada no Reino Unido pelo THE MUSEUMS, LIBRARIES AND ARCHIVES COUNCIL – MLA revelou que a presença de uma cafeteria dentro ou próxima de uma livraria é o ponto mais importante que as pessoas levam em conta quando escolhem o estabelecimento para comprar ou ler livros. Ademais, Wu (2005) afirma que a união do café com a livraria cria um ambiente e atmosfera que fazem com que os clientes sintam-se relaxados e confortáveis, tornando-os propensos a retornar.

Com isso, os laços entre ambiente intelectual e café ficaram cada vez mais estreitos e, além da união do programa de cafeteria com a Internet e a leitura, cada vez mais surgem espaços culturais onde se encontram desde pequenos cafés de apoio até grandes cafeterias atuando como componente principal. Muitos estabelecimentos perceberam que a cafeteria, além de ter grande potencial de atrair visitantes diariamente, também é elemento fundamental de apoio aos espaços culturais – sejam estes auditórios, cinemas ou galerias de arte –; locais que atraem um público considerável ao mesmo tempo.

Mendes (2011) explica que a união de café, livraria e espaço cultural foi fruto de um processo de adequação e permanente busca por novas oportunidades comerciais. Segundo ele, o professor da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP José Luiz Goldfarb (1957-), que foi curador até 2014 do Prêmio Jabuti, uma das maiores premiações literárias do país, afirmou que a *Livraria Belas Artes* (1979-2006), localizada na Avenida Paulista em São Paulo SP, teria sido a primeira a unir livraria, café e espaço para eventos. Foi somente em meados dos anos 1990 que outras livrarias brasileiras passaram a ter cafés, sejam grandes ou pequenos. O passo seguinte consistiu em acrescentar os auditórios, sendo que estabelecimento pioneiro foi a *Livraria Cultura*, em 2000, situada no *Shopping Villa-Lobos*, também na capital paulista. (UPF, 2009)

Em paralelo, Silva (2013) lembra outro fenômeno contemporâneo às cafeterias: o da reintegração de edifícios antigos às atividades urbanas, que encontram “respaldo em setores que reconhecem os valores sociais e ambientais envolvidos” (p.4). O autor explica que os projetos integram programas urbanísticos ou culturais, promovendo a modernização de espaços históricos a partir de articulações entre o Poder Público e a iniciativa privada. Isto pode ser exemplificado com as propostas para a *Pinacoteca do Estado de São Paulo* (1994/98) e da *Sala São Paulo* (1999), em que ambos edifícios tombados passaram por intervenções para posteriormente abrigarem o novo uso de um programa cultural e serem reintegrados a cidade, o que ocorreu com a anexo de cafés (Figuras 3.5 e 3.6).

Esse processo acima exposto, iniciado no Brasil em meados dos anos 1990, acabou se afirmando como tendência, o que produziu diversos outros exemplos, como o café cultural inaugurado em 2014, que funciona em um edifício de 1926, tombado como patrimônio histórico pelo CONSELHO MUNICIPAL DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E AMBIENTAL DA CIDADE DE SÃO PAULO – CONPRESP: a *Red Bull Station* (Figura 3.7). Após longa reforma para adaptação ao novo uso, os cinco andares – cada um com cerca de 600 m² – contam atualmente com um estúdio de música, um projeto permanente de residência artística com três edições por ano, três espaços expositivos, um terraço e uma cafeteria. (RED BULL STATION, 2015)

Fora de São Paulo, é possível encontrar exemplares do mesmo processo de resgate patrimonial acontecendo em vários centros urbanos do país. Um deles é o

CentoeQuatro (Figura 3.8), situado em frente à Praça da Estação, na cidade de Belo Horizonte MG, que é um espaço multifuncional formado por café, cinema e galeria. O conjunto trabalha com projetos próprios e intervenções propostas por organizações, coletivos e indivíduos “comprometidos com a cultura e com a produção artístico-intelectual” (CENTOEQUATRO, 2015, p.1). Trata-se de um grande edifício histórico de 1906, construído para ser uma fábrica de tecidos, que ocupa uma área de cerca de 2.500 m², tendo sido tombado em 1984 pelo INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS – IEPHA.

Revitalizado a partir de 1990, quando se iniciaram projetos de requalificação do centro da capital mineira, o edifício cultural foi reinaugurado em 2009, significando a retomada da Praça da Estação, onde hoje circulam cerca de 150.000 pessoas por dia (CENTOEQUATRO, 2015). Ademais, outra proposta, também em Minas Gerais, consiste no *Café Cultural Ouro Preto* (Fig. 3.9), situado nesta importante cidade histórica e que, em aproximadamente 500 m², une cafeteria, cervejaria, espaço de exposições e livrarias em um edifício histórico do início do século XIX, restaurado após ser destruído por um incêndio em 2003. (CAFÉ CULTURAL OURO PRETO, 2015)

Na região nordeste do país, em Recife PE, foi inaugurado em 2014 o *Roda Café* (Figura 3.10) que, segundo Ferreira (2014), tem o nome derivado do conceito por trás de sua criação: a palavra “roda” está relacionada à ideia de mobilidade e também de discussão e debate sobre a cidade. O estabelecimento, que é também restaurante, empório e mirante, funciona em três andares – cada um com aproximadamente 170 m² de área – de um edifício histórico do século XVII, estando aberto durante os três períodos do dia: das sete da manhã até a meia-noite. Trata-se de um cybercafé formado por mesas coletivas com tomadas para *laptops* e similares¹⁰.

Finalmente, no que se refere à Curitiba PR, apesar do ambiente dos *shopping centers* ainda ser muito forte – onde se encontram movimentadas livrarias com cafés

¹⁰ A região em que se situa o *Roda Café* é conhecida por Recife Antigo, pois, ainda conforme Ferreira (2014), era onde ocorriam as atividades portuárias que ajudaram a capital pernambucana a crescer. A autora complementa que atualmente a região passa por um renascimento, concentrando grande movimentação econômica, cultural, social e política – com grande impulso do Porto Digital, que é o maior polo de tecnologia do país, instalado ali desde os anos 1980 – o que justifica a escolha do local para a instalação do cybercafé.

internos e pequenos auditórios, como a *Livraria Cultura*, situada no *Shopping Curitiba*; ou a *Livraria da Vila*, localizada no *Shopping Pátio Batel* –, a tendência dos cafés aliados a outros programas pode ser observada em alguns estabelecimentos ainda abertos nas ruas, ainda que menores. Como um desses exemplos pode ser citado o *Solar do Rosário* (Figuras 3.11 e 3.12), que consiste em um espaço multifuncional no centro histórico de Curitiba¹¹, o qual abriga café e livraria, auditório, galeria de arte, restaurante, casa de chá e jardim de esculturas.

O local, inaugurado em 1992, oferece cursos artísticos e organiza eventos culturais, tendo sido o edifício eclético assobradado erguido para ser residência ao final do século XIX, possuindo cerca de 350 m². Nos anos 1990, por meio da iniciativa privada, o espaço sofreu uma intervenção, que incluiu sua restauração e o acréscimo de um anexo – que aumentou a área do espaço para aproximadamente 800 m² –, além de ser o acesso principal e onde funciona o café com livraria. (SOLAR DO ROSÁRIO, 2015).

Outro exemplo curitibano que alia reciclagem e cafeteria é o SESC Paço da Liberdade, que foi inaugurado em 2009, tendo como destaque o *Café do Paço* (Figura 3.13), além de biblioteca, espaço de exposições, estúdio de gravação para bandas paranaenses, sala de atos para apresentações musicais e teatrais, sala de Internet e sala de aula para cursos de artes e cinema (GAZETA DO POVO, 2013). Antiga Prefeitura Municipal, executada durante a segunda gestão do engenheiro Cândido de Abreu (1856-1919), entre 1913 e 1916, na Praça Generoso Marques, o antigo prédio eclético foi tombado em 1948 pelo Município, em 1966 pelo Estado e em 1984 pela União. Entre 1974 e 2002, foi ocupado pelo Museu Paranaense para, finalmente, passar por um longo processo de restauração e reciclagem, mantendo todas as características externas originais e sendo reinaugurado em 2009 como *Paço da Liberdade*. (CURITIBA-PARANÁ, 2015)

Também em Curitiba, a *Residência Belotti* (Figura 3.14) constitui-se de um espaço cultural que foi aberto ao público em 2014 unindo café e bistrô, galeria de arte, loja e outros ambientes com contrato de aluguel de salas, como um escritório

¹¹ Também denominado *Setor Histórico* e popularmente conhecido com *Largo da Ordem*, o núcleo antigo da capital paranaense representa o início da povoação da região, que hoje compreende o Bairro de São Francisco e parte do Centro de Curitiba, na qual os prédios históricos fazem parte do dia-a-dia contemporâneo da comunidade, sejam como centros culturais, bares e restaurantes; ou como lojas, museus e teatros. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2015)

de arquitetura (MAGALHÃES, 2014). Segundo Casagrande (2014), a residência de cerca de 448 m², foi projetada nos anos 1950 pelo arquiteto Ayrton Lolô Cornelsen (1922-), tornando-se referência para a arquitetura moderna da capital, assim como do país. Contudo, ainda segundo a mesma autora, a obra viveu um período de nove anos de total abandono e passou a abrigar moradores de rua e pessoas em situação de risco social¹².

Na cidade, há ainda espaços menores que aliam somente café e livraria como, por exemplo, a *Livraria Arte & Letra* (Figura 3.15), instalada na casa dos fundos de uma antiga residência no bairro Batel, a chamada Casa de Pedra – que após sofrer uma intervenção, passou a ser uma galeria de arte (SIMÕES DE ASSIS, 2015). O espaço, que também abriga uma pequena editora, sedia eventos como lançamento de livros (ARTE E LETRA, 2015). Por sua vez, o *Café Catedral* (Figura 3.16), instalado em um casarão do patrimônio histórico e próximo à Catedral metropolitana, une gastronomia com cultura e turismo – já que a sua localização central e próxima a vários pontos de interesse favorece que turistas frequentem o estabelecimento. (CAFÉ CATEDRAL, 2015)

Todos os estabelecimentos mencionados têm em comum o fato de fornecerem uso cultural às edificações de importância cultural e histórica, além de estarem localizados no centro de suas respectivas cidades. Seguindo esta tendência, recentemente, de acordo com Fernandes (2015), havia a expectativa que o edifício das antigas *Ferragens Hauer* – construção eclética do fim do século XIX localizada no centro histórico de Curitiba que, após abandono, passou por uma restauração – se tornasse um local cultural para abrigar exposições, oficinas, restaurantes e cafés. Entretanto, apesar do IPPUC ter feito planos, estes acabaram frustrados: o edifício provavelmente irá sediar um banco. (FERNANDES, 2015)

Assim, buscou-se definir alguns pontos em comum entre os estabelecimentos denominados de café na atualidade, mais especificamente os Cafés Culturais. Além da Internet *wireless*, que se faz essencial em um mundo onde todos querem estar

¹² Casagrande (2014) explica que foi somente em 2012 que um casal de investidores paranaenses decidiu comprar a casa e transformá-la em um espaço comercial. Depois de quase um ano de obras, realizadas pelo *designer* Hugo Humberto e pela arquiteta e engenheira civil Gabriele Websky Meier, as formas e características originais foram resgatadas, descartando-se as modificações feitas pelas três famílias que passaram pela casa. Além disso, foram feitas modificações necessárias ao novo uso, tais como a alteração nos pontos de luz elétrica, aumento do guarda-corpo da escada e transformação da cozinha em banheiro, além do acréscimo do café aos fundos.

conectados 24h do dia, os livros e a arte também se uniram à xícara de café. Às mesas e poltronas, associou-se o programa de auditórios e galerias, que apresentam desde cursos até exposições e eventos de todos os tipos. Tudo isso posicionado em exemplares da arquitetura de outro século, devolvendo vida a locais estratégicos dos centros urbanos, até então abandonados.

Percebe-se que todos têm em comum o fato de a cafeteria em si ser a grande atração do local – quer ela tenha sido projetada para ser o personagem principal, quer tenha sido colocada no programa com o mesmo *status* de outras partes – as pessoas ou irão entrar por causa do café ou permanecerão por causa dele. E assim, voltamos ao início do capítulo quando Carneiro (2005) afirmava que o café, um alimento-droga, tinha seu poder de alimentar “não apenas o corpo como também o espírito.” (p.74)

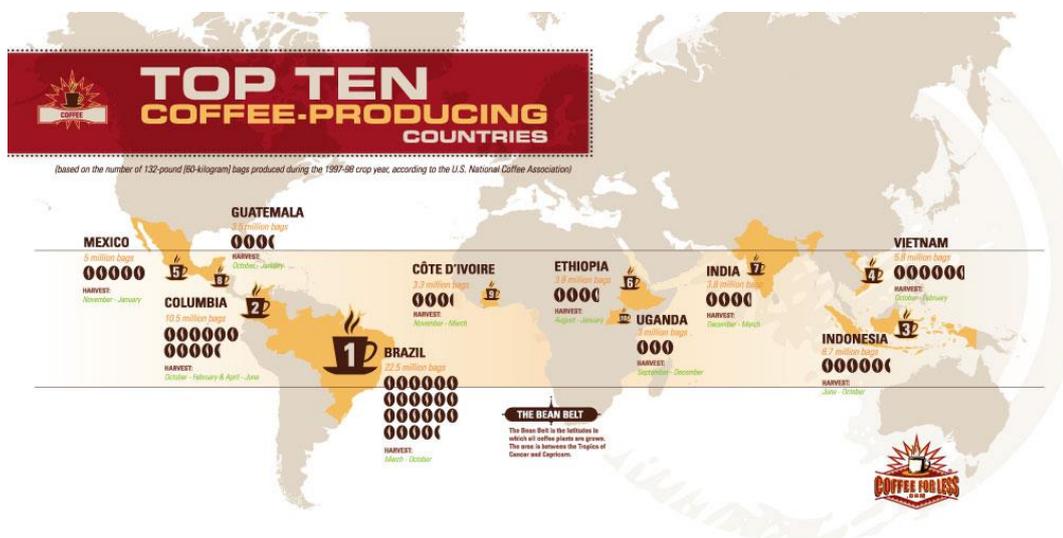


Figura 3.1 – Mapa com indicação dos maiores produtores de café do mundo. (CIPERSKI, 2012)



Figura 3.2 – Vista do interior do *Moka Bar*, primeiro café (*Coffee Shop*) com máquina de espresso de Londres, aberto na 29 *Frith Street*, em 1953. (THE GREAT WEN, 2011)



Figura 3.3 – Café da rede *Starbucks* em edifício histórico na Suíça. (STARBUCKS EVERYWHERE, 2015)



Figura 3.4 – Vista da sala de leitura do *Centrál Kávéház* de Budapeste, ainda hoje existente. (FITCH et MIDGLEY, 2006)



Figura 3.5 – Café da *Pinacoteca do Estado de São Paulo* (1994/98). (VEJA SP, 2012)



Figura 3.6 – Café da Sala São Paulo (1999).
(VIAJANTE BRASILEIRO, 2015)



Figura 3.7 – Café do Red Bull Station (2014), situado em São Paulo SP.
(SÃO PAULO GUIDE, 2014)



Figura 3.8 – Projeto de restauro do Espaço Cultural CentoeQuatro, em Belo Horizonte MG.
(CENTOEQUATRO, 2008)



Figura 3.9 – *Café Cultural Ouro Preto MG.*
(CAFÉ CULTURAL OP, 2015)



Figura 3.10 – *Roda Café, localizando na párea do Recife Antigo (Pernambuco).*
(DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2014)



Figura 3.11 – *Solar do Rosário: Centro cultural situado em Curitiba PR.*
(AUTORA, 2015)



Figura 3.12 – Café do *Solar do Rosário*, localizado no centro de Curitiba PR.
(AUTORA, 2015)



Figura 3.13 – Café do *Paço*, que funciona no SESC Paço da Liberdade (Curitiba PR).
(SOBRE LIVROS E PÁGINAS, 2014)



Figura 3.14 – *Residência Belotti*: Casa transformada em centro cultural com cafeteria (Curitiba PR).
(AUTORA, 2015)



Figura 3.14 – *Livraria Arte & Letra*, situada no bairro Batel, em Curitiba PR.
(AUTORA, 2012)



Figura 3.15 – *Café Catedral*: reutilização de edificação histórica em Curitiba PR.
(CURITIBA AGORA, 2015)

4 ESTUDO DE OBRAS CORRELATAS

A seleção e análise de casos aqui apresentadas têm como objetivo principal auxiliar no desenvolvimento das diretrizes do projeto a ser elaborado. Devido a isto, as obras escolhidas apresentam afinidades com o tema estudado, seja em relação ao programa de café cultural, quanto ao fato de se tratar de uma arquitetura de reciclagem ou, ainda, por atender a esses dois requisitos. Foram selecionados casos em diferentes localidades, buscando abranger as esferas internacional, nacional e local. Ainda, buscou-se escolher exemplares que estivessem inseridos em regiões urbanas centrais já consolidadas, requalificadas e/ou em processo de requalificação.

O primeiro caso estudado trata-se de um exemplar internacional, que está localizado em Londres, na Inglaterra, consistindo na maior unidade de uma rede britânica de livrarias diferenciadas denominada *Idea Store*, as quais são desenvolvidas para melhorar a qualidade de vida das regiões onde estão inseridas, oferecendo educação e acesso à cultura para a comunidade. O caso foi escolhido por representar um programa de *cyber* café inserido em um centro cultural.

Entre os casos nacionais, foram selecionados dois exemplares: um localizado em São Paulo SP e outro em Salvador BA. O caso paulistano é a *Red Bull Station*, escolhido devido ao processo de *retrofit* de sua edificação datada originalmente da década de 1920, além da sua programação cultural situada no centro da metrópole paulista. Já o correlato selecionado na capital baiana consiste no *Palacete das Artes*, estabelecido em uma construção de 1912 que, após a intervenção arquitetônica de *retrofit* e acréscimo de um anexo, atualmente abriga um museu.

Por fim, o caso local escolhido para descrição e análise em Curitiba PR foi o *Solar do Rosário*, o qual se insere em pleno núcleo histórico da cidade, ocupando um casarão oitocentista que, após sofrer reciclagem, recebeu um novo uso cultural, além de um anexo. Atualmente, o espaço consolidou-se no centro urbano, recebendo turistas, moradores da cidade e demais visitantes, atraídos tanto pelas atividades culturais ali oferecidas – como palestras, cursos e exposições de arte – quanto pela gastronomia, a qual é fornecida pelo café e restaurante do local. Trata-se enfim de um exemplo curitibano de associação entre a preservação patrimonial em arquitetura e as atividades de alimentação, lazer e entretenimento.

4.1 *Idea Store Whitechapel Community Centre*

Uso: *Cyber* café em livraria multifuncional

Localização: Whitechapel Road, Tower Hamlets (Londres, Inglaterra)

Data do projeto : 2005

Autoria do projeto: *Adjaye Associates*

Área total: 3.440 m²

A *Idea Store* situada na rua londrina de Whitechapel, bairro de Tower Hamlets, foi escolhida para estudo devido ao seu programa multifuncional que contempla um *cyber* café no topo do edifício. Além disto, o prédio está inserido em uma região de fragilidade social e sua programação de livraria e complexo educacional busca, desde a concepção do projeto, contribuir para a melhoria da qualidade de vida da vizinhança ao trazer ensino e cultura para adultos e crianças.

Segundo Li (2013), as filiais da *Idea Store* são mais que apenas uma livraria ou um espaço cultural – além de livros e revistas, o local oferece aulas para adultos, acompanhamento de suas carreiras, treinamentos e também lazer, além de um *cyber* café. De acordo com Duran (2007), este projeto em específico ajudou Tower Hamlets, que é um bairro historicamente multirracial localizado ao leste de Londres, a sair da marginalização que essa região da cidade sofria.

O conceito do empreendimento surgiu quando o Conselho de Tower Hamlets lançou uma pesquisa de opinião sobre as livrarias e descobriu que os moradores desejavam um local moderno e de qualidade, o qual oferecesse serviços variados, já que as livrarias locais não atendiam mais as necessidades daquela comunidade. Com isto, em 1999, o governo local decidiu investir cerca de £20 milhões em livrarias e sistemas educacionais – mesmo que a tendência nacional da época fosse de reduzir os investimentos nessa área – e o projeto *Idea Store* conseguiu sair do papel. Logo, a partir de 2002, por meio da união entre o financiamento do governo com outros patrocinadores e fundos, sete unidades da *Idea Store* foram inauguradas em Londres. (LI, 2013)

Esta unidade em questão, localizada na Whitechapel Road (Figura 4.1.1), foi inaugurada em 2005 como a maior de todas as unidades da rede. O prédio da unidade tem cinco andares e destaca-se devido à sua fachada (Figuras 4.1.2 e

4.1.3) com *brises* coloridos – verde, azul e transparente –, os quais remetem às cores da movimentada feira que acontece na mesma rua. (PHAIDON ATLAS, 2015)

Basicamente, ainda de acordo com o Phaidon Atlas (2015), a estrutura do edifício é feita em concreto com peças pré-moldadas e a maior parte dos elementos – pilares, vigas e lajes – está exposta. O edifício, projetado pelo escritório inglês *Adjaye Associates*¹, é resfriado por dispositivos passivos², como os *brises* que impedem a entrada excessiva de luz solar, além de um sistema de ventilação que funciona embaixo do piso. A circulação vertical da edificação é realizada por meio de escadas rolantes (Figura 4.1.4), as quais dão acesso aos dois primeiros andares, assim como escadas centrais, que interligam todos os níveis.

Além do personagem principal do projeto – a livraria –, o programa funcional da *Idea Store Whitechapel* inclui salas de aula, *cyber café*, estúdio de dança, creche e centro de terapias alternativas. Os dois primeiros pavimentos do edifício são maiores que os restantes, contando com aproximadamente 1.300 m² (Figura 4.1.5). No térreo, é realizado o acesso do público, pela Whitechapel Road, além da entrada de serviços, situada na rua lateral (Figura 4.1.6). Nesse nível do edifício, o visitante encontra uma livraria para crianças junto a salas de aula. Além disso, o mesmo poderá acessar o prédio pela escada rolante – acessível direto da rua, a escada sobe paralela à fachada principal translúcida – e ir direto ao segundo andar. (IDEA STORE, 2015)

No piso superior (Figura 4.1.7), o usuário encontrará um estúdio de dança, reunindo condições para atividades como Pilates e Yoga, além de uma clínica que oferece terapias e massagem, uma sala de conferências e acesso ao terraço (Figura 4.1.8), havendo também mesas de estudo com estações com computadores (Figura 4.1.9) e salas de aula (Figura 4.1.10). Em seguida, no segundo pavimento (Figura 4.1.11), localiza-se a outra parte da livraria, com suas estantes em formato curvo,

¹ O escritório *Adjaye Associates* foi fundado em Junho de 2000 pelo arquiteto David Adjaye. O trabalho da equipe vem atraindo atenção internacional – com projetos de residências e prédios institucionais até pavilhões de arte e planos urbanísticos – devido ao uso variado de matérias e cores, além da eficiência energética dos prédios, da forma e estilo diferenciados e da habilidade que a sua arquitetura tem em desafiar tipologias e criar um discurso cultural. (ADJAYE, 2015)

² De acordo com Taleb (2014) o *design* passivo de um edifício busca relacionar a arquitetura com o clima local e as condições do terreno, maximizando o conforto e a saúde dos usuários do edifício com o mínimo de uso de energia. Denomina-se resfriamento passivo qualquer tecnologia ou *design* aplicados na redução da temperatura de um edifício sem consumir energia. A autora cita ainda como exemplos eficientes o sombreamento da fachada e vegetação na cobertura (teto verde).

além das demais estações de computador e salas de aula, que também se repetem no terceiro andar (Figura 4.1.12 e 4.1.13). Por fim, no quarto e último pavimento (Figura 4.1.14), o visitante terá acesso ao *cyber* café, o qual, além de mesas e poltronas para convivência, disponibiliza acesso à internet *wireless* e também em *desktops* (Figuras 4.1.15 e 4.1.16), assim como acesso à última parte das estantes curvas dos livros e revistas da livraria local (Figura 4.1.17).



IMAGEM AÉREA REGIÃO TOWER HAMLETS
sem escala



 IDEA STORE

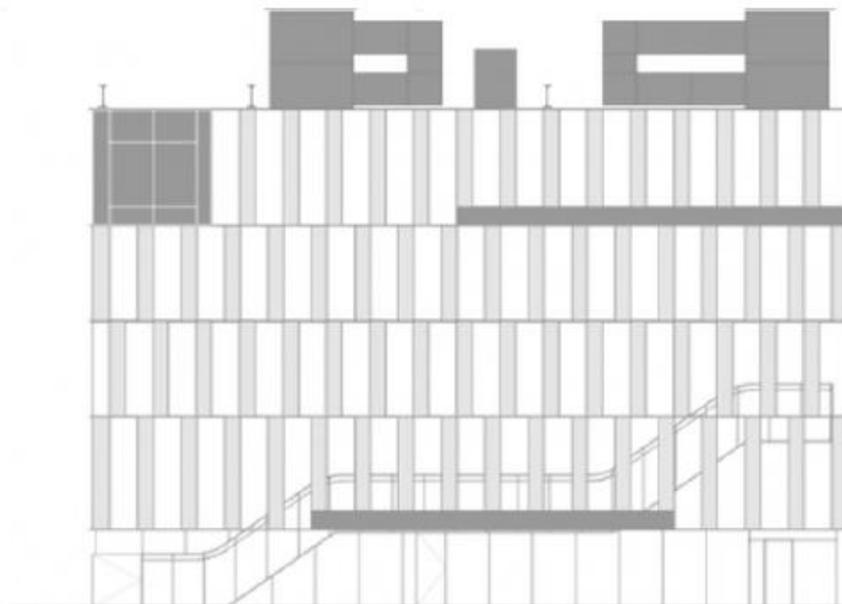
 EDIFÍCIOS COMERCIAIS 1. CENTRO DE ESPORTES DE WHITECHAPEL
2. MERCADO

 EDIFÍCIOS INSTITUCIONAIS 1. HOSPITAL REAL DE LONDRES
2. UNIVERSIDADE CHURCHILL DE LONDRES
3. ESCOLA PRIMÁRIA AYASOFIA

Figura 4.1.1 – Situação urbana da *Idea Store Whitechapel* (Tower Hamlets, Londres)
(GOOGLE MAPS, 2015; adaptado)



Figura 4.1.2 – Vista externa da *Idea Store Whitechapel* e do mercado de rua (BARRAS, 2011)



ELEVACÃO SUL
sem escala

Figura 4.1.3 – Fachada principal da *Idea Store Whitechapel* (PHAIDON ATLAS, 2015)



Figura 4.1.4 – Vista da escada rolante de acesso externo da *Idea Store Whitechapel* (PHAIDON ATLAS, 2015)



CORTE LONGITUDINAL
sem escala

Figura 4.1.5 – Corte longitudinal da *Idea Store Whitechapel* (PHAIDON ATLAS, 2015)

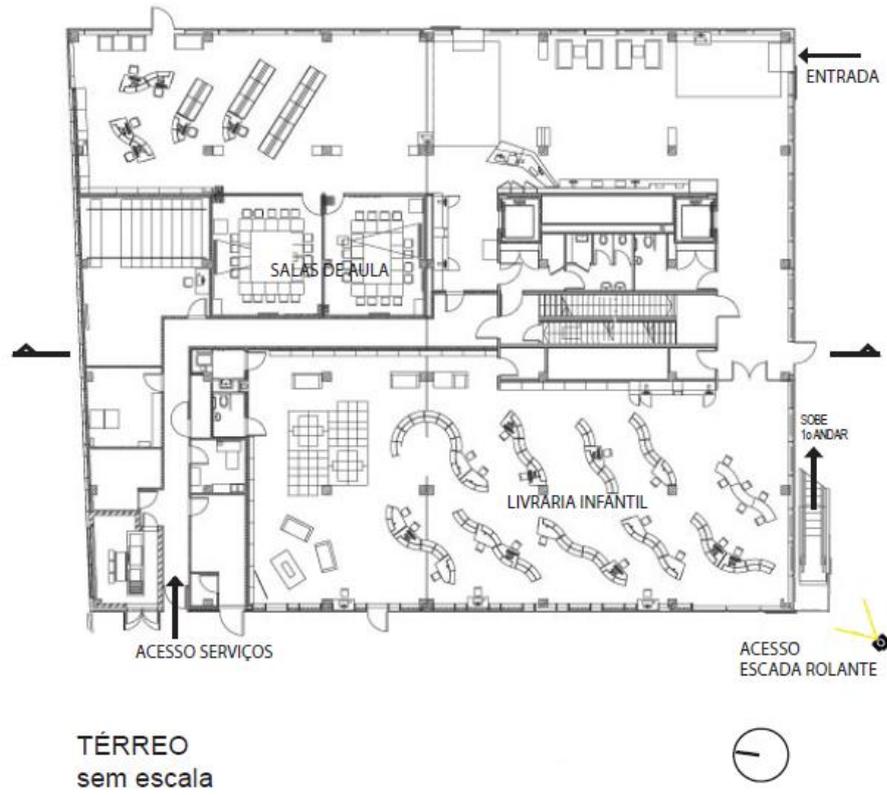


Figura 4.1.6 – Planta do Pavimento Térreo da *Idea Store Whitechapel* (BUILDING, 2005)

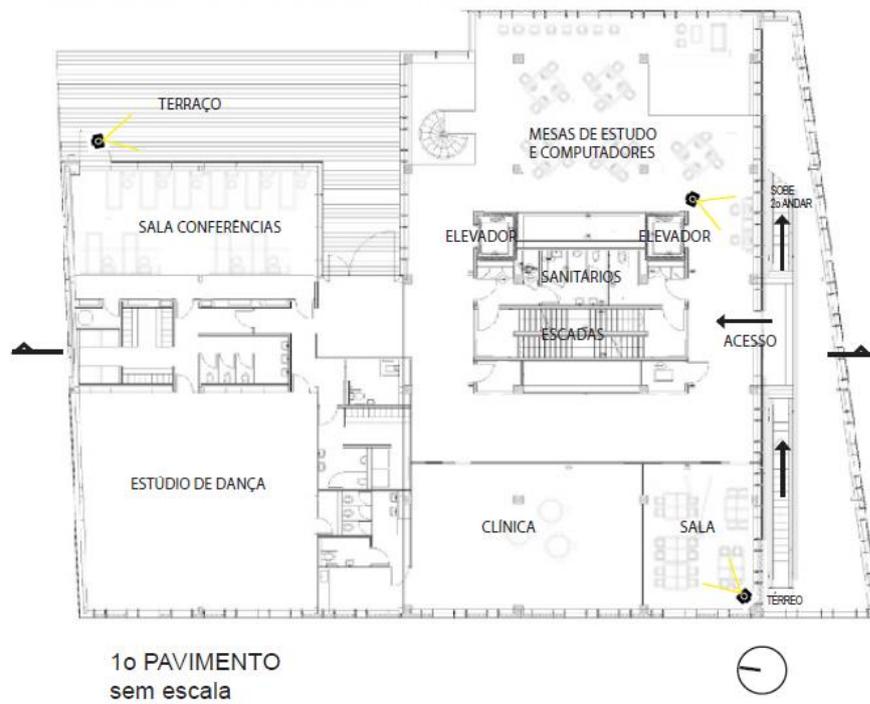


Figura 4.1.7 – Planta do Primeiro Pavimento da *Idea Store Whitechapel* (LI, 2013)



Figura 4.1.8 – Vista do terraço da *Idea Store Whitechapel* (FILM OFFICE, 2015)

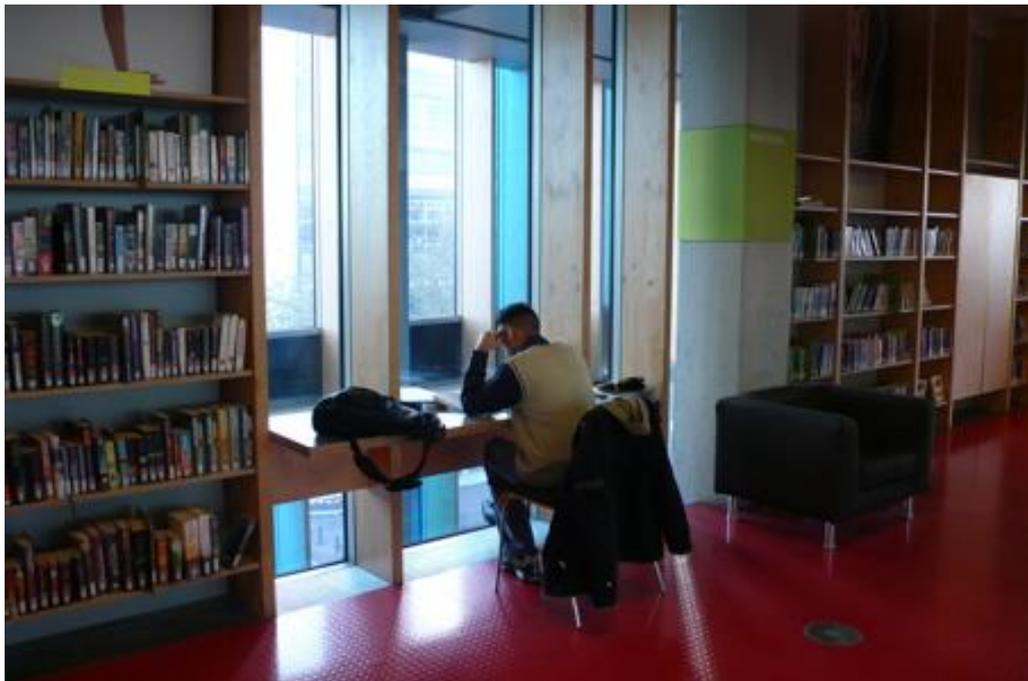


Figura 4.1.9 – Vista de uma estação com computadores da *Idea Store Whitechapel* (LIFE WITHOUT BUILDINGS, 2007)



Figura 4.1.10 – Vista de uma sala de aula da *Idea Store Whitechapel* (PINTEREST, 2015)

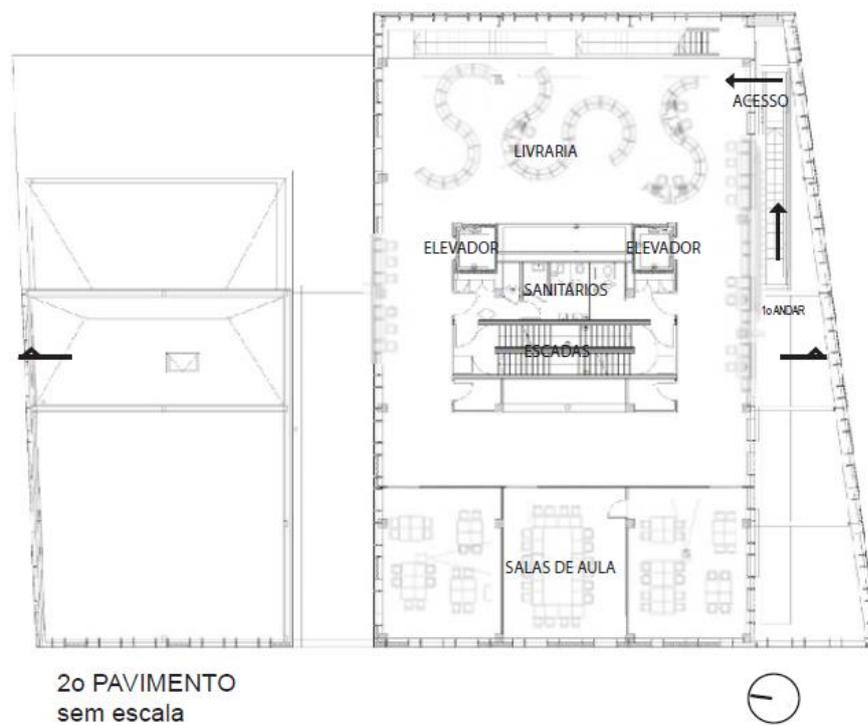


Figura 4.1.11 – Planta do Segundo Pavimento da *Idea Store Whitechapel* (LI, 2013)

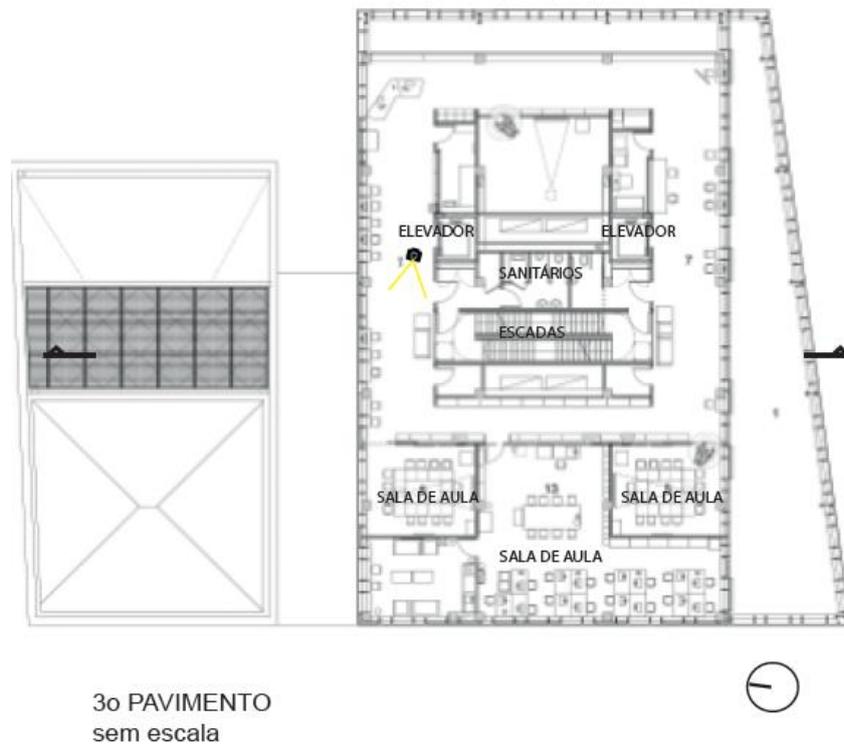


Figura 4.1.12 – Planta do Terceiro Pavimento da *Idea Store Whitechapel* (LI, 2013)



Figura 4.1.13 – Vista das estações com computadores da *Idea Store Whitechapel* (FLICKR, 2015)

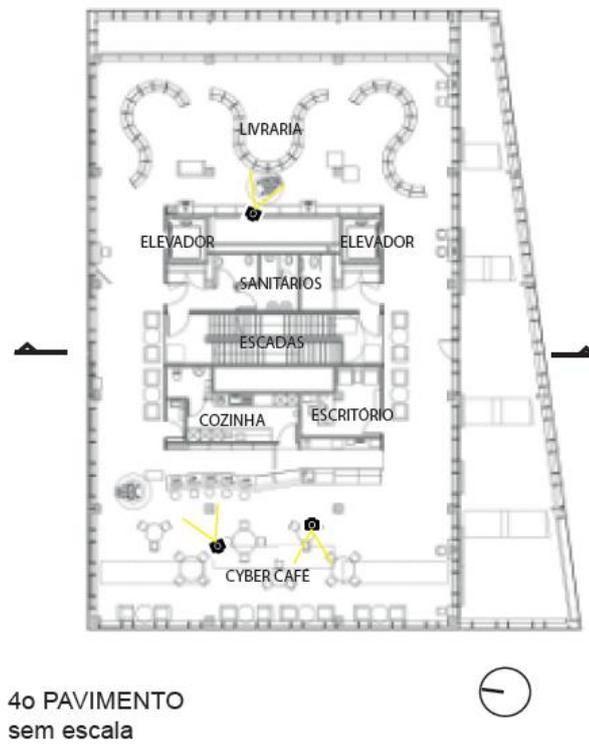


Figura 4.1.14 – Planta do Quarto e Último Pavimento da *Idea Store Whitechapel* (LI, 2013)



Figura 4.1.15 – Vista do cyber café da *Idea Store Whitechapel* (DURAN, 2007)



Figura 4.1.16 – Vista do cyber café da *Idea Store Whitechapel* (VIEW PICTURES, 2015)



Figura 4.1.17 – Vista da livraria da *Idea Store Whitechapel* (FLICKR, 2015)

4.2 Red Bull Station – São Paulo SP

Uso: Centro Cultural

Localização: São Paulo SP (Brasil)

Data do projeto original: 1926

Data do projeto de intervenção: 2013

Autoria do projeto: *Triptyque Architecture*

Patrimônio e restauro: Companhia de Restauro

Área total: 2.150 m²

O Centro Cultural *Red Bull Station* foi escolhido como caso correlato, em primeiro lugar, devido ao processo de *retrofit* aplicado em seu edifício datado de meados da década de 1920; e, em segundo lugar, devido à sua programação cultural e inserção no movimentado centro da capital paulista. O escritório franco-brasileiro *Triptyque*³ afirma que um fator que estimula o seu trabalho de arquitetura estaria na ideia de vislumbrar a possibilidade da população voltar a se apropriar de áreas do centro antes abandonadas. (SAYEGH, 2013)

O centro da cidade de São Paulo é um dos lugares onde a urbanidade existe em seu formato mais forte e intenso. É uma região que vive um processo constante de reconquista e mudança, onde a beleza de suas ruas e prédios foi, por muitos anos, esquecida. (ARCHDAILY, 2013, p.1)

Em 1926, de acordo com Nascimento (2013), a empresa *São Paulo Tramway, Light and Power Company* (LIGHT), na época em expansão, decidiu construir uma nova subestação na cidade de São Paulo. A localização escolhida foi em uma “ilha urbana”: a Praça Mário Câmara, formada entre as avenidas Nove de Julho e Vinte e Três de Maio, ao lado da Praça da Bandeira (Figura 4.2.1).

Na época da abertura da movimentada Avenida Vinte e Três de Maio, em 1968, ocorreu a demolição de edificações vizinhas e ocorreu o isolamento do imóvel da LIGHT. Por sua vez, em 2000, o Conselho Municipal de PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, CULTURAL E AMBIENTAL DA CIDADE DE SÃO PAULO – CONPRESP tombou a fachada do imóvel, buscando evitar a descaracterização ou

³ Desde o ano de 2000, a *Triptyque Architecture* explora as ferramentas que podem servir à construção contemporânea e sustentável, participando da evolução dos espaços urbanos. Hoje sediada em São Paulo e Paris, a agência criada pelos arquitetos Grégory Bousquet, Carolina Bueno, Guillaume Sibaud e Olivier Raffaelli acaba de completar 15 anos de criação. (TRIPTYQUE, 2015)

demolição, como havia ocorrido com outras subestações daquela companhia de energia. Apesar disto, o imóvel em questão permaneceu abandonado de 2004 – ano em que deixou de ser uma subestação elétrica – até 2011. (NASCIMENTO, 2013)

Sayegh (2013) afirma que, enquanto a edificação do início do século XX passava despercebida aos milhares de veículos e pedestres que passam pelo local diariamente, a empresa multinacional *Red Bull*⁴ buscava um espaço permanente de música e arte contemporânea, onde artistas convidados pudessem expor suas obras, percebendo que o prédio tombado possuía o espírito urbano que o projeto necessitava, acabando por escolhê-lo para sua reciclagem como centro cultural.

Assim, o prédio foi inteiramente restaurado e com a intervenção do *retrofit*, adaptou-se às suas novas funções de espaço de fomento à cultura (ARCHDAILY, 2013). “Sua essência foi mantida e a beleza de seus elementos potencializada” (ABCEM, 2014, p.19). De acordo com Sayegh (2013), o projeto foi sutil e revelou a essência da estrutura – com suas grandes vigas curvas e vãos generosos –, além de evitar grandes interferências formais (Figura 4.2.2).

Segundo o *site* Archdaily (2013), a intervenção criada pelo escritório *Triptyqye* consiste em elementos que acompanham o visitante durante seu percurso, levando-o pela escada (Figuras 4.2.3 e 4.2.4) aos cinco níveis da *Red Bull Station* e seus diferentes programas. O elemento contemporâneo recebe o visitante já no portão externo, na forma de bilheteria (Figura 4.2.5); e também de cobertura para entrada principal do espaço. A intervenção acompanha o público até a cobertura do edifício, onde flutua uma marquise metálica, junto a um terraço coberto e um espaço expositivo que contempla a cidade de São Paulo, convidando “o visitante ao resgate e a transformação de sua história.” (ARCHDAILY, 2013, p.1)

A engenheira civil Heloisa Maringoni afirma que a estrutura metálica estabeleceu a comunicação entre o prédio original e as suas novas partes, tendo sido a sua concepção estrutural um desafio, já que nenhum outro material conseguiria promover os vãos e ousadias desejados – o concreto, por exemplo, sobrecarregaria a laje existente. (ABCEM, 2014)

⁴ Empresa de bebidas energéticas e presente em 167 países do mundo, a *Red Bull* foi fundada pelo austríaco, de origem croata, Dietrich Mateschitz (1944-) em 1987, o qual criou a fórmula da *Red Bull Energy Drink*, tornou-se bilionário no ramo, também possuindo negócios no ramo esportivo e desenvolvendo o conceito de *marketing* único dessa companhia internacional de bebidas. (ENERGY DRINK, 2015)

Sayegh (2013) explica ainda que o edifício está formado por térreo, mezanino, primeiro pavimento e cobertura, além de um subsolo. A autora complementa que, segundo as diretrizes do tombamento, a restauração deveria ocorrer somente externamente, ou seja, nas fachadas do edifício. Contudo, os arquitetos decidiram revelar a arquitetura “quase industrial” do começo do século XX e acabaram destacando toda a estrutura, acabamentos e fechamentos originais dos espaços internos. Menezes (2014) afirma que a intervenção arquitetônica deixou muito claras as alterações, podendo estas serem distinguíveis e, na maior parte dos casos, reversíveis.

Percebe-se que o projeto de intervenção demoliu alguns elementos não-estruturais, tanto para que o programa de espaços expositivos pudesse ocorrer em plantas livres, como também para criar novos espaços de apoio, tais como sanitários (Figura 4.2.6), copa e áreas técnicas, além de trabalho, incluindo os escritórios e ateliês de artistas (ARCHDAILY, 2013). Sayegh (2013) diz que a camada de pintura dos pilares aparentes foi descascada, revelando suas primeiras cores; e as lajes de cobertura foram mantidas aparentes, com buracos e imperfeições resultantes do uso anterior.

O fechamento de tijolos também foi tratado, mantido aparente em alguns espaços e fechado por gesso acartonado em outros, o que possibilitou a melhor visualização das obras de arte. O piso de todos os pavimentos foi recoberto com uma camada de concreto devido às imperfeições e canaletas de captação de água, usadas no resfriamento dos equipamentos da companhia de energia elétrica. Ademais, o tombamento da envoltória não impediu que, além do restauro, as janelas recebessem um novo pano de vidro interno para garantir melhor acústica aos ambientes. (SAYEGH, 2013)

Além disso, foi promovida uma requalificação dos sistemas de instalações, energia e conforto ambiental: um novo sistema hidráulico e elétrico foi desenvolvido para atender ao novo programa, com a criação de áreas técnicas na cisterna subterrânea existente. A nova cobertura metálica, no terraço, foi concebida a fim de possibilitar captação de água pluvial e futura instalação de painéis fotovoltaicos. Por fim, a torre de resfriamento de água, existente no prédio original, foi reativada e tornou-se uma fonte de água no terraço, contribuindo para a qualidade do ar e conforto ambiental da área externa na cobertura. (ARCHDAILY, 2013)

Em relação à acessibilidade, de acordo com Menezes (2014), o elevador já existente precisou ser alterado para dar acesso ao terraço, enquanto que algumas rampas foram construídas onde necessário, como no caso do estúdio de gravação. A transformação dos usos deu início ainda no subsolo (Figura 4.2.7) que, conforme o *site* Archdaily (2013), era permanentemente alagado e inacessível, tendo sido reciclado como espaço de exposições e apoio às atividades que acontecem no térreo, com sala de ensaio dos músicos que irão utilizar o estúdio e camarim para as apresentações.

No pavimento térreo do edifício (Figura 4.2.8), logo em frente à entrada, encontra-se a cafeteria (Figura 4.2.9), cujo balcão de atendimento funciona onde ficava a antiga bomba d'água utilizada na subestação (Figura 4.2.10). A cozinha do café acabou sendo dividida em dois pavimentos. Também se situa no térreo a galeria principal (Figura 4.2.11): um local que recebe exposições de artes visuais variadas, além de performances e shows. A outra parte do pavimento foi trabalhada para receber estúdios de gravação de música (ARCHDAILY, 2013). Sayegh (2013) explica que, além das diversas demandas construtivas e de restauro, o projeto precisou contemplar necessidades técnicas: por exemplo, o estúdio de gravação recebeu paredes, forros e pisos isolantes, todos altamente tecnológicos.

O mezanino (Figura 4.2.12) foi reservado para as funções administrativas do prédio enquanto que no primeiro pavimento (Figura 4.2.13), o visitante encontra seis ateliês, com novos projetos a cada trimestre, além de um grande ateliê coletivo, destinado a *workshops* e palestras. Os ateliês funcionam onde antes ficavam as baias dos transformadores, sendo que os arquitetos escolheram manter as portas metálicas originais (Figura 4.2.14), fazendo uma alusão ao uso anterior. Ainda, nesse mesmo andar, existe a galeria transitória, que é um local de exposição temporária para os trabalhos desenvolvidos nos ateliês, assim como um auditório multifuncional. (SAYEGH, 2013)

Por fim, no último pavimento (Figura 4.2.15), o público tem acesso ao terraço, formado por lajes tipo *steel deck* e concreto, onde acontecem eventos e instalações artísticas, além de permitir à internet *wireless* (Figura 4.2.16). Completando todo o conjunto do Centro Cultural *Red Bull Station*, há a cobertura metálica que, além de proteger o espaço, capta a água da chuva e a distribui para os sanitários e para o antigo chafariz (Figuras 4.2.17 e 4.18). “Coroando a construção, uma marquise

metálica destaca-se do edifício, revelando ao entorno que ali existe um novo uso”.
(SAYEGH, 2013, p.1)



IMAGEM AÉREA REGIÃO CENTRAL SÃO PAULO
sem escala



 RED BULL STATION

 1. CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
 2. PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Figura 4.2.1 – Situação urbana do Centro Cultural *Red Bull Station* (São Paulo SP)
(GOOGLE MAPS, 2015; adaptado)

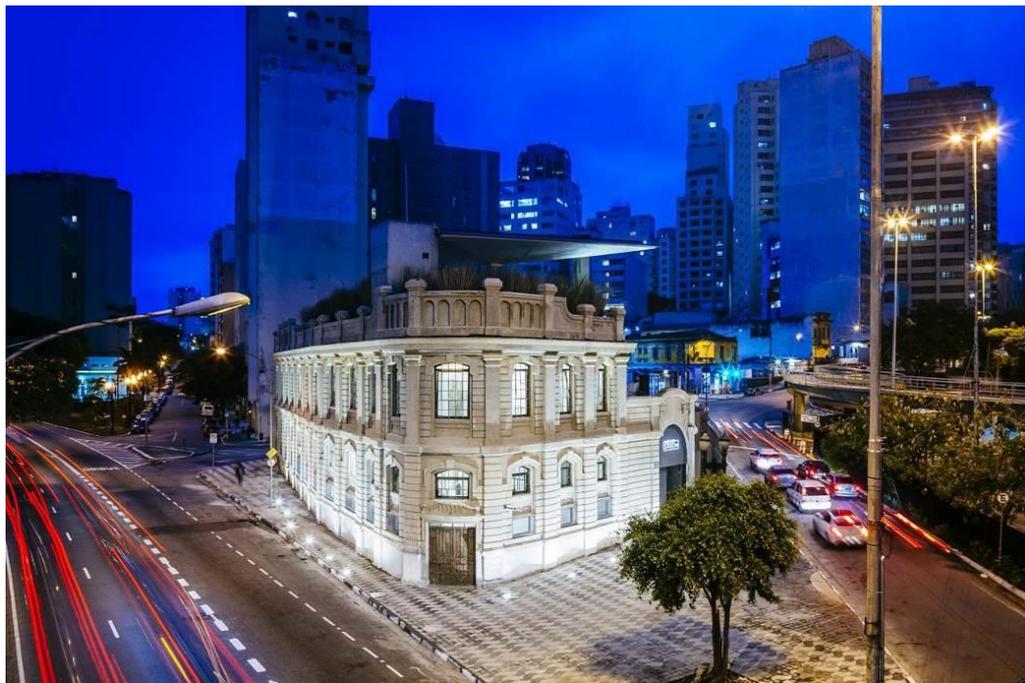
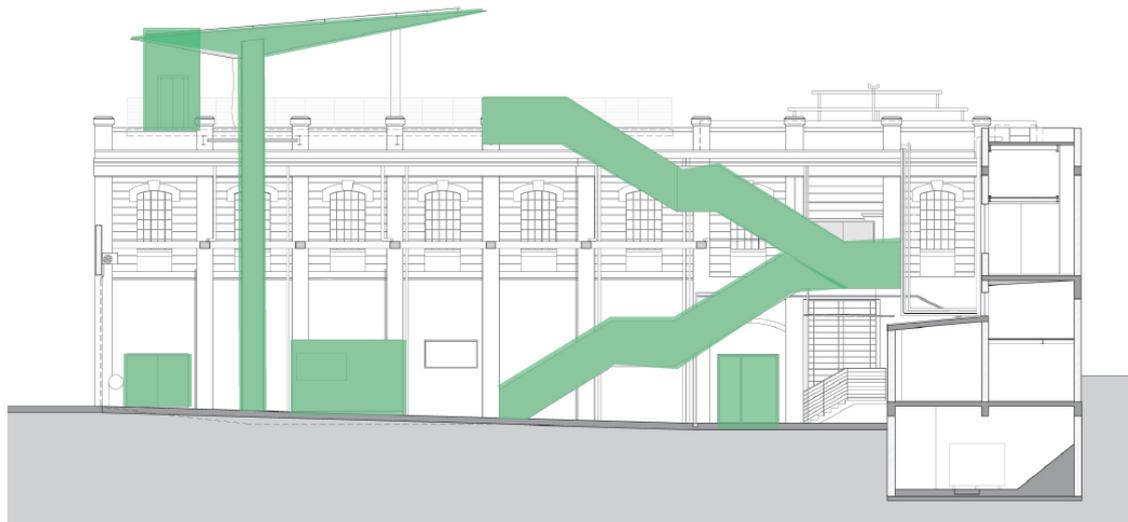


Figura 4.2.2 – Vista externa do Centro Cultural *Red Bull Station* (São Paulo SP)
(ARCHDAILY, 2013)



CORTE LONGITUDINAL
sem escala

 reversível e distinguível

Figura 4.2.3 – Corte Longitudinal que mostra a estrutura das escadas metálicas e da cobertura e pilar metálico do Centro Cultural *Red Bull Station*. (ARCHDAILY, 2013)



CORTE TRANSVERSAL
sem escala

 reversível e distinguível

Figura 4.2.4 – Corte Transversal que mostra a estrutura das escadas metálicas e parte da configuração interna do Centro Cultural *Red Bull Station*. (ARCHDAILY, 2013)



Figura 4.2.5 – Vista da bilheteria do Centro Cultural *Red Bull Station* (AMPLIA ENGENHARIA, 2013)



Figura 4.2.6 – Vista do sanitário em *dry wall* do Primeiro Pavimento do Centro Cultural *Red Bull Station*. (MENEZES, 2014)

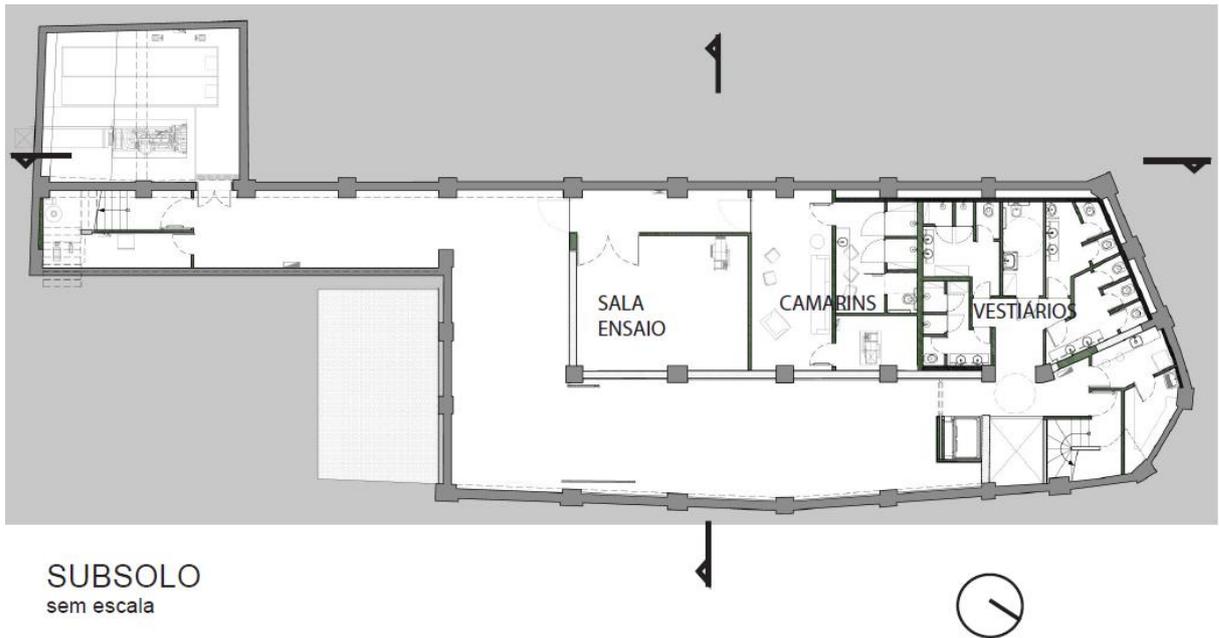


Figura 4.2.7 – Planta do Subsolo do Centro Cultural *Red Bull Station* (ARCHDAILY, 2013)



Figura 4.2.8 – Planta do Pavimento Térreo do Centro Cultural *Red Bull Station* (ARCHDAILY, 2013)



Figura 4.2.9 – Vista da cafeteria do Centro Cultural *Red Bull Station* (HYPENESS, 2014)



Figura 4.2.10 – Vista da parte interna da cafeteria (local era antigo espaço de bomba d'água) do Centro Cultural *Red Bull Station*. (MENEZES, 2014)



Figura 4.2.11 – Vista da galeria do Centro Cultural *Red Bull Station* (ARCHDAILY, 2013)

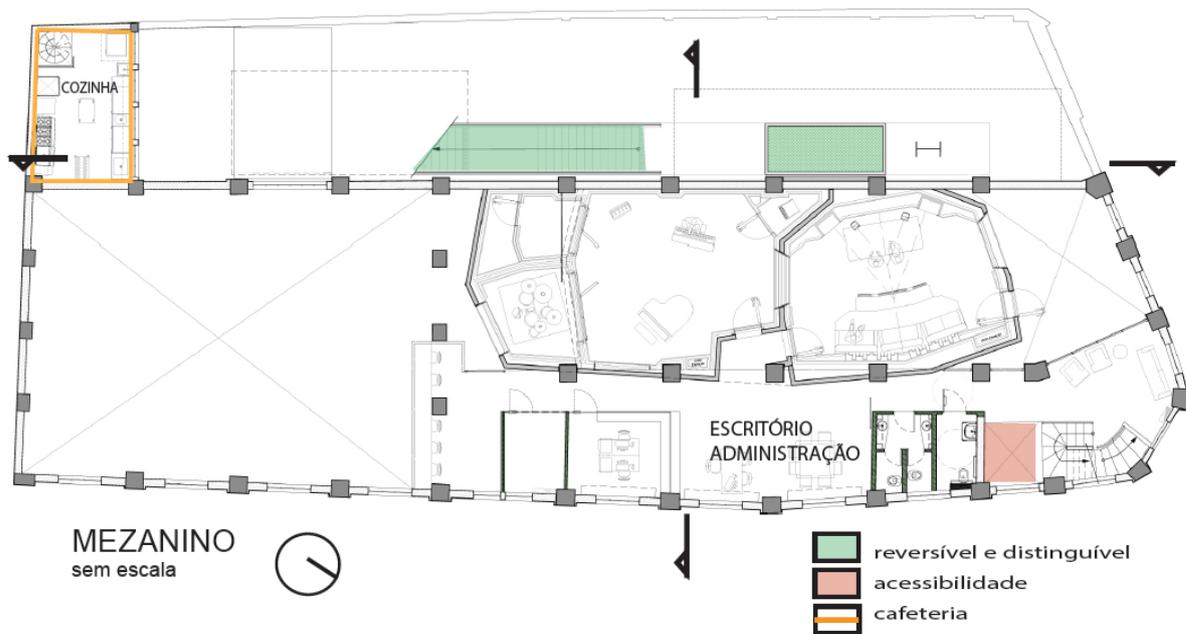


Figura 4.2.12 – Planta do Mezanino do Centro Cultural *Red Bull Station* (ARCHDAILY, 2013)

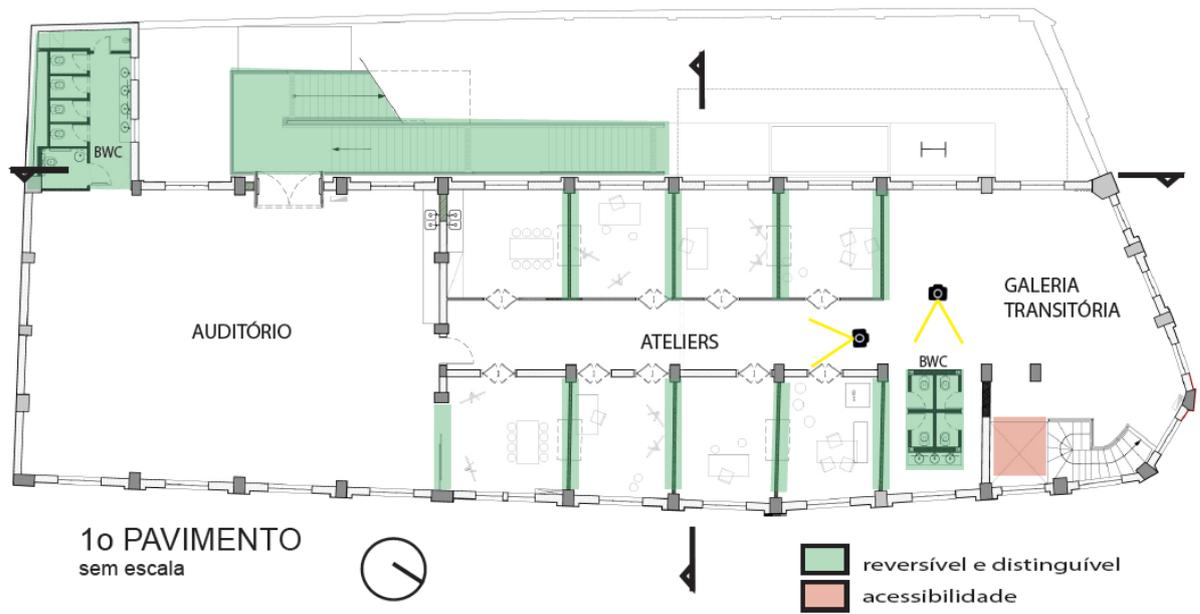


Figura 4.2.13 – Planta do Primeiro Pavimento do Centro Cultural *Red Bull Station* (ARCHDAILY, 2013)

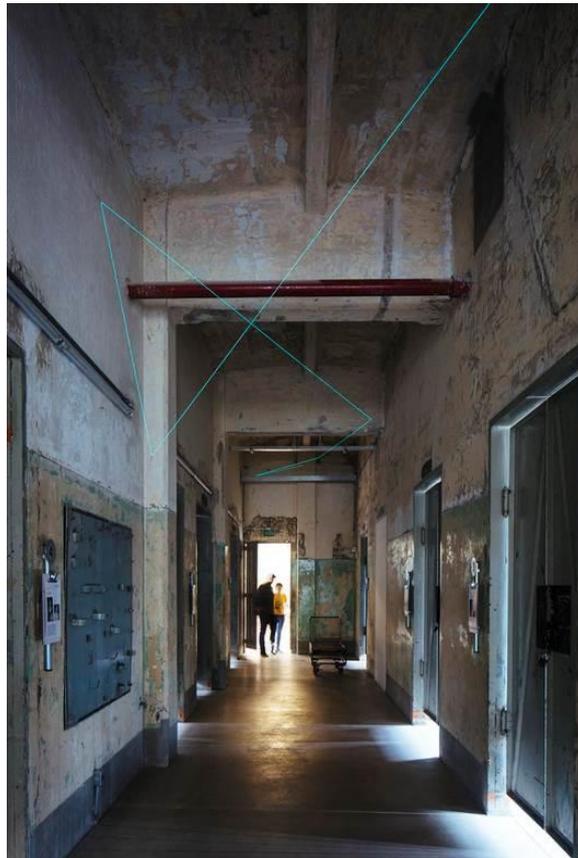


Figura 4.2.14 – Vista do corredor dos ateliês (portas metálicas do prédio original) do Centro Cultural *Red Bull Station*. (ARCHDAILY, 2013)

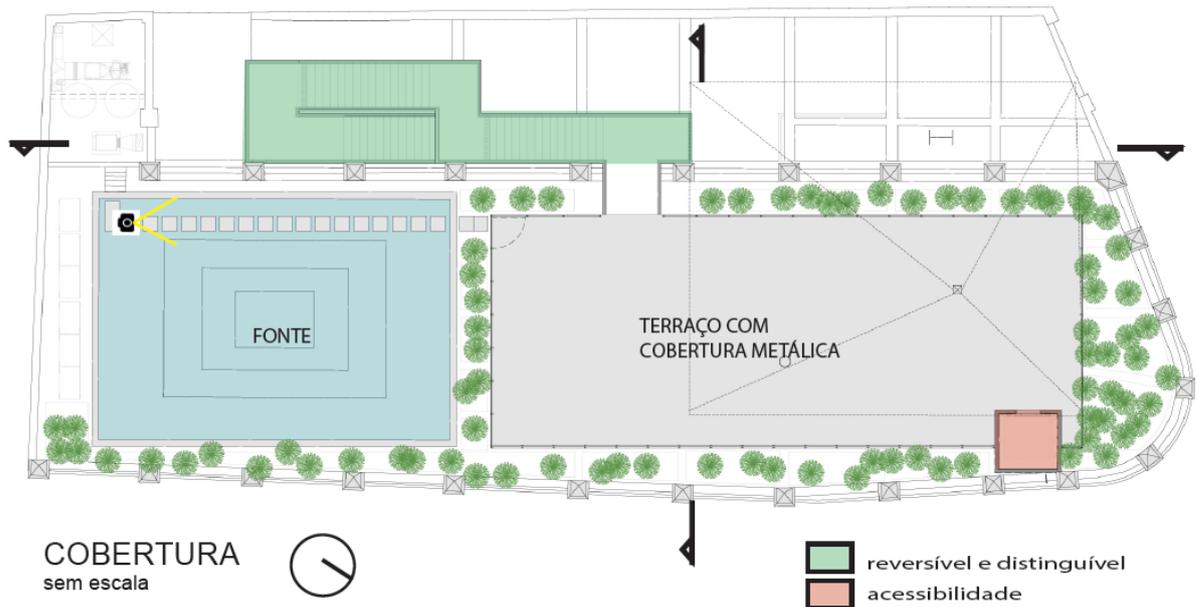


Figura 4.2.15 – Planta da Cobertura do Centro Cultural *Red Bull Station* (ARCHDAILY, 2013)

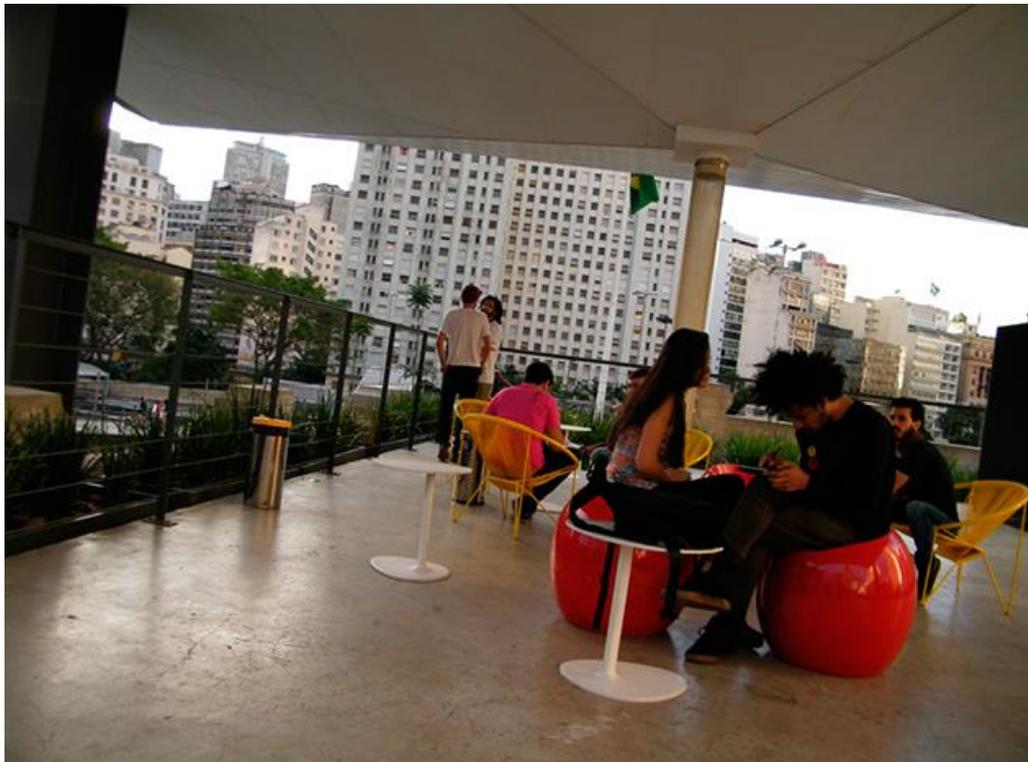


Figura 4.2.16 – Vista do terraço com acesso à Internet *wireless* do Centro Cultural *Red Bull Station* (HYPENESS, 2014)



Figura 4.2.17 – Vista geral da cobertura metálica do terraço do Centro Cultural *Red Bull Station*. (ARCHDAILY, 2013)



Figura 4.2.18 – Vista geral da fonte e cobertura metálica aos fundos do Centro Cultural *Red Bull Station*. (ARCHDAILY, 2013)

4.3 Palacete das Artes – Salvador BA

Uso: Museu

Localização: Salvador BA

Data do projeto original: 1912

Data do projeto de intervenção: 2003

Autoria do projeto: *Brasil Arquitetura*

Área total: 3.055 m²

Esta obra trata-se de mais um exemplar nacional onde uma edificação histórica recebeu intervenção arquitetônica de *retrofit*. A diferença deste caso em relação ao anteriormente apresentado anteriormente, localizado na capital paulista, está na existência de um anexo proposto, que é independente da construção original e consiste em outra edificação, além de apresentar não somente intervenções pontuais como no Centro Cultural *Red Bull Station*. O programa continua sendo cultural, porém com o enfoque museográfico, além do fato do partido arquitetônico buscar relações urbanas com o local onde é inserido.

O Palacete das Artes está localizado na capital baiana, no Bairro da Graça, que consiste em uma região residencial nobre, ocupada pelas classes média e alta (Figuras 4.3.1 e 4.3.2). Jordan (2006) explica que o edifício que o abriga também é conhecido como *Villa Catharino*, tendo sido projetado pelo arquiteto italiano Rossi Baptista⁵ e cuja construção foi finalizada em 1912. O palacete de quatro pavimentos expressava o desejo da burguesia baiana pela modernização ao modo dos ingleses e franceses e, além de residência para o Comendador Bernardo Martins Catharino, serviu também como “instrumento raro de fruição artística para os habitantes da antiga Cidade da Bahia”. (JORDAN, 2006, p.1)

Ainda segundo Jordan (2006), em 09 de junho de 1986, o tombamento do Palacete Catharino foi aprovado pelo Conselho Estadual de Cultura e tornou-se o primeiro imóvel de estilo eclético a ser tombado pelo INSTITUTO DO PATRIMÔNIO

⁵ Chegando à Bahia em 1911, Rossi Baptista realizava projetos e construções de edifícios particulares, integrando o grupo de profissionais que se destacaram na renovação urbanística, arquitetônica e artística de Salvador, juntamente com Pasquale de Chirico, Julio Conti, Filinto Santoro e Oreste Sercelli. De acordo com o especialista em História da Arquitetura, Francisco Senna, citado por Moniz (2011), as mudanças mais impactantes ocorreram a partir de 1912, quando José Joaquim Seabra (1855-1942) assumiu o governo. Entre as décadas de 1910 e 1930, muitos profissionais deslocaram-se para a capital baiana, iniciando um período de grandes reformas urbanas, porém há poucas informações sobre Baptista e demais estrangeiros dessa época. (BALTAR, 2006)

ARTÍSTICO E CULTURAL DA BAHIA – IPAC/BA. A partir de então, a edificação passou a abrigar a Secretaria e Conselho Estaduais da Educação e Cultura, até ser destinado em 2003 a sediar o museu.

O Palacete das Artes tem como missão difundir a cultura e as artes moderna e contemporânea, com ética, responsabilidade e dinamismo, por meio de ações de preservação, pesquisa, educação, exposição e democratização do acesso aos seus produtos, com o objetivo principal de compartilhar conhecimentos e experiências a uma diversidade de públicos, buscando a excelência a serviço da sociedade. (JORDAN, 2015, P.01)

Passando a ser nomeado *Palacete das Artes*, o edifício histórico foi destinado a abrigar uma filial do Museu Rodin, localizado em Paris, na França. Santos (2005) explica que, por se tratar da primeira filial desta instituição fora do território francês, isto gerou uma série de exigências. O primeiro requisito era encontrar uma sede com significado cultural para a cidade e que atendesse a todos os aspectos técnicos exigidos por um museu, além de ter capacidade para abrigar as cerca de 70 peças originais de Auguste Rodin⁶ (1840 -1917), realizadas em gesso e trazidas de Paris.

Além de cumprir os requisitos iniciais, Jordan (2006) afirma que o prédio também apresentava relativa semelhança com o *Hotel Biron* (Figura 4.3.3) – uma edificação do século XVII onde está instalado o Museu Rodin de Paris –, já que o estilo eclético do palacete baiano guarda fortes referências arquitetônicas francesas. Com isto, após ter sido aprovado pela matriz parisiense, o edifício recebeu um projeto de restauração e adaptação e, aos fundos da construção original, foi projetado um anexo destinado a abrigar exposições temporárias (Figura 4.3.4).

Santos (2005) explica que tanto a restauração do palacete como as intervenções tiveram como objetivo criar a infraestrutura necessária, adequando os espaços às atividades previstas para o museu. Para tanto, os profissionais da *Brasil Arquitetura* criaram novas circulações e integraram os ambientes. Segundo Figuerola (2003), o primeiro e segundo pavimentos (Figuras 4.3.5 e 4.3.6) são considerados principais, sendo dedicados à exposição da coleção Rodin (Figura 4.3.7), enquanto que o térreo abriga as atividades educativas e de acolhimento, podendo ainda apresentar *workshops* e cursos em geral. No sótão da edificação,

⁶ Importante escultor francês, René-François-Auguste Rodin (1840-1917), é considerado um dos maiores artistas do século XIX, cuja obra, marcada pela temática realista, exuberância das formas e grande expressividade, teve grande influência sobre os movimentos impressionista e simbolista, os quais serviram de base para toda a arte moderna. (N. Autora)

onde funcionam a administração do museu e um auditório, a equipe acrescentou um lance à escada já existente no casarão.

Outro objetivo da intervenção foi criar um ágil e eficiente sistema de circulação vertical no palacete: a solução foi implantar uma torre de concreto na parte posterior da edificação histórica (Figura 4.3.8), que, com escada e elevador (Figura 4.3.9), liga os três pavimentos do museu e conecta-se ao novo edifício em anexo por uma passarela. Ademais, a nova torre incluída no antigo edifício provoca o diálogo com o pavilhão anexado, pois ambas tem a mesma linguagem e material. (FIGUEROLA, 2003)

Por fim, com o objetivo de acolher a reserva técnica, os espaços para exposições temporárias e um café-bar com internet *wireless* (Figura 4.3.10), foi previsto um pavilhão em meio aos jardins com esculturas, segundo Santos (2005), com a mesma área construída – ou seja, 1.500 m² – do palacete (Figuras 4.3.11 a 4.3.14). Enquanto o palacete continua sendo o protagonista, abrigando as obras em gesso originais de Auguste Rodin, o pavilhão anexo permite a flexibilidade para abrigar exposições temporárias, adquirindo o papel de estimular a frequência de visitantes. Além disso, ao mesmo tempo em que o ecletismo foi apaziguado ao ser pintado de branco, o anexo, com seu concreto aparente, gera contraste a composição. (SERAPIÃO, 2006)

De acordo com Santos (2005), os arquitetos do escritório *Brasil Arquitetura* adotaram como principal solução de continuidade para todo o conjunto uma passarela de concreto protendido, elevada a três metros do chão e sem o apoio de pilares, a qual atua como conexão física entre o edifício de 1912 e o anexo datado de 2003 (Figuras 4.3.15 e 4.3.16).

O projeto de intervenção e anexo do *Palacete das Artes* na capital baiana trouxe diversos prêmios internacionais ao escritório que o realizou, entre os quais: o primeiro lugar na categoria *Intervención en el Patrimonio Edificado* da Bienal de Arquitetura de Quito (2006), o primeiro lugar na categoria obra executada de patrimônio da V Bienal de Arquitetura de Brasília (2006) e primeiro lugar na VII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (2007). (BRASIL ARQUITETURA, 2015)

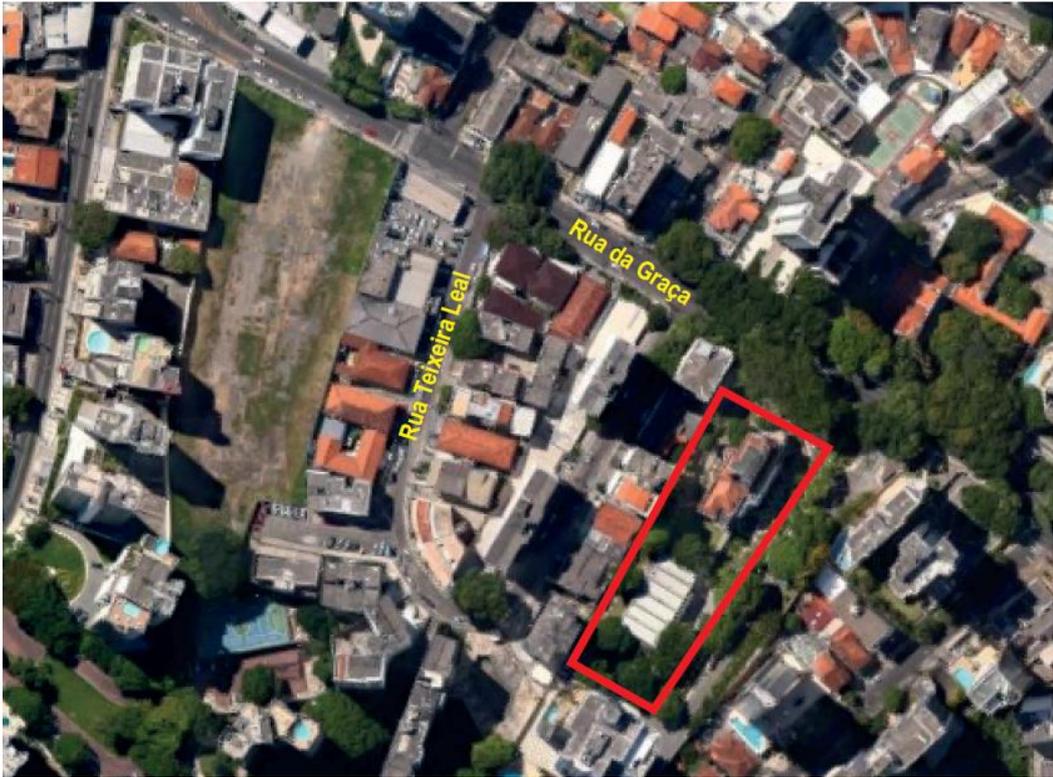


Figura 4.3.1 – Situação urbana do *Palacete das Artes* (Salvador BA)
(GOOGLE MAPS, 2015; adaptado)



Figura 4.3.2 – Vista externa do *Palacete das Artes*
(ACERVOS DE HISTÓRIA, 2014)



Figura 4.3.3 – Vista geral do *Museu Rodin*, situado em Paris, França (MUSEE RODIN, 2015)

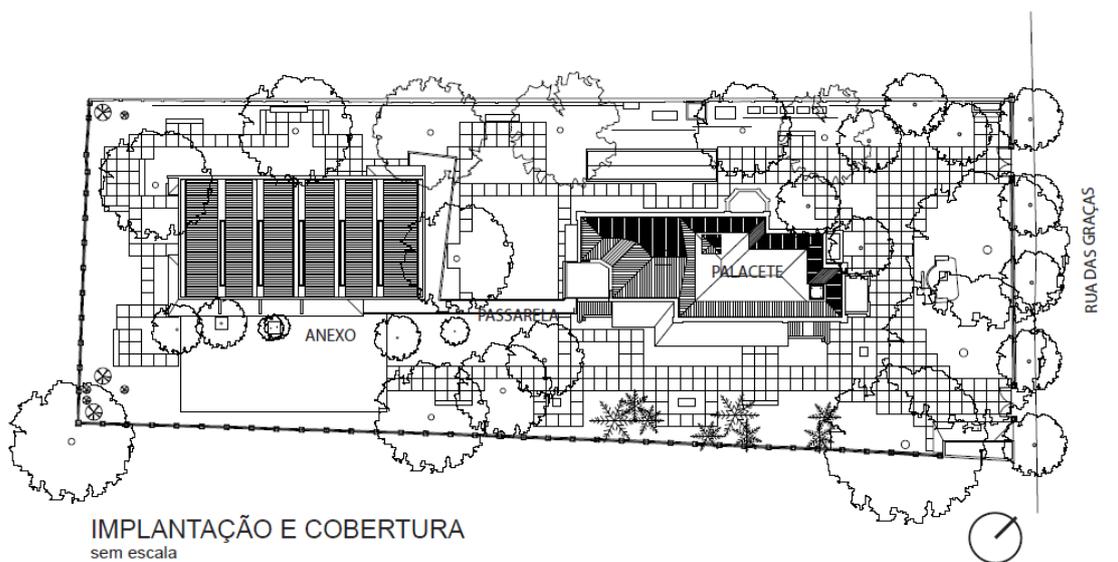
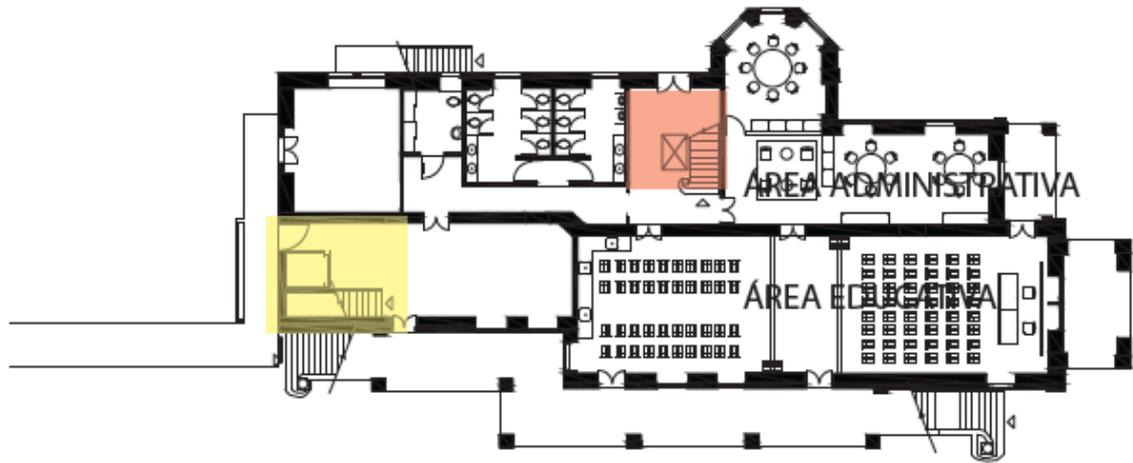
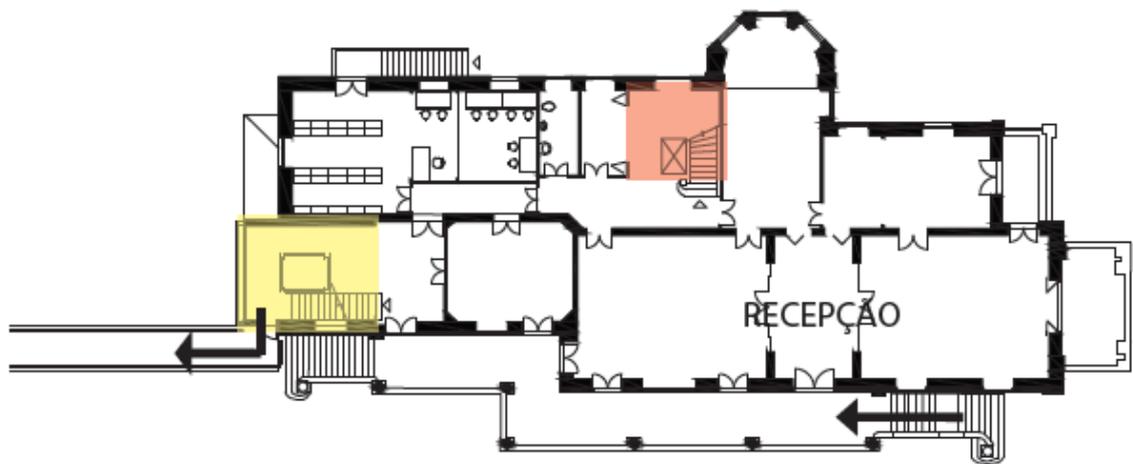


Figura 4.3.4 – Implantação do *Palacete das Artes* e seu anexo (BRASIL ARQUITETURA, 2015)



TÉRREO



1o PAVIMENTO

PALACETE
sem escala

- CIRCULAÇÃO VERTICAL DE 1912
- CIRCULAÇÃO VERTICAL NOVA



Figura 4.3.5 – Plantas dos Térreo e Primeiro Pavimento do *Palacete das Artes* (BRASIL ARQUITETURA, 2015)

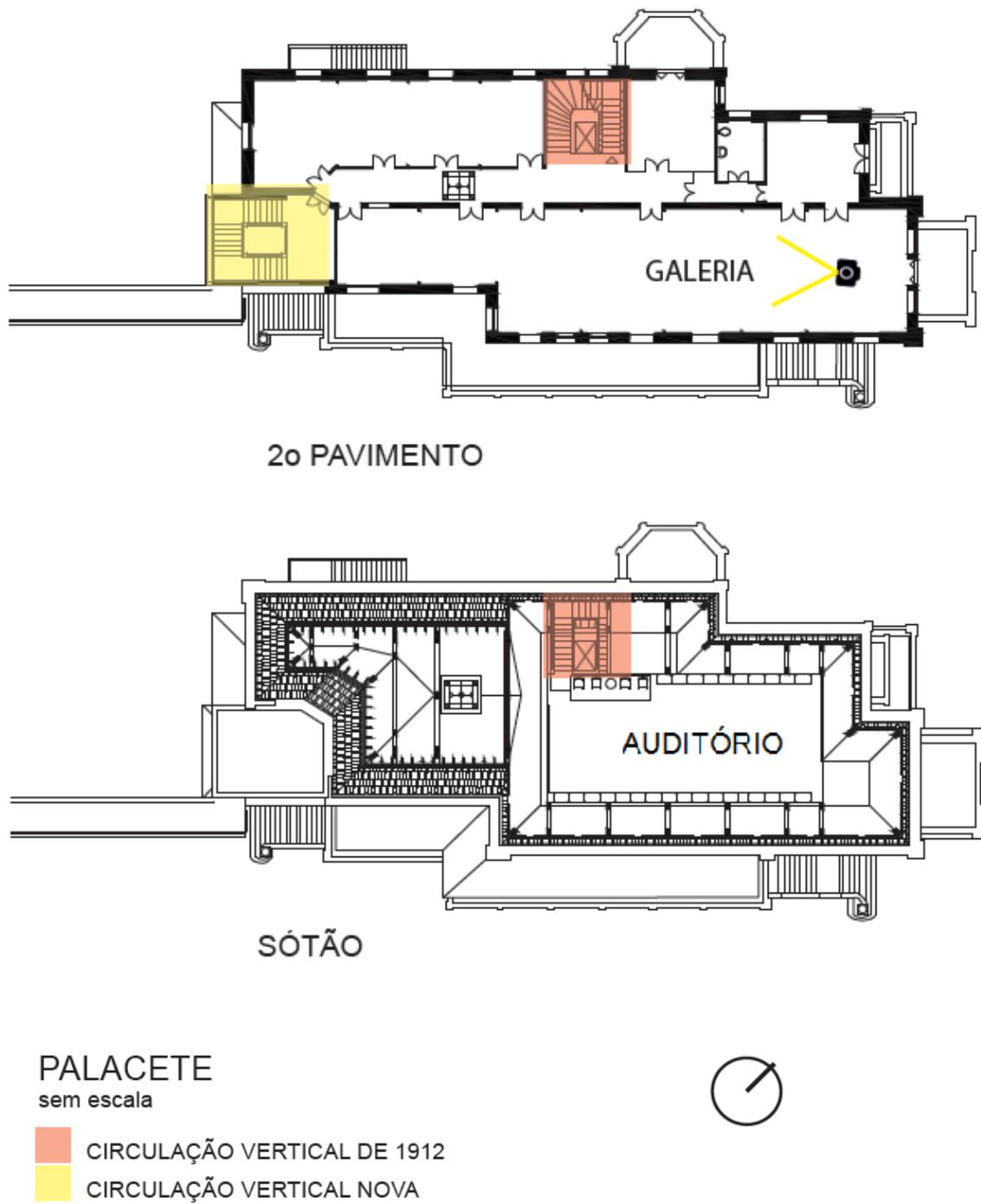


Figura 4.3.6 – Plantas do Segundo Pavimento e Sótão do *Palacete das Artes* (BRASIL ARQUITETURA, 2015)



Figura 4.3.7 – Vista do salão superior onde as obras de arte são expostas no *Palacete das Artes* (SKYSCRAPERCITY, 2009)

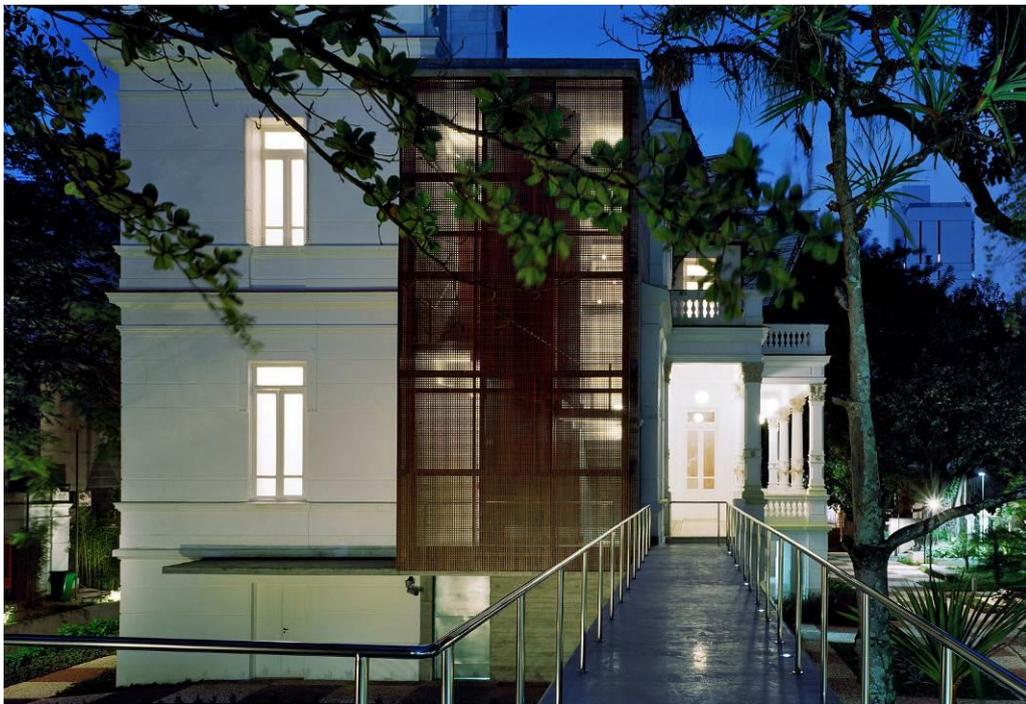


Figura 4.3.8 – Vista externa da nova torre de circulação vertical do *Palacete das Artes* (BRASIL ARQUITETURA, 2015)



Figura 4.3.9 – Vistas do elevador original da obra e do elevador da nova torre de circulação do *Palacete das Artes*. (SERAPIÃO, 2013)



Figura 4.3.10 – Vista do café-bar com internet *wireless* do *Palacete das Artes* (PALACETE DAS ARTES, 2015)



Figura 4.3.11 – Planta do Térreo do anexo do *Palacete das Artes* (BRASIL ARQUITETURA, 2015)

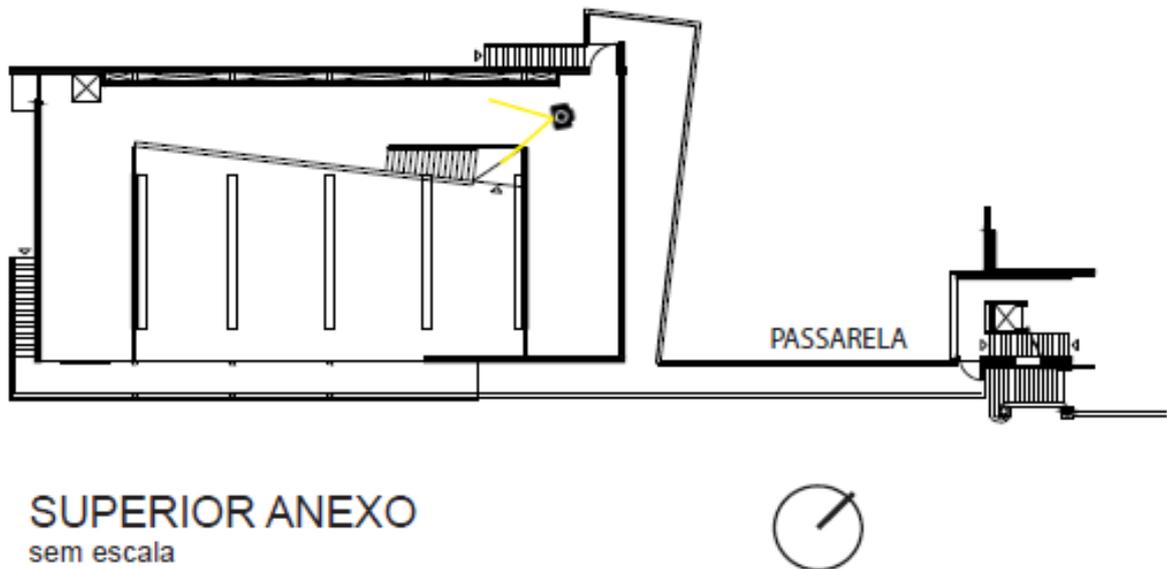


Figura 4.3.12– Planta do Pavimento Superior do anexo do *Palacete das Artes* (BRASIL ARQUITETURA, 2015)



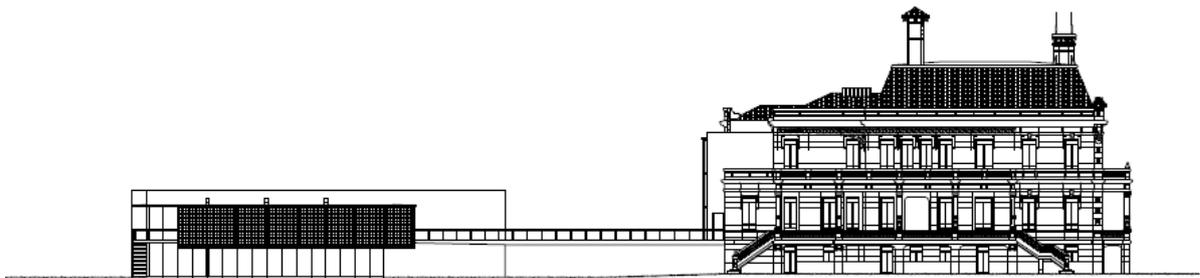
Figura 4.3.13 – Vista externa do pavilhão e jardim de esculturas do *Palacete das Artes* (BRASIL ARQUITETURA, 2015)



Figura 4.3.14 – Vista interna do pavilhão anexo do *Palacete das Artes* (PALACETE DAS ARTES, 2015)



Figura 4.3.15 – Vista externa da passarela que conecta os edifícios do *Palacete das Artes* (BRASIL ARQUITETURA, 2015)



ELEVAÇÃO LESTE
sem escala

Figura 4.3.16 – Elevação que mostra o *Palacete das Artes* conectado ao pavilhão anexo (BRASIL ARQUITETURA, 2015)

4.4 Solar do Rosário – Curitiba PR

Uso: Centro Cultural

Localização: Curitiba PR

Data do projeto original: 1892

Data do projeto de intervenção: 1992

Projeto: Arquiteto Ernesto Zanon

Área: Aproximadamente 800 m²

Selecionado como estudo de caso local, o *Solar do Rosário* (Figura 4.4.1) consiste em um correlato que apresenta similaridades com o projeto a ser desenvolvido - por também se tratar de uma reciclagem de edificação histórica localizada no centro da cidade de Curitiba PR. Este casarão centenário situa-se no setor histórico curitibano (Figura 4.4.2), cuja área é popularmente conhecida com Largo da Ordem. O local representa o início do povoamento que depois se tornaria a vila e finalmente a cidade de Curitiba, sendo hoje em dia compreendido pelo Bairro São Francisco e parte do Centro da capital paranaense. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2015)

O Largo da Ordem é também cenário de uma grande feira popular que ocorre aos domingos, dita *Feirinha do Largo da Ordem*, a qual, com aproximadamente 1.000 barracas de objetos diversos, incluindo artesanato, livros e culinária, atrai cerca de 15.000 pessoas para o calçadão. (GUIA TURISMO CURITIBA, 2010)

O *Espaço Cultural do Solar do Rosário* (Figura 4.4.3) está localizado entre a *Igreja da Ordem de São Francisco de Assis das Chagas*, construída pelos portugueses em 1737 – que é a igreja mais antiga de Curitiba, originalmente chamada *Igreja de Nossa senhora do Terço*, rebatizada em 1746, com a chegada da Ordem de São Francisco em Curitiba –; e a *Igreja do Rosário*, erguida em 1946 no mesmo local que originalmente havia uma igreja construída por e para escravos em 1737, a qual se denominada *Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Benedito*, demolida em 1931 (CURITIBA-PARANÁ, 2015a; 2015b). Nas proximidades, também há outras edificações históricas, cuja arquitetura é fruto dos portugueses assim como dos imigrantes alemães, italianos, poloneses e ucranianos trazidos pelos movimentos migratórios iniciados no século XIX. (CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA, 2015)

Alguns exemplares dessas edificações antigas concentradas no Largo da Ordem foram restaurados e receberam novos usos, como foi o caso do *Palácio Garibaldi*, idealizado por imigrantes italianos e construído entre 1887 e 1904 – embora sua fachada tenha demorado para ser concluída somente em 1932 –, que atualmente funciona como espaço de eventos (CURITIBA-PARANÁ, 2015c). Outros exemplos são a conhecida *Casa Vermelha*, construída por imigrantes alemães no início do século XX e que hoje é um espaço cultural; e a *Casa Romário Martins*, datada do século XVIII, sendo esta o último exemplar da arquitetura colonial portuguesa no centro de Curitiba e atualmente aberta à visitação pública desde 1973 (Figura 4.4.4). A região também abriga o *Memorial de Curitiba*, este inaugurado em 1996, que consiste em um grande complexo que reúne diversas atividades culturais, tais como apresentações artísticas, exposições, seminários e oficinas, buscando preservar e expor a história da cidade. (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2015)

Quanto ao *Solar do Rosário*, este se constitui de uma casa assobradada de arquitetura eclética com a mistura dos estilos coloniais português, francês e alemão, acrescidos de características neoclássicas como o frontão com suas volutas curvas, janelas e sacadas. Trata-se de uma “síntese de estilos que retrata o espírito da terra paranaense: acolhedora de todas as etnias, terra de todas as gentes” (SOLAR DO ROSÁRIO, 2015, p.1). Originalmente denominado *Solar da Sinhá França*, o casarão foi construído no século XIX para ser a residência da família Paula França. Depois, foi adquirido pelo historiador e colecionador de arte Newton Carneiro⁷, cuja intenção era transformar o local em pousada, algo que nunca se realizou. Até o final da década de 1980, o casarão foi sede do *Instituto Goethe* do Paraná, que ministrava cursos e atividades culturais. (SECRETARIA DO ESPORTE E DO TURISMO, 2015)

Em seguida, a edificação – que está listada como Unidade de Interesse de Preservação (UIP) da cidade – foi entregue a uma entidade sem fins lucrativos, cujo objetivo era resgatar a memória do local por meio do desenvolvimento de atividades culturais. Assim, no início da década de 1990, o casarão foi submetido a um projeto de restauração desenvolvido pelo arquiteto paranaense formado pela UFPR em

⁷ O curitibano Newton Carneiro Affonso da Costa (1929-) é professor aposentado, tendo sido graduado pela UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR em Engenharia Civil e Matemática. (CENTRO DE LÓGICA, EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DA CIÊNCIA, 2015)

1988, Ernesto Zanon. Por fim, em maio de 1992, o *Solar do Rosário* foi inaugurado como espaço de arte e cultura, sendo seu novo nome escolhido devido à proximidade com a *Igreja do Rosário*. (SECRETARIA DO ESPORTE E DO TURISMO, 2015)

A restauração buscou manter as características originais do casarão, tanto externamente, com a preservação da fachada, quanto internamente ao manter os revestimentos e cômodos originais. Ao lado do edifício preexistente foi construído um anexo em alvenaria com a fachada principal em vidro, criando um contraste muito claro entre a edificação original e a recente (Figura 4.4.5). O acesso do visitante é feito entre as duas edificações, que também faz ligação a uma área verde aos fundos (Figura 4.4.6).

O espaço do *Solar do Rosário* configura-se como um pequeno complexo cultural de iniciativa privada, sendo o casarão (Figura 4.4.7) formado por dois pavimentos: o térreo, onde acontece a galeria de arte (Figura 4.4.8) e a administração do espaço, além do café colonial e restaurante (Figura 4.4.9); e o pavimento superior, em que ocorrem os cursos e oficinas (Figura 4.4.10). Já no anexo, a parte frontal foi reservada para o café com livraria (Figuras 4.4.11 e 4.4.12) e sua área externa (Figura 4.4.13), enquanto que a parte posterior serve de auditório para palestras e apresentações (Figura 4.4.14). Aos fundos do terreno, há ainda um pequeno estacionamento, junto a um jardim de esculturas com área verde (Figura 4.4.15) que, embora relativamente pequena, é um diferencial que surpreende o visitante, já que região apresenta pouca arborização.



Figura 4.4.1 – Vista externa do Solar do Rosário em Curitiba PR
(AUTORA, 2015)

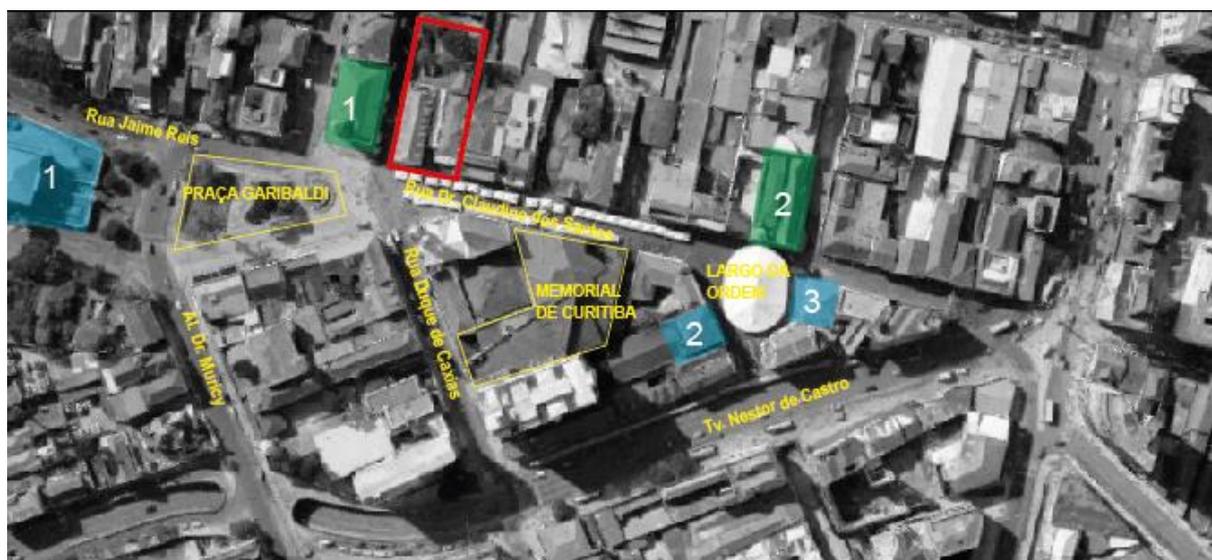


IMAGEM AÉREA REGIÃO CENTRO HISTÓRICO CURITIBA
sem escala



 SOLAR DO ROSÁRIO

 IGREJAS 1. IGREJA DO ROSÁRIO
2. IGREJA DA ORDEM DE S. FRANCISCO

 EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS 1. PALÁCIO GARIBALDI
2. CASA VERMELHA
3. CASA ROMÁRIO MARTINS

Figura 4.4.2 – Imagem Aérea do Centro Histórico de Curitiba. (GOOGLE MAPS, 2015; adaptado)

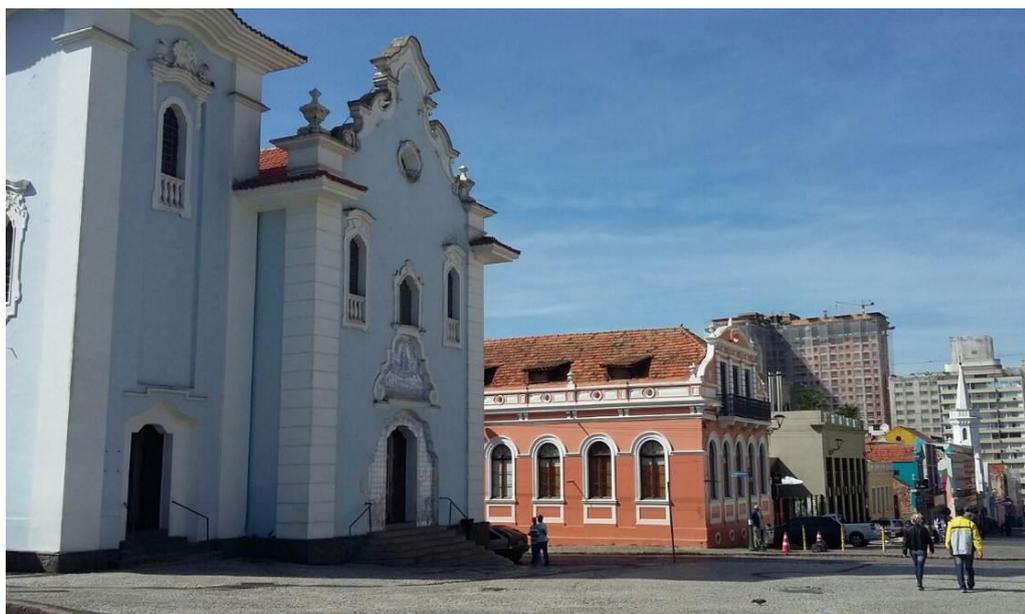


Figura 4.4.3 – Vista do Solar do Rosário situado entre duas Igrejas no Largo da Ordem (AUTORA, 2015)



Figura 4.4.4 – Vista do Largo da Ordem, a Casa Romário Martins e a Casa Vermelha (AUTORA, 2015)

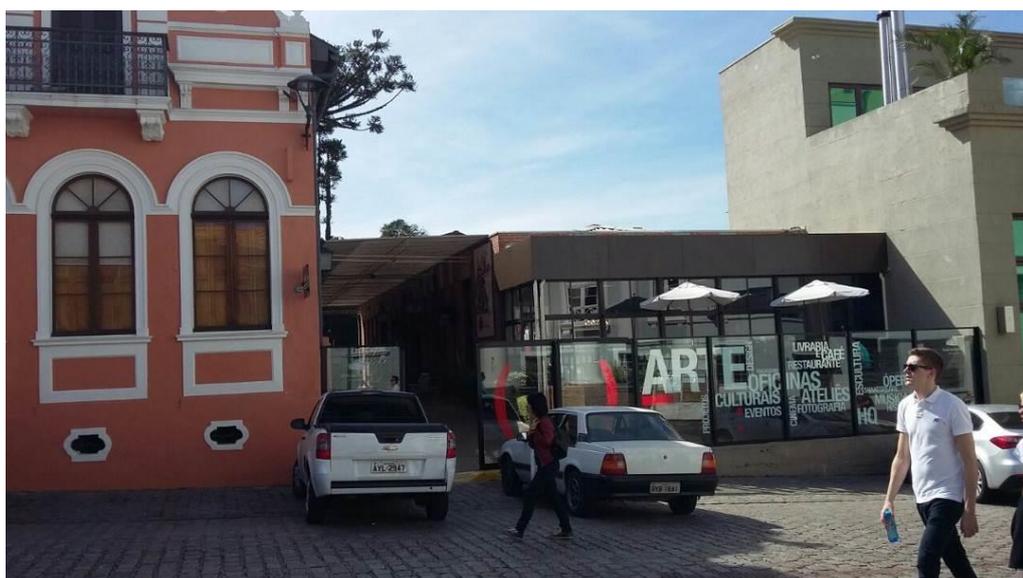


Figura 4.4.5 – Vista do contraste antigo e novo no Solar do Rosário (AUTORA, 2015)



Figura 4.4.6 – Vista do hall de acesso do Solar do Rosário (AUTORA, 2015)



Figura 4.4.7 – Setorização do Solar do Rosário. (GOOGLE MAPS, 2015; adaptado)

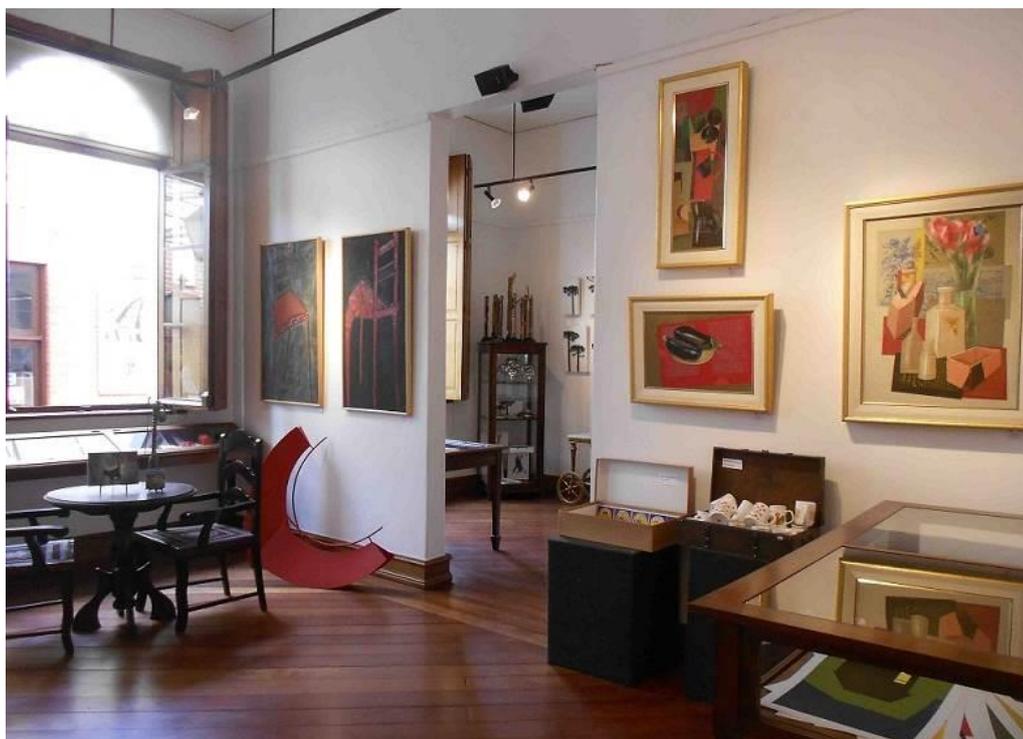


Figura 4.4.8 – Vista da galeria de arte no casarão do *Solar do Rosário* (BLOG IZA ZILLI, 2014)

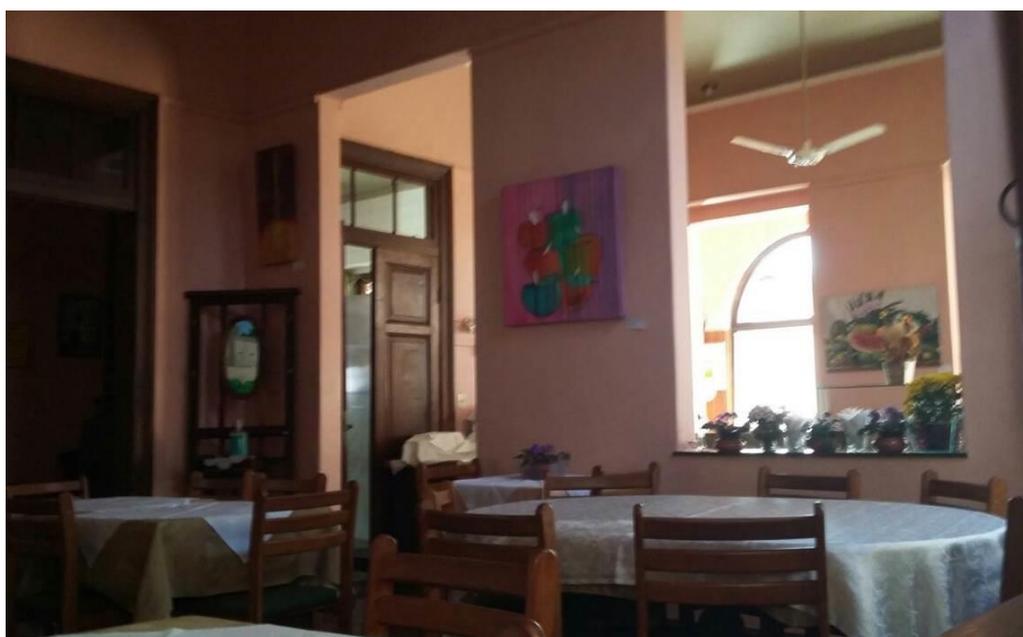


Figura 4.4.9 – Vista da casa de chá e café colonial do *Solar do Rosário* (AUTORA, 2015)



Figura 4.4.10 – Vista de um curso acontecendo no pavimento superior do *Solar do Rosário* (SOLAR DO ROSÁRIO, 2015)



Figura 4.4.11 – Vista do café do anexo do *Solar do Rosário* (AUTORA, 2015)



Figura 4.4.12 – Vista da livraria do café do anexo do *Solar do Rosário* (CINEMASCOPE, 2014)

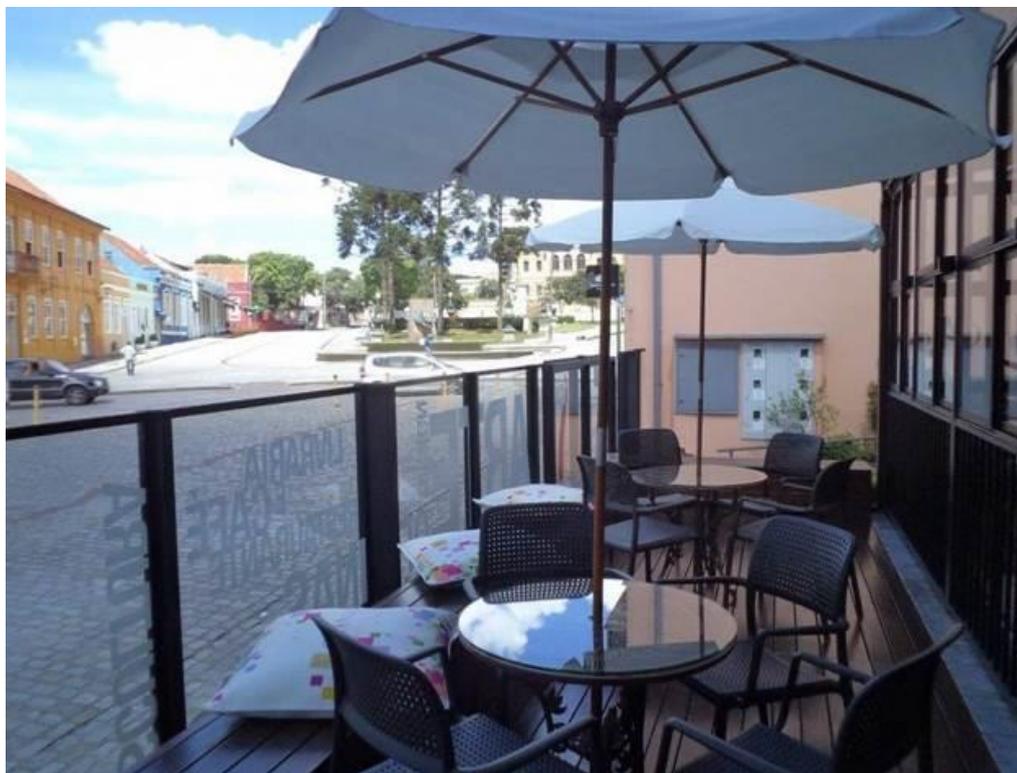


Figura 4.4.13 – Vista das mesas externas do café no anexo do *Solar do Rosário* (BEM PARANÁ, 2014)

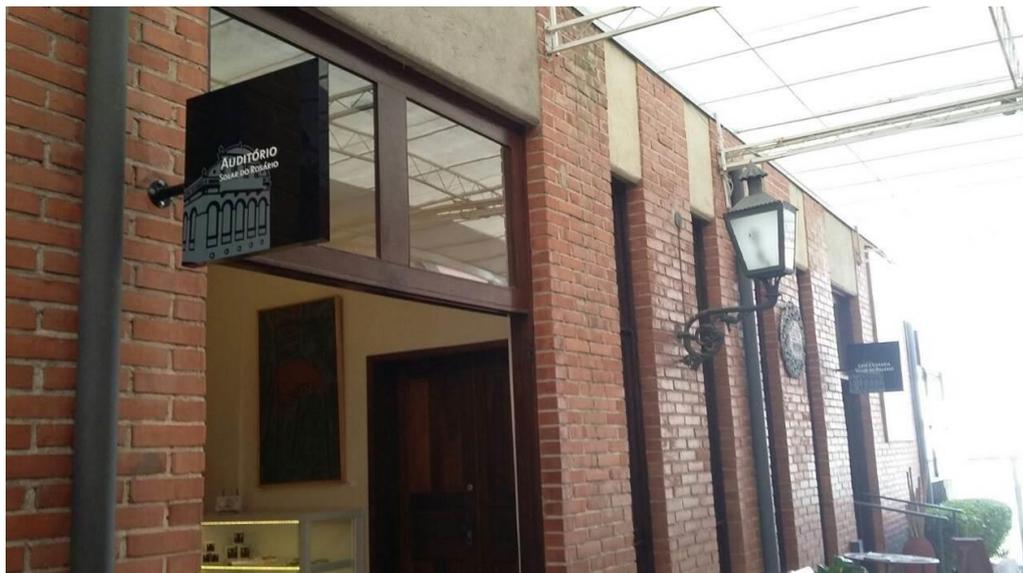


Figura 4.4.14 – Vista do acesso ao auditório do *Solar do Rosário*
(AUTORA, 2015)

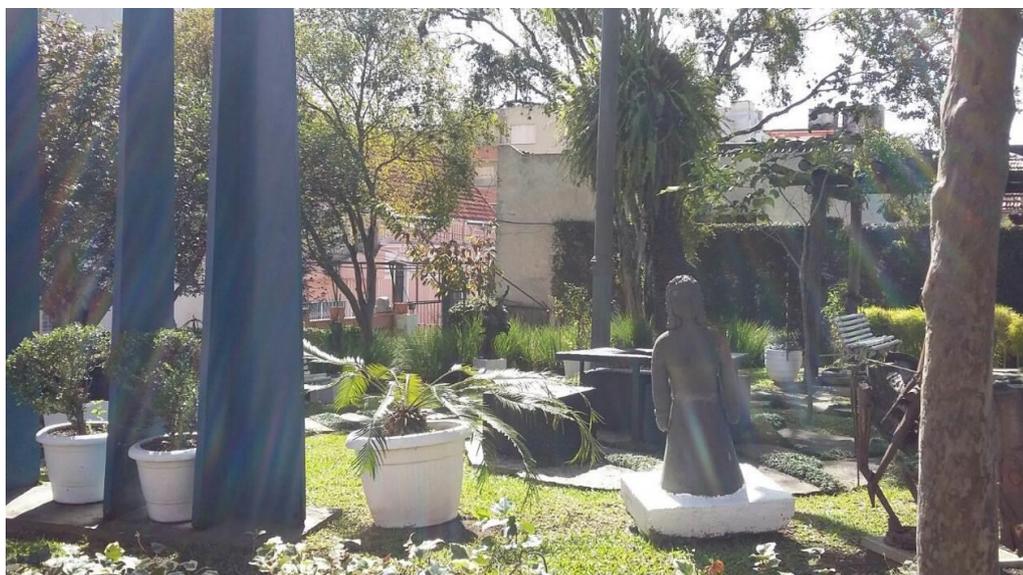


Figura 4.4.15 – Vista do jardim de esculturas do *Solar do Rosário*
(AUTORA, 2015)

4.5 Considerações Finais

Com a finalização da etapa de estudo de casos correlatos é possível fazer alguns apontamentos em relação a cada uma das obras estudadas, utilizando-os como referência para o desenvolvimento das diretrizes de projeto. As obras selecionadas tiveram sua escolha justificada pela presença de um ou mais pontos cruciais para o projeto que será trabalhado, ou melhor: um programa cultural relacionado com cafeteria e/ou *cybercafe*, um projeto de arquitetura voltado à reciclagem e *retrofit*, a presença de anexo e a localização em área urbana central.

O primeiro caso estudado foi a livraria londrina *Idea Store Whitechapel*, a qual se trata de um complexo cultural e educacional implantado em uma área antes marginalizada. Um ponto a ser ressaltado refere-se à programação que o local oferece, o que acaba atraindo público constantemente, já que mescla diversas atividades afins, tais como a venda de livros, revistas e discos; a oferta de cursos variados, desde aulas de dança até idiomas e artes; e a realização de atividades infantis; além da cafeteria e do acesso a computadores espalhados por todo edifício. O conjunto foi contemplado com um *cybercafe* no seu último pavimento, que além de internet *wireless*, dispõe de computadores no local, como acontecia nos primeiros estabelecimentos do gênero, surgidos nos anos 1990. A cafeteria serve como ponto de apoio às atividades do complexo, mas também serve para atrair visitantes que, na busca de café e/ou pequenos lanches, acabam conhecendo o restante do prédio.

As obras brasileiras acrescentam bastante ao estudo, pois mostram casos bem sucedidos dentro da realidade do país, que muitas vezes pode ser limitadora de projetos que valorizam e protegem o patrimônio histórico e cultural das cidades. O Centro Cultural *Red Bull Station*, situado na área central de São Paulo SP, consiste em um local que ganhou bastante visibilidade ao proteger um bem antigo, até então abandonado, oferecendo-lhe um novo uso atraente, ou seja: uma programação cultural muito diversificada (música, arte, apresentações, cursos e palestras) em um espaço convidativo ao lazer, oferecendo um café-restaurant logo na entrada e um terraço com área de convívio e internet *wireless*. Neste caso, como também no correlato britânico, a cafeteria funciona como um ponto de apoio do espaço e também de atração ao público. Outro aspecto importante a ser ressaltado foi o modo como os arquitetos interviram na edificação histórica, deixando as modificações claras e com a possibilidade de reversão, além de aplicá-las com sutileza e dentro

das normas estabelecidas – já que a envoltória é tombada – e mesmo assim apresentando um espírito de ousadia ao projeto.

O outro caso nacional, o *Palacete das Artes* de Salvador BA, refere-se a um palacete de quase um século de existência que recebeu uma intervenção arquitetônica para se tornar um museu. O motivo de sua escolha deu-se ao fato de apresentar um pavilhão anexo conectado à edificação histórica por meio de uma passarela. O escritório responsável pelo projeto foi capaz de adaptar o palacete para visitação do público – o processo de *retrofit* acrescentou uma nova circulação vertical – e, ao se deparar com a falta de área para abrigar o programa museológico, propôs o anexo contrastante e independente, porém conectado de forma leve e sem alterar o preexistente. O pavilhão possibilitou a criação de um espaço para cafeteria e exposições temporárias, este responsável por convidar o público a continuar frequentando o museu mesmo após conhecer a obra de Rodin, exposta e fixa.

Por fim, o estudo foi complementando com um caso local, situado no centro de Curitiba PR e a cerca de 1,5 km de onde será implantado o projeto a ser desenvolvido. O Espaço Cultural *Solar do Rosário* foi escolhido devido à sua programação cultural e gastronômica, além da intervenção de reciclagem a qual o casarão do fim do século XIX foi submetido. Apesar de ter sido a única visitada pessoalmente, também foi a única obra da qual não se obteve acesso às peças gráficas e mais informações sobre o projeto – além de impedimento de fotos internas da galeria do casarão –, o que prejudicou o estudo e revelou entraves burocráticos que as demais obras estudadas não apresentaram, já que se teve acesso ao material referente a seus projetos através de sua divulgação midiática.

Apesar disso, o *Solar do Rosário* apresenta pontos interessantes a serem ressaltados, como a programação com enfoque artístico – galeria de arte e oferta de cursos variados –, assim como as opções gastronômicas do café colonial, que acontece no casarão; e do café livraria, que recebe o visitante no anexo em vidro contrastante com a fachada histórica. O casarão foi completamente restaurado e mantém-se muito bem conservado ao lado da construção contemporânea que, além do café livraria, abriga um auditório. O local é bastante calmo e agradável, conseguindo atrair muitos dos pedestres que passam em frente a seu portão de vidro, seja para matar a curiosidade de ver o que há no casarão, seja para desfrutar um café enquanto observa o movimento no Largo da Ordem.

5 INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE

5.1 BREVE PANORAMA HISTÓRICO DE CURITIBA

A cidade de Curitiba nasceu indígena e portuguesa, situada no primeiro planalto do Estado do Paraná, ao sul do país e a 934 m acima do nível do mar (Figura 5.1.1), sendo seu nome atual, de origem guarani, uma referência aos pinheirais que eram abundantes em toda a região.

Kúr'ýt'ýba, Queretiba, Coritiba, Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, Liberdade. Quantos nomes já teve o centro! [...] Nele imagino Baltazar Carrasco dos Reis [1617-96], Mateus Leme [1619-97] e tantos outros ao redor da pequena matriz cercados por imensos pinheiros fundando a vila para paz e quietação dos primeiros cidadãos. (FENIANOS, 1996, p.7)

Martins (1939) explica que a busca pelo ouro foi a maior responsável por atrair os primeiros grupos históricos de povoadores do litoral paranaense. Fenianos (1996; 2003), por sua vez, afirma que o sertanista Eleodoro Ébano Pereira – a primeira autoridade constituída em nome do governo português na região de Curitiba – organizou em 1649 uma expedição aos “Campos de Queretiba” em busca de ouro. Os desbravadores não encontraram o metal precioso, mas registraram uma pequena povoação na região do Rio Atuba denominada *Vilinha*, cujos moradores, segundo Oba (1998), deslocaram-se por volta de 1654 para a região definitiva onde se iniciaria o povoado que se tornaria a futura Curitiba.

Em 1668, a população – que já contava com o mínimo de 30 famílias exigidas pela legislação portuguesa – uniu-se para requisitar a instalação do Pelourinho ao então capitão-mor de Paranaguá, Gabriel de Lara, iniciando assim a história oficial de Curitiba (MARTINS, 1939). Contudo, como afirma Oba (1998), ainda não se possuía um regime municipal ou de justiça, além da administração ser realizada por um delegado do capitão-mor, que distribuía *sesmarias*¹ e escolhia como exercer a justiça. Tal situação perdurou por 25 anos, até o momento em que a população enviou a “Petição do Povo para criação da Justiça e Câmara” ao delegado escolhido

¹ No período colonial, de acordo com Nozoe (2005), a Coroa portuguesa concedia extensas doações de terra chamadas *sesmarias*, que era o único meio de obtenção de terras e de seu título de propriedade àquela época. Contudo, pequenos produtores apropriavam-se de terras devolutas mediante simples ocupação através da conhecida *posse*. A prática da doação de terras por *sesmarias* foi suspensa sem que outro meio legal fosse promulgado em substituição somente às vésperas da Independência (1822).

pelo capitão-mor, o bandeirante Mateus Martins Leme (1619-97). Logo, o capitão-povoador, buscando responder aos pedidos do povo por “paz, quietação e bem comum”, elevou o povoado à condição de *Vila de Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais*, além de eleger a Câmara dos Vereadores, em 29 de março de 1693; data da fundação oficial de Curitiba. (FENIANOS, 2003)

Oba (1998) explica que o projeto colonizador português buscava aplicar o seu sistema municipal nas colônias, não apenas trazendo a estrutura institucional como também a urbanística. Assim, era muito valorizado todo o aparato simbólico formado pelo conjunto urbano da *Capela* (marco religioso), o *Pelourinho* (marco institucional) e a *Casa de Câmara e Cadeia* (marco de justiça); estes situados em torno da *Praça Principal*, para a qual convergiam todas as ruas. Conforme o autor, o primeiro marco religioso curitibano foi construído em 1654, seguido do Pelourinho em 1668 e da organização da justiça em 1693, sendo que a Casa de Câmara e Cadeia² foi construída apenas em 1726 – antes disso, os vereadores reuniam-se na Igreja Matriz³. Foi após o estabelecimento desses marcos iniciais que se deu o início da demarcação do *Rocio*⁴.

Foi em 1721 que a Vila de Curitiba e seus 1.400 habitantes receberam as primeiras regras de ordenamento urbano e novas formas de convivência para a comunidade, os chamados *Provimientos de Correição*, criados pelo ouvidor luso Raphael Pires Pardiniho (1670/80-1761). Entre essas posturas estava a exigência que todas as casas novas fossem construídas cobertas com telhas, além da proibição de construções sem autorização da Câmara. Apesar das preocupações urbanísticas, a cidade continuava pobre e sem comércio, vivendo da agricultura e criação de gado até a metade do século XVIII. (OBA, 1998; FENIANOS, 2003)

² Até a criação da Província do Paraná (1853), a Câmara Municipal de Curitiba ocupou vários imóveis centrais, inclusive a catedral. Sua sede própria, situada na atual Praça Borges de Macedo, acabou destruída em 1897 pelo fogo, dando lugar a um novo prédio, em 1900 – este demolido em 1925. Em 1963, foi finalmente instalada no *Palácio Rio Branco*, onde permanece até hoje. (FENIANOS, 2003)

³ Em 1714, para conseguir atender a população crescente, decidiu-se construir uma nova Matriz, concluída em 1720, mas que, mesmo após muitos reparos, ameaçava desabar e precisou ser demolida em 1876, sendo substituída por uma nova Igreja Matriz, finalizada em 1893 e existente até hoje. (OBA, 1998)

⁴ Segundo Oba (1998), as Câmaras tinham finanças e patrimônio próprio, este formado pelas terras concedidas na criação da vila e que formavam o chamado *Rossio* ou *Rocio*, este destinado às edificações, logradouros e pastos públicos. Além do Rocio, as ruas, praças, caminhos, pontes e chafarizes também formavam o patrimônio da Câmara.

O cenário alterou-se com o início do tropeirismo, que tornou a Vila um ponto de comércio para os tropeiros – viajantes que transportavam gado e alimentos em um percurso que se iniciava no Rio Grande do Sul e terminava em Minas Gerais. Fenianos (2003) complementa que, nesse contexto, os fazendeiros alugavam suas fazendas para esses tropeiros e mudavam-se para Curitiba, promovendo a abertura de lojas, armazéns e escritórios de negócios ligados ao gado.

Oba (1998) explica que os provimentos de Pardinho serviram como base para a Comissão da Câmara elaborar, em 1829, o primeiro *Código de Posturas* da Vila. Entre as adotadas, estava a definição de prazo máximo para o proprietário do lote iniciar a execução de uma obra e a definição de um padrão construtivo para as construções urbanas – padronizando desde o alinhamento com a rua até o tamanho das aberturas –, além de proibir a construção de choupanas em pau-a-pique.

Ao visitar a Vila em 1820, Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853); naturalista francês que veio ao Brasil para coletar amostras botânicas, além de registrar costumes e paisagens locais em seus escritos, afirmou sobre Curitiba (Figura 5.1.2):

Essa cidade tem a forma quase circular e se compõe de 220 casas pequenas e cobertas de telhas, quase todas só ao res do chão, porém em grande número construídas em pedra [...] As ruas são largas e quase regulares. Algumas foram inteiramente calçadas, outras o são unicamente na frente das casas. A praça pública é quadrada (atual Praça Tiradentes), muito grande e coberta de grama. (MARTINS, 1939, p.212)

Com o desenvolvimento econômico trazido pelo comércio de gado e pela introdução da economia da erva-mate, Curitiba ganhou força política e foi promovida, em 1842, à categoria de cidade. Alguns anos depois, o Paraná deixava de ser a Quinta Comarca de São Paulo e tornava-se uma Província com governo próprio (FENIANOS, 2003). Com isso, em 19 de dezembro de 1853, Curitiba, em detrimento de Paranaguá, era declarada a Capital da Província do Paraná. O então presidente provincial, Zacarias de Góis e Vasconcelos (1815-77) exclamou que “era, enfim, chegada a ocasião de transformar-se a antiga e atrasada comarca de Curitiba na esperançosa província do Paraná”. (MARTINS, 1997, p.33)

Logo em seguida, no ano seguinte, Góis e Vasconcelos convocou a eleição da Assembleia Provincial, cujo grande número de incumbências indicava que muitas mudanças estavam por vir.

A primeira Assembleia tinha de organizar toda a administração, de criar todos os serviços públicos, de prever as necessidades da justiça, da instrução popular, da polícia, da viação, da catequese; em suma, enfrentava com a tarefa assoberbante de fazer a ordem no meio daquele caos em que sobrevivia quase inalterado do regime colonial. (POMBO, 1980; *apud* OBA, 1998, p.131)

Já em 1855, o engenheiro francês Pierre Taulois, contratado como inspetor geral de terras públicas, propôs uma série de mudanças para a cidade que na época tinha somente duas ruas em ângulo reto – a Rua da Assembleia (atual Rua Doutor Muricy) e a Rua do Comércio (atual Avenida Marechal Deodoro). Em busca de um traçado regular e quadrilátero, que favorecesse a circulação, Taulois indicou meios de retificar as vias públicas, causando desapropriação de algumas casas. (FENIANOS, 2003)

À época em que se tornou Capital, Pombo (1980) *apud* Oba (1998) afirma que Curitiba tinha cerca de 6.000 habitantes e a parte mais central era configurada pela *Praça da Matriz* (atual Praça Tiradentes) (Figura 5.1.3). Fenianos (2003), destaca, entre as primeiras ruas da cidade, as seguintes: *Rua do Fogo* (atual Rua São Francisco), *Rua Fechada* (Rua José Bonifácio), *Rua Direita* (Rua 13 de Maio), *Rua do Saldanha* (Rua Presidente Carlos Cavalcanti), *Rua da Carioca* (Rua Riachuelo), *Estrada da Marinha* (Avenida João Gualberto), *Rua do Rosário* (atualmente com o mesmo nome), *Rua da Assembleia* (Rua Doutor Muricy), *Rua da Entrada* (Rua Emiliano Pernet), *Rua do Comércio* (Rua Marechal Deodoro), *Rua do Nogueira* (Rua Barão do Cerro Azul) e *Rua das Flores* (Rua XV de Novembro, também conhecida pelo antigo nome).

Data do final do século XIX, de acordo com Lyra (2006), o desenvolvimento da área urbana ao sul da atual Rua XV de Novembro, com a construção da *Estação Ferroviária* (Figuras 5.1.4 e 5.1.5), na extensão da então chamada *Travessa Leitner* – a qual se transformaria na Avenida Barão do Rio Branco, principal *loco* urbano de interesse desta pesquisa – e o estabelecimento da Praça Eufrásio Correia como núcleo dinamizador da cidade. Foi após a inauguração da ferrovia unindo Curitiba ao Porto de Paranaguá, em 1883; e da construção da Estação, em 1885, que ocorreu a efetiva transformação daquela região, que passou a ser ocupada por instalações industriais – inicialmente pelas fábricas de erva-mate, o carro-chefe da economia regional em fins dos oitocentos – e também pelo comércio exportador.



Figura 5.1.1 – Situação geográficas das cidades de Curitiba e Paranaguá em relação ao Estado do Paraná, à esquerda; e a demarcação do bairro Centro dentro dos limites do Município de Curitiba, à direita. (FENIANOS, 1996; adaptado)

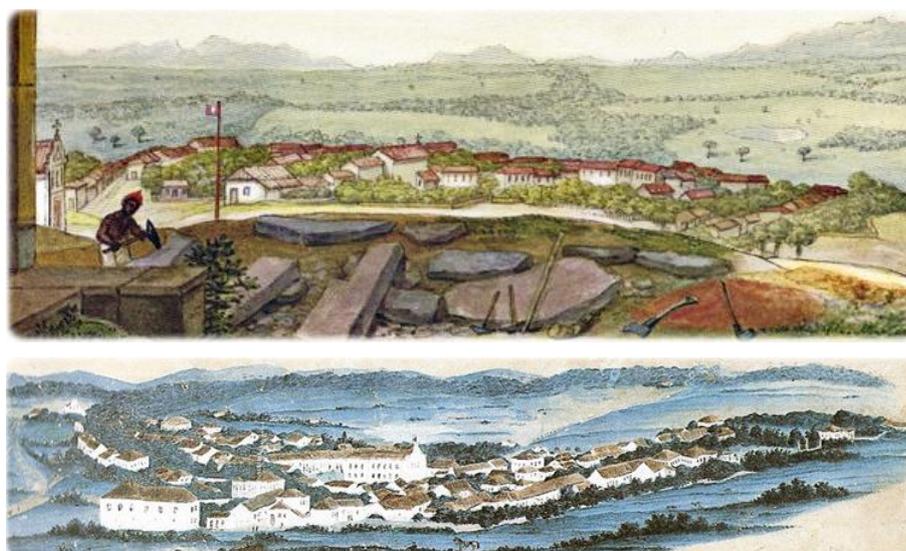


Figura 5.1.2 – Vistas da Vila de Curitiba no século XIX: Aquarela de 1827 atribuída ao francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), na imagem superior; e aquarela datada de 1855 da autoria do americano John Henry Elliot (1809-44), na imagem inferior. (BLOG FACER, 2013)

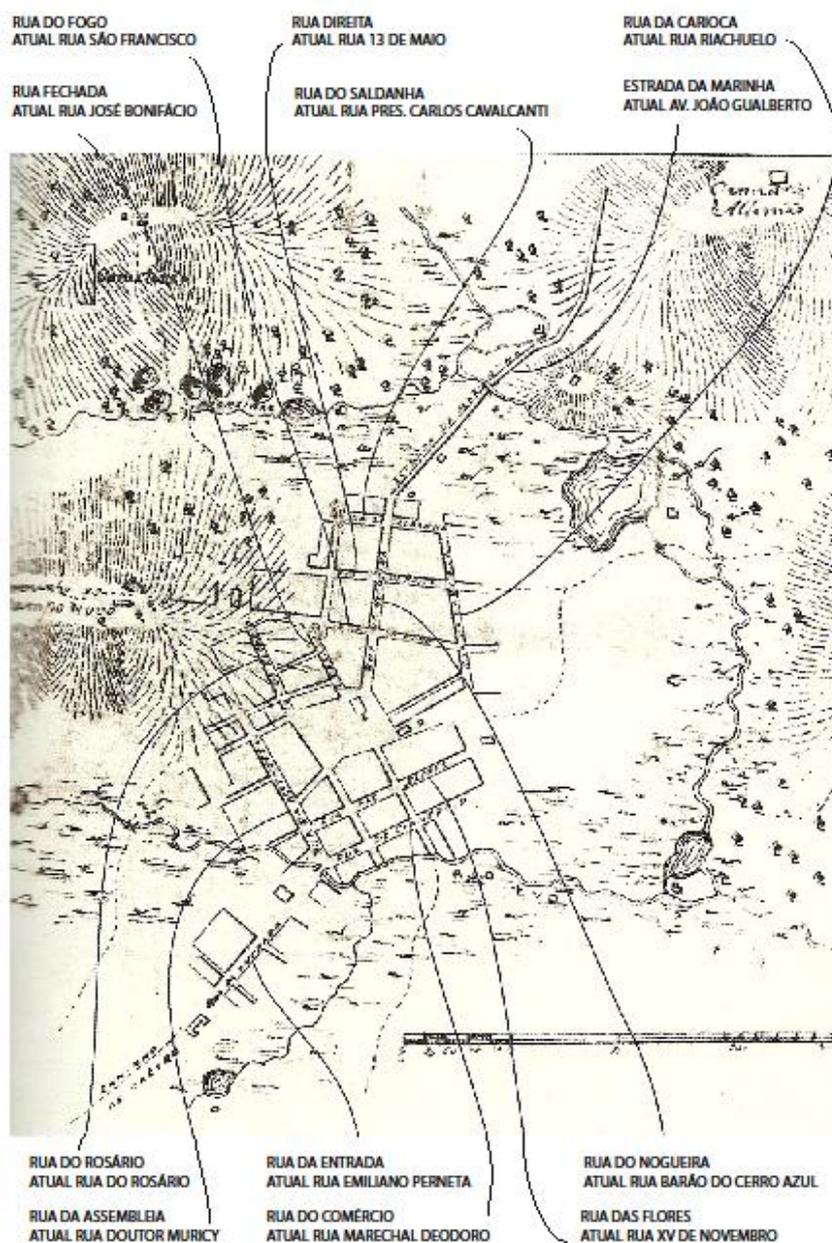


Figura 5.1.3 – Vista de Curitiba em 1855, atribuída a J. H. Elliot, na imagem superior; e Mapa da cidade em 1857, estando indicadas suas primeiras ruas, na imagem inferior.
(BLOG FACER, 2013; FENIANOS, 2003; adaptado)

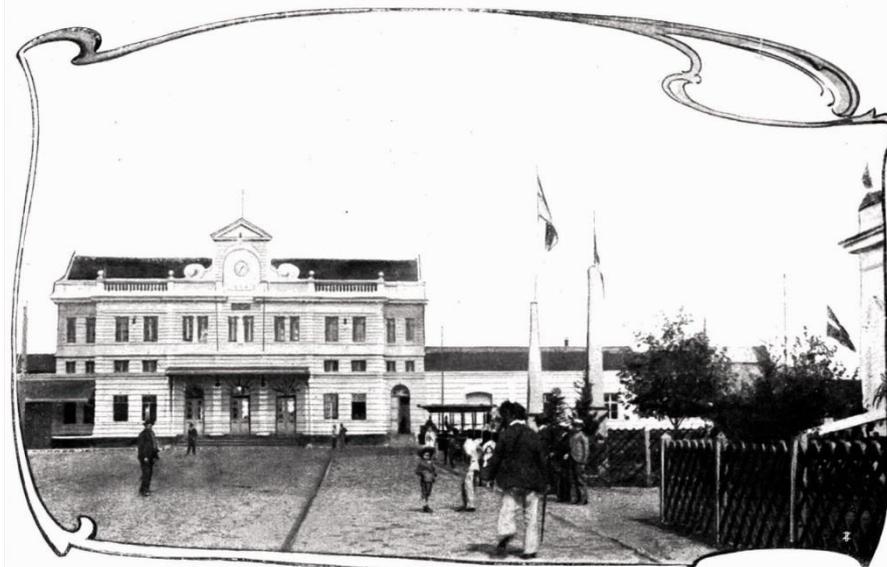


Figura 5.1.4 – Vista da Estação Ferroviária de Curitiba, inaugurada em 1885, e de pedestres caminhando ao longo do Largo da Estação’ no século XIX. (CIRCULANDO POR CURITIBA, 2011)



Figura 5.1.5 – Mapa da área central de Curitiba datado de 1894, com destaque da antiga Rua da Liberdade, atual Barão do Rio Branco. (BLOG RETRATOS DO BELÉM, 2015; adaptada)

5.2 RUA BARÃO DO RIO BRANCO E PRAÇA EUFRÁSIO CORREIA

Com a construção da Estação Ferroviária, entre 1883 e 1885, aquela área compreendida entre o Paço Municipal e o Largo da Estação passaria por uma grande transformação, fazendo hoje parte do Centro de Curitiba (Figura 5.2.1). A antiga *Rua da Carioca* – que hoje é denominada Rua Riachuelo – ligava o antigo Largo do Mercado Municipal; local que atualmente configura a Praça Generoso Marques, ao Caminho da Marinha, atual Avenida João Gualberto. A continuação dessa rua – definida entre o Largo do Mercado e a *Rua do Comércio* (atual Marechal Deodoro) – possuía aproximadamente 70 m e era conhecida por Travessa Leitner⁵. (SILVA, 2013)

Bonametti (2006) explica que a Travessa Leitner posteriormente foi estendida até a recém-inaugurada Estação Ferroviária, adquirindo a configuração que se conhece hoje, passando a ser chamada de *Rua da Liberdade* e, em 1912, definitivamente batizada com o nome do Barão do Rio Branco, isto é, José Maria da Silva Paranhos (1845-1912); político, diplomata e jornalista brasileiro que exerceu diversos cargos públicos, como o de deputado federal, sendo o principal responsável pela demarcação pacífica dos limites brasileiros com o Uruguai, Bolívia, Peru e Argentina (FENIANOS, 1996; MARTINS, 2013).

Segundo Fenianos (2003), os projetos arquitetônico e civil da *Estação Ferroviária* (Figura 5.2.2) foram realizados pelos italianos Michelangelo Cuniberti e Ernesto Guaita⁶. Sutil (2002) afirma que esses engenheiros iniciaram seus trabalhos dentro do ecletismo já aceito e em expansão em Curitiba. A estação permaneceu ativa desde sua inauguração em 1885 até 13 de novembro de 1972, quando dela saiu o último trem para Paranaguá e foi inaugurada a *Estação Curitiba-Nova* ou *Rodoferroviária*, como passou a ser conhecida até hoje.

⁵ João Leitner (1836-1891) foi um imigrante austríaco fundador de uma importante cervejaria curitibana. Em 1870, Leitner começou a construir a sua residência e a sua primeira cervejaria, na travessa que unia a antiga *Rua das Flores* (atual XV de Novembro) com a *Rua do Comércio*, que hoje é a Rua Marechal Deodoro, a qual passou a se chamar Leitner devido a cervejaria. (COUTINHO, 2011)

⁶ Ernesto Guaita (1843-1915) foi um engenheiro do exército italiano que chegou ao Brasil com as primeiras imigrações e logo passou a trabalhar na ferrovia Curitiba-Paranaguá. Em 1880, propôs a malha urbana semelhante a um tabuleiro de xadrez, encontrada entre a Estação Ferroviária e o antigo núcleo urbano. Em 1882, começou a tornar-se conhecido ao abrir o primeiro escritório de arquitetura da cidade, sendo o responsável por duas importantes obras do governo estadual: o *Palácio do Congresso* (atual Câmara Municipal de Curitiba) e o *Palácio do Governo* (atual Museu de Imagem e Som). (SUTIL, 2002)

Em meados da década 1880, Martins (2013) explica que a intenção consistia em construir o prédio da Estação Ferroviária e mais dois espaços planos dispostos em frente a ele, sendo que apenas um destes acabou sendo delimitado, o *Largo da Estação* (Figura 5.2.3), que atualmente conforma a Praça Eufrásio Correia⁷. No contexto da dinamização da área, de acordo com Lyra (2006), não apenas pelas atividades econômicas, mas principalmente pela movimentação de passageiros, o Largo da Estação tornou-se um dos principais pontos de encontro da cidade. Além disso, a antiga Rua da Liberdade ganhou a função de artéria urbana ao conectar o Largo da Estação ao centro tradicional.

Alguns anos mais tarde, em 1892, foi construído o *Palácio do Congresso* – ou *Palácio Rio Branco* (Figura 5.2.4) –, que atualmente abriga a Câmara Municipal de Curitiba. O edifício eclético, também projetado por Ernesto Guaita, erguido ao lado da Praça Eufrásio Correia e a poucos metros da Estação Ferroviária, foi sede do Congresso Provincial (depois Assembleia Legislativa) de 1892 até o governo Vargas, entre 1930 e 1945. A Câmara instalou-se ali somente em 1963, sendo o prédio restaurado pelo arquiteto Cyro Corrêa de Lyra em 1977. (FENIANOS, 2003)

Com a construção do Palácio Rio Branco, o Largo da Estação, com seus 11.500 m² de área, consolidou-se como o novo centro político e comercial da cidade de Curitiba. Além do Palácio e da Estação, a região recebeu a concessão de licença municipal para a instalação de diversos tipos de comércio, como quiosques, botequins, bilhares e restaurantes (Figuras 5.2.5 e 5.2.6). É importante destacar que os principais estabelecimentos comerciais que ali se instalaram foram os hotéis, a maioria pertencente a alemães e italianos, especialmente destinados à hospedagem de imigrantes, comerciantes e políticos. “Ligaram-se à memória da praça e da cidade, hotéis como o Johnscher, o Brotto, o Delmira dos Santos, o Paraná, o Rio Branco, o Roma e o Tassi”. (LYRA, 2006, p.178)

A última década do século XIX marcou a cidade de Curitiba, a qual já contava com praticamente 50.000 habitantes. Prefeito recém-eleito em 1891, o engenheiro Cândido Ferreira de Abreu (1856-1919) deu início a uma série de obras que

⁷ Político conservador paranaense natural de Paranaguá, Manoel Eufrásio Correia (1839-88) iniciou seus estudos em Direito na cidade de Recife PE, mas se formou na capital paulista em 1862. Destacou-se como promotor público, deputado geral e presidente da assembleia provincial do Paraná. Também atuou politicamente em Santa Catarina, porém ficou mais conhecido como presidente da Província de Pernambuco, cargo de ocupou de novembro de 1887 até seu falecimento, em novembro de 1888. (FENIANOS, 1996)

pavimentariam todo o centro com paralelepípedos e alargariam as ruas hoje denominadas XV de Novembro e Barão do Rio Branco⁸. Apesar da carência de infraestrutura sanitária e viária, a cidade comemorou a chegada da luz elétrica em 1905, o que fez com que Curitiba começasse a “respirar os ares progressistas do novo século” (FENIANOS, 2003, p. 36). Em 1911, os bondes elétricos substituíram os veículos puxados por animais e passaram a disputar espaço com os automóveis dos barões do mate nas largas e pavimentadas vias centrais. No ano seguinte, Nilo Cairo da Silva (1874-1928) e Victor Ferreira do Amaral (1852-1953) fundariam a primeira universidade do país, a atual Universidade do Paraná, futura UFPR⁹. (FENIANOS, 1996)

Nessa época, Sutil (2002) acrescenta que houve a expansão urbana de Curitiba, quando áreas antes ocupadas por chácaras passaram a receber elegantes palacetes ecléticos da elite local. Bairros recentes, como o Alto da Glória e Batel, acabaram tendo sua paisagem marcada pela miscelânea de estilos, posteriormente também aplicada nas residências da classe média e camadas mais baixas da população¹⁰ (Figura 5.2.7). “Ora o barroco, ora o renascentismo francês, ora as linhas do *art-nouveau* junto a detalhes góticos, mouriscos, ingleses e alemães, entre outros. A liberdade tão peculiar e inventiva do período floresceu nestas construções”. (SUTIL, 2002, p.16)

Embora a importação de estilos do passado, especialmente o neoclassicismo, estivesse presente desde a vinda da *Missão Francesa* (1815) e a Independência (1822), foi a partir de 1850 e, principalmente, com a Proclamação da República

⁸ Cândido de Abreu, natural de Paranaguá PR, foi prefeito de Curitiba em duas ocasiões: entre 1892 e 1894, quando deu início a projetos de modernização da cidade e revisou o antigo Código de Posturas Municipais; e entre 1913 e 1916, indicado pelo então Presidente do Estado, Carlos Cavalcanti de Albuquerque (1864-1935), em que realizou obras audaciosas, como a construção do Paço Municipal, a canalização do Rio Ivo, o calçamento e alinhamento de ruas, entre outras. (SUTIL, 2002)

⁹ Os paranaenses Nilo Cairo e Victor de Amaral, nascidos respectivamente em Paranaguá e Lapa, eram médicos e educadores, sendo o primeiro engenheiro militar e bacharel em matemática e ciências físicas, que defendeu exaustivamente a fundação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), da qual se tornou reitor. Por sua vez, o segundo também foi político, responsável pelo nome do Município de Araucária PR e pela fundação de Clevelândia PR, além de ter criado a primeira maternidade do Estado. (PERES, 2008; PARANÁ, 2015)

¹⁰ Sutil (2009) afirma que as construções das classes média e baixa seguiram a mesma tendência eclética adotada pela elite. Da passagem do século até as primeiras décadas dos 1900, tanto pequenos burgueses como proletários passaram a comprar os ornamentos importados para fachadas e interiores, diferenciando suas moradias e dando-lhes individualidade, o que fez com que Curitiba tivesse sua paisagem uniforme de cidade luso-brasileira de casas idênticas modificada.

(1889) que o ecletismo começou a predominar no país, estendendo-se até as primeiras décadas do século passado e exigindo uma melhor qualidade tanto de materiais e técnicas como mão-de-obra especializada. Sua principal característica foi

[...] reconsiderar as regras de composição da arquitetura à luz de uma intenção decorativa, sem rigor e com mais liberdade. Assim o eclético incorporou elementos góticos, renascentistas, barrocos, neoclássicos, românticos e de outros períodos formando um conjunto único e singular. (SUTIL, 2002, p.2)

Considerado por muito tempo um inimigo a ser derrotado pela arquitetura moderna, o ecletismo passou posteriormente a ser estudado e reavaliado, sendo hoje reconhecido como a expressão estética de uma época de transição socioeconômica – quando estruturas antigas estavam sendo substituídas por novos sistemas políticos, mais livres e democráticos, ao mesmo tempo em que conceitos científicos e artísticos levaram em crise as convenções acadêmicas e costumes – e o reflexo dos anseios e incertezas de uma classe – a burguesia industrial e bancária –, que vivia em um momento de prosperidade material e fé no progresso, a qual entraria em colapso até a *Primeira Guerra Mundial* (1914/18).

A arquitetura e paisagem curitibanas também se modificaram com o gosto eclético, que predominou nas primeiras décadas do novo século, perdendo aos poucos as feições do velho casario colonial – ou em estilo luso-brasileiro – com a chegada de imigrantes europeus, notadamente os alemães e os italianos, muitos deles, engenheiros que trouxeram não somente novas técnicas construtivas da Europa, como também uma nova estética e uma sociabilidade urbana traduzida em clubes, igrejas, armazéns e ruas. (SUTIL, 2009)

Na década de 1920, Curitiba já contava com quase 80.000 habitantes, sendo que predominava o formato de residência assobradada, de características predominantemente ecléticas (FENIANOS, 2003). Ao mesmo tempo, de acordo com Sutil (2002), nesse período em que antecedeu as primeiras manifestações modernistas da arquitetura, as construções passaram por uma nova fase historicista, desta vez baseada na releitura de estilos do passado nacional: era o Neocolonial, que se voltava à tradicional arquitetura luso-brasileira (Figura 5.2.8).

A partir de 1930, quando o país passava por mudanças decorrentes da Revolução liderada por Getúlio Vargas (1882-1954), as ideias de industrialização e desenvolvimento tornaram-se cada vez mais fortes. Vargas, em visita à Curitiba,

chegou a saudar o povo desde a sacada do *Palácio da Liberdade*, situado no coração da rua que naquela época já estava consagrada como uma das principais artérias curitibanas (Figuras 5.2.9 e 5.2.10). Milan (2012) explica que foi nesse contexto que a movimentação política aumentou, tanto no país como no Estado do Paraná e sua capital, fazendo com que as ruas que antes tinham nomes que representavam características da colônia passaram a ser identificadas por nomes de políticos.

Após a *Segunda Guerra Mundial* (1939/45) e, especialmente, no segundo governo de Vargas, no início da década de 1950, novas transformações marcariam a região central de Curitiba: na Praça Tiradentes, ônibus passaram a substituir os antigos bondes; e, na Rua XV de Novembro, a construção de edifícios tomava o lugar dos velhos casarões ecléticos (FENIANOS, 1996). Quando Bento Munhoz da Rocha Netto (1905-73) assumiu o governo paranaense, cargo que ocupou entre 1951 e 1955, decidiu destinar um local especial aos altos órgãos da administração estadual. Em plena era de ufanismo paranista, no Centenário da Emancipação Política do Paraná, em 1953, foi implantado o novo Centro Cívico, este embasado na ideia de que o “organismo administrativo moderno caminhasse para a centralização”. (FENIANOS, 1998, p. 23)

Com a transferência da Assembleia para o Centro Cívico, assim como o desenvolvimento do transporte rodoviário em detrimento ao ferroviário – o que culmina como a construção da Rodoferroviária em 1972 a leste da antiga Estação Ferroviária –, aos poucos foi chegando ao fim o papel polarizador da Rua Barão do Rio Branco e da Praça Eufrásio Correia. Entretanto, de acordo com Lyra (2006), mesmo sem a efervescência da época em que os principais acontecimentos da cidade ali ocorriam, a praça conseguiu manter a mesma escala urbana graças à sobrevivência dos edifícios, que balizavam seus limites como: a *Casa Emílio Romani*¹¹, a oeste; a antiga Assembleia, ao norte; a sequência de sobrados, a leste; e, finalmente, a antiga Estação Ferroviária, ao sul (Figuras 5.2.11 a 5.2.14).

Desapareceram os quiosques metálicos, onde se vendiam refrescos, rapaduras e passarinhos, mas permaneceu o chafariz de ferro

¹¹ Construída em 1880 e situada em frente à Praça Eufrásio Correia, na esquina da atual Avenida Sete de Setembro, a *Casa Emílio Romani* teve vários usos, desde residência até escritório, passado ser assim denominado quando em 1911 foi comprada pelo italiano Emílio Romani. Foi tombada como patrimônio municipal em 1978. (CURITIBA, 2015)

importado da França. E ganhou, como um dos principais atrativos, ‘O semeador’ [...] presente oferecido em 1922 à cidade pela colônia polonesa. (LYRA, 2006, p.178)

Visando a recuperação do centro da cidade, devido à sua importância histórica e paisagística, o *Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba* (IPPUC) desenvolveu o projeto *Cuore da Cidade* em 1984. De acordo com Kersten (1998), este englobava parte do Setor Histórico, incluindo a Rua XV de Novembro e a Rua Barão do Rio Branco; e propunha soluções para essas áreas, com o intuito de reforçar seu caráter histórico-cultural, buscando recuperar fachadas de imóveis, praças e equipamentos urbanos. Devido a isto, algumas instituições particulares, utilizando-se das leis de incentivo fiscal, restauraram e readequaram seus imóveis, colaborando para harmonizar o desenho urbano do centro da cidade.

Com o Decreto Municipal n. 186/2000, foi criado o Setor Especial Barão-Riachuelo, composto por dois subsetores, a saber: o *da Barão do Rio Branco*, que compreende os lotes com testadas voltadas para a Rua Barão do Rio Branco no trecho situado entre o sítio da Praça Eufrásio Correia e o Setor Especial Preferencial de Pedestres da Rua XV de Novembro; e o *da Riachuelo*, que se confronta com o Setor Especial Histórico e compreende os lotes com testadas voltadas para a Rua Riachuelo, no trecho situado entre o Setor Especial Preferencial de Pedestres da Rua XV de Novembro e Praça Dezenove de Dezembro até a Rua Inácio Lustosa. (CURITIBA, 2000, p.1)

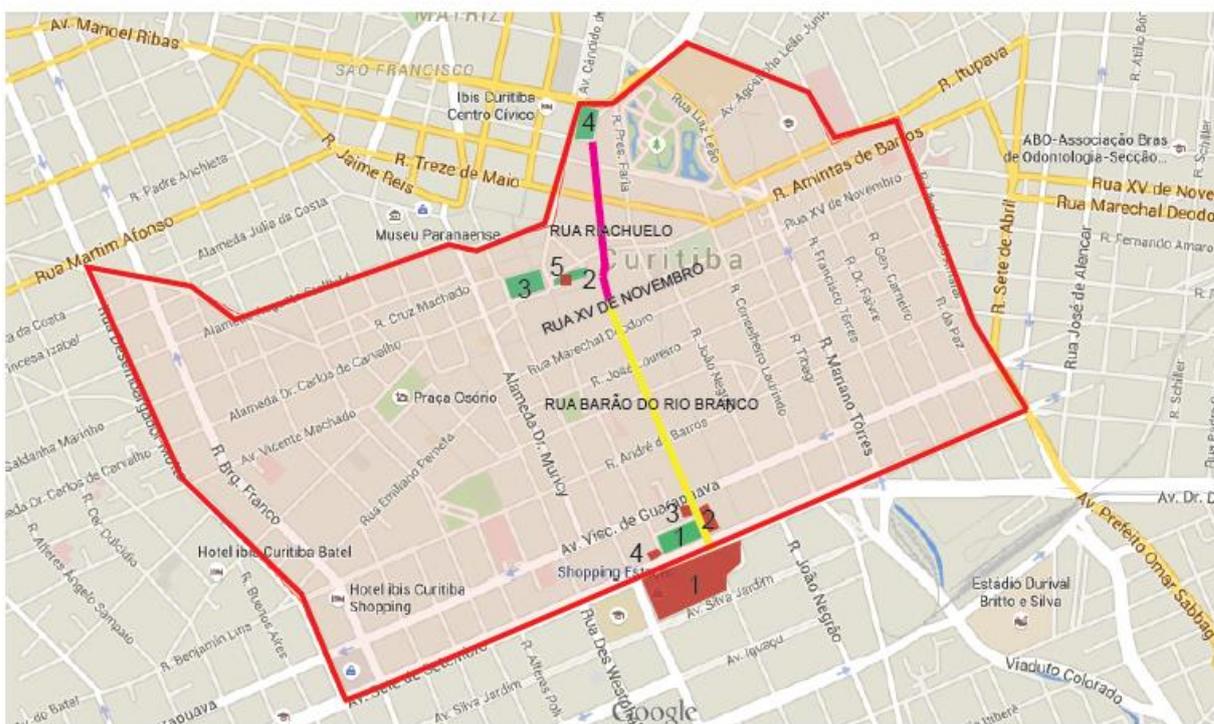
A partir da criação desse Decreto, as edificações localizadas dentro do Setor, inclusive aquelas que não foram cadastradas como UNIDADES DE INTERESSE DE PRESERVAÇÃO – UIPs, somente poderão ser modificadas ou demolidas após análise e pareceres favoráveis do IPPUC, da *Comissão de Avaliação do Patrimônio Cultural* (CAPC) e demais órgãos competentes. Atualmente, nessa região, é possível encontrar vários exemplares de edificações que sobreviveram às mudanças da cidade, participando ainda hoje da vida cotidiana dos moradores das redondezas ou visitantes, graças às intervenções de restauro, reciclagem e *retrofit* quais passaram.

Em sua maioria, os prédios históricos ecléticos (Figura 5.2.15) dessa região central, receberam programações culturais. Uma edificação de destaque trata-se da antiga Prefeitura Municipal, hoje chamada de *Paço da Liberdade* (Figura 5.2.16), localizado na Praça Generoso Marques, na confluência da Rua Riachuelo com a

Barão do Rio Branco. O espaço cultural, que une galeria, cursos e gastronomia, funciona no prédio eclético tombado em 1941 pelo Município e em 1984 pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* (IPHAN). Entre 1974 e 2002, foi ocupado pelo Museu Paranaense para, finalmente, passar por um longo processo de restauração e reciclagem, mantendo todas as características externas originais e sendo reinaugurado em 2009. (CURITIBA-PARANÁ, 2015d)

Por sua vez, o antigo Palácio do Governo, localizado na Rua Barão do Rio Branco e também projetado por Ernesto Guaita, tornou-se, em 1989, o *Museu de Imagem e Som* (Figuras 5.2.17). Após permanecer fechado por quase uma década, foi reinaugurado em 2014, depois de passar por intervenções aplicadas em duas fases, segundo Maros (2014), contemplando reparos estruturais e renovação das instalações elétricas, hidráulicas e sanitárias, além de recuperação de seus elementos decorativos. Entre as demais construções históricas dessa área, também podem ser citadas o *Bar Vox* e o *Restaurante Coré* (Figura 5.2.18), que mantiveram suas características estéticas. Construído no início do século passado e restaurado em 2002, o *Hotel Johnscher* (Figura 5.2.19) faz parte agora de uma cadeia internacional de hotéis. Próximo a ele, há outro edifício de uso hoteleiro, o *Hotel Nikko*, de caráter mais econômico e instalado em uma construção do século XIX. Para atender ao novo programa, aos fundos do sobrado histórico, foi acrescentada uma torre com os apartamentos do hotel. (HOTEL NIKKO, 2015)

No Artigo 11 do já citado Decreto n. 186/2000, que criou o Setor Especial Barão-Riachuelo – área na qual se insere o objeto de estudo da presente monografia – prevê que: “Cabe ao proprietário manter o imóvel de sua propriedade em perfeito estado de conservação e limpeza, aplicando-se no que couber, as penalidades previstas na legislação em vigor”. (CURITIBA, 2000, p.1). Contudo, observa-se que essa região ainda apresenta realidade de um total abandono de diversas edificações. Ao caminhar pelo trecho, é possível perceber diversos exemplares históricos sem uso e em situação precária devido à falta de conservação. Muitos prédios tiveram as portas lacradas com tijolos ou grades, sendo que algumas se encontram próximas da ruína (Figura 5.2.20) – como é o caso da construção assobradada escolhida como objeto de reciclagem, da qual se trata o próximo subcapítulo.



MAPA CENTRO CURITIBA
sem escala

CONSTRUÇÕES

1. ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA
2. SOBRADOS
3. CÂMARA DOS VEREADORES
4. CASA EMÍLIO ROMANI
5. PAÇO MUNICIPAL

PRAÇAS

1. PRAÇA EUFRÁSIO CORREIA
2. PRAÇA GENEROSO MARQUES E PRAÇA BORGES DE MACEDO
3. PRAÇA TIRADENTES
4. PRAÇA 19 DE DEZEMBRO

RUA RIACHUELO

RUA BARÃO DO RIO BRANCO

DELIMITAÇÃO CENTRO

Figura 5.2.1 – Mapa do Centro de Curitiba PR, com indicação das principais construções e praças, com destaque das Ruas Riachuelo e Barão do Rio Branco (GOOGLE MAPS, 2015; adaptado)

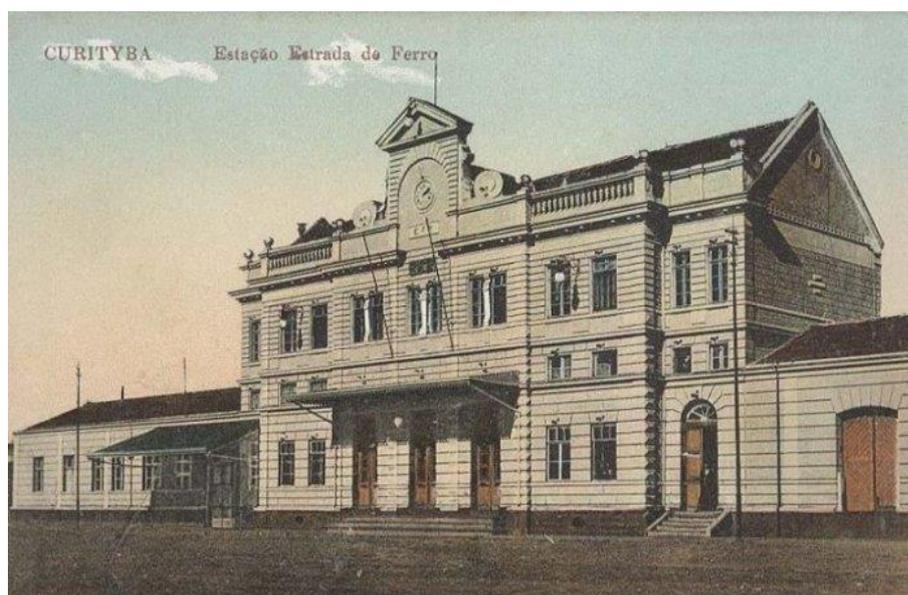


Figura 5.2.2 – Antigo cartão postal da Estação Ferroviária de Curitiba PR, inaugurada em 1885 na atual Avenida Sete de Setembro. (ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS, 2015)



Figura 5.2.3 – Vista do início do século XX da Praça Eufrásio Correia, antigo *Largo da Estação*, onde é possível ver a Estação Ferroviária, ao fundo à direita; e o casario da Rua Barão do Rio Branco, antiga *Rua da Liberdade*, à esquerda. (FCC, 2015; adaptada)

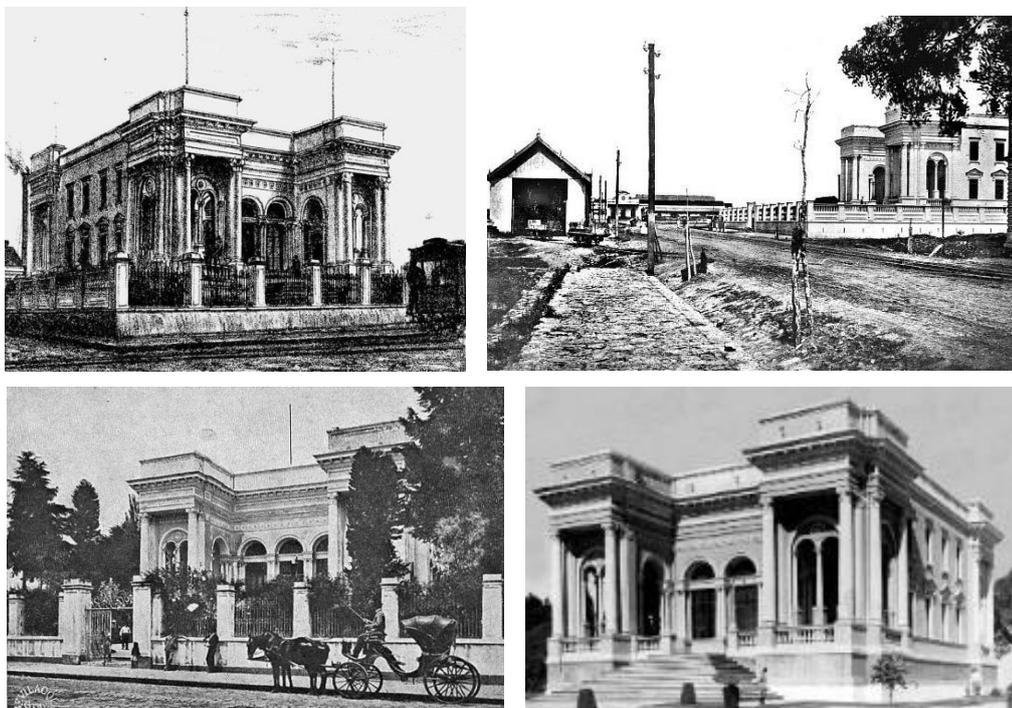


Figura 5.2.4 – Vistas do início do século XX da Câmara Municipal de Curitiba, o *Palácio Rio Branco*, construído em 1892 na esquina da Rua Barão do Rio Branco com a Avenida Visconde de Guarapuava. (THÁ, 2011; CMC, 2015)



Figura 5.2.5 – Vista do início do século XX da Rua Barão do Rio Branco, *antiga Rua da Liberdade*, onde é possível ver ao fundo a Estação Ferroviária de Curitiba. (FCC, 2015; adaptada)



Figura 5.2.6 – Foto da recepção do então Presidente da República, Afonso Pena (1847-1909), em 1909, na Rua Barão do Rio Branco, em frente à Estação Ferroviária e Praça Eufrásio Correia. (GAZETA DO POVO, 2015a)

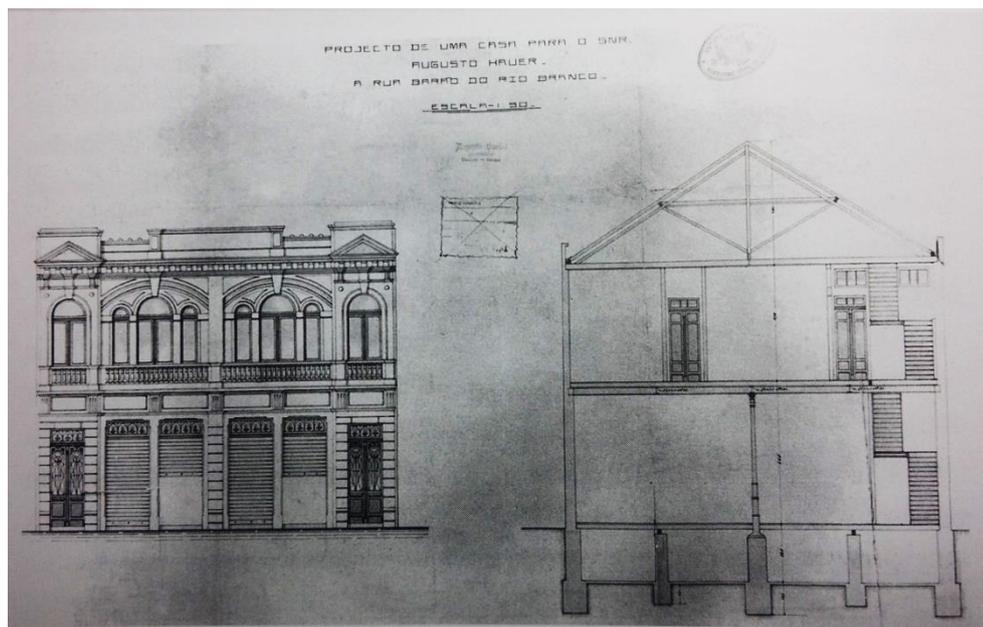
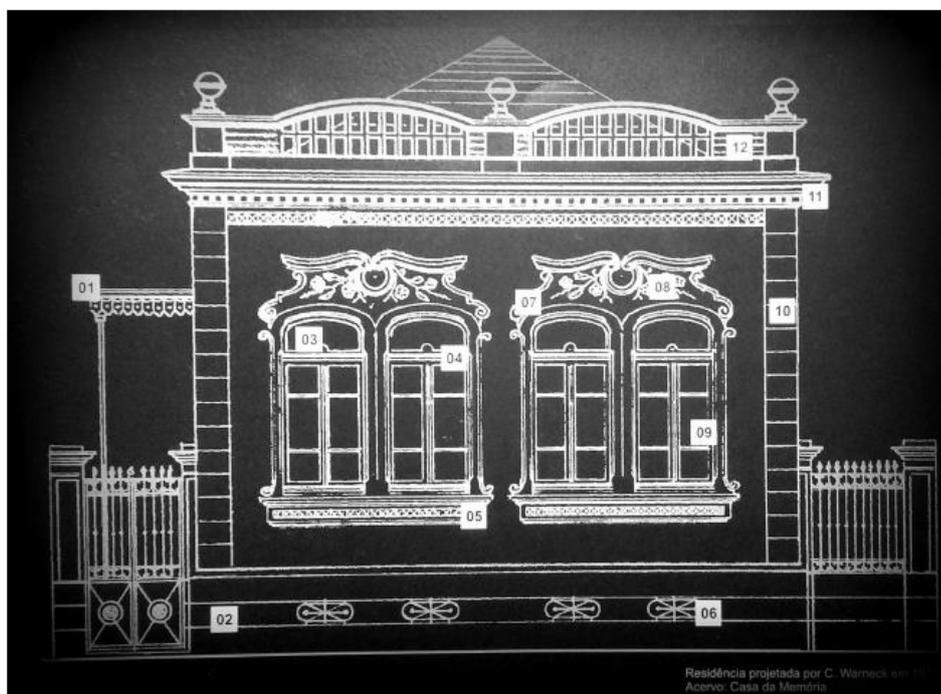


Figura 5.2.7 – Projeto de sobrado eclético construído na atual Rua Barão do Rio Branco e atualmente em estado de abandono. (SUTIL, 2009)



- | | |
|--|--------------------------|
| 01 MARQUISE METÁLICA COM LAMBREQUIM METÁLICO | 07 VERGA EM ARCO ABATIDO |
| 02 SÓCULO | 08 SOBREVERGA |
| 03 BANDEIRA | 09 MOLDURA DAS OMBREIRAS |
| 04 TRAVESSA DA BANDEIRA | 10 CUNHAL |
| 05 PEITORIL | 11 CIMALHA |
| 06 GATEIRA | 12 PLATIBANDA |

Figura 5.2.8 – Fachada de sobrado eclético e seus principais elementos de composição. (SUTIL, 2002; adaptado)



Figura 5.2.9 – Vista do asfaltamento da Rua Barão do Rio Branco, ocorrido durante a década de 1920(GAZETA DO POVO, 2015b)



Figura 5.2.10 – Vista do início do século XX da Rua Barão do Rio Branco, antiga *Rua da Liberdade*, onde foram abertos diversos bares e restaurantes, entre os quais o Restaurante Rio Branco. (GAZETA DO POVO, 2015c)



Figura 5.2.11 – Vista atual da *Casa Emílio Romani*, situada em frente à Praça Eufrásio Correio, esquina com a Avenida Sete de Setembro. (AUTORA, 2015)



Figura 5.2.12 – Vista atual do *Palácio Rio Branco* que, junto aos anexos, configura a Câmara dos Vereadores de Curitiba, situada na esquina da Rua Barão do Rio Branco com a Avenida Visconde de Guarapuava. (AUTORA, 2015)



Figura 5.2.13 – Vista da seqüência de sobrados tombados que se situam na Rua Barão do Rio Branco, em frente à Praça Eufrásio Correia. (AUTORA, 2015)



Figura 5.2.14 – Vista do atual *Shopping Estação*, originalmente a Estação Ferroviária de Curitiba, localizada à Avenida Sete de Setembro. (AUTORA, 2015)

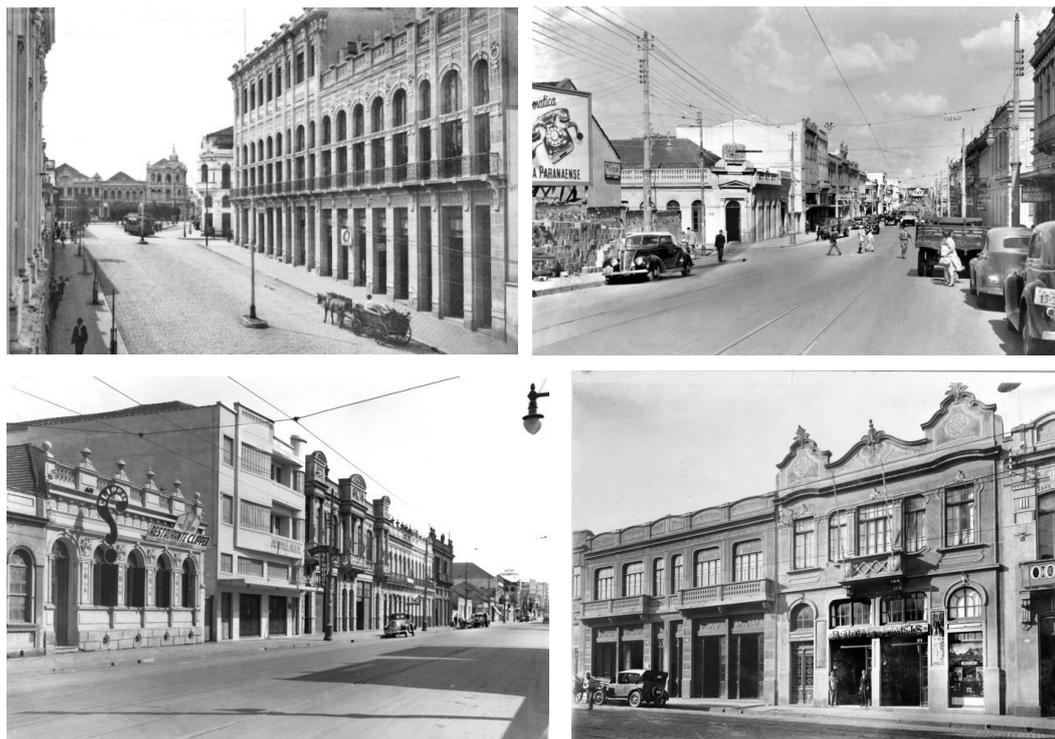


Figura 5.2.15 – Vistas do início do século XX da Rua Barão do Rio Branco, *antiga Rua da Liberdade*, onde se podem observar várias edificações ecléticas, que caracterizam sua paisagem. (GAZETA DO POVO, 2015d)



Figura 5.2.16 – Vista antiga do prédio eclético da Prefeitura de Curitiba, construído em 1916, durante a segunda gestão de Cândido de Abreu (1856-1919), na Praça Generoso Marques. (GAZETA DO POVO, 2015e)



Figura 5.2.17 – Vista do Palácio do Governo de Curitiba em 1915, construído, em estilo eclético, na década de 1880, na Rua barão do Rio Branco, antiga *Rua da Liberdade*; e que hoje funciona como Museu da Imagem e Som de Curitiba. (GAZETA DO POVO, 2015f)



Figura 5.2.18 – Vista atual das edificações históricas da Rua Barão do Rio Branco que se tornaram o Restaurante Coré (prédio vermelho) e o Bar Vox (prédio azul). (AUTORA, 2015)



Figura 5.2.19 – Vista atual do *Hotel Johnscher*, situado à Rua Barão do Rio Branco, n. 354. (AUTORA, 2015)



Figura 5.2.20 – Imagens que denunciam o estado atual de abandono das edificações históricas na Rua Barão do Rio Branco: Casa Coronel Agostinho Souza, fechada e desocupada (1), Edificação com alterações e abandonada; (2) Edificação em ruína e sem cobertura; e (4) Edificação com alterações e desocupada. (AUTORA, 2015)

5.3 PRÉDIO NÚMERO 773 – RUA BARÃO DO RIO BRANCO

Partindo da intenção de se trabalhar com uma edificação situada na área histórica em questão, procurou-se selecionar um exemplar arquitetônico que fosse tombado e já estivesse documentado. Em consulta ao banco de dados do INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC, com o auxílio da arquiteta e urbanista Silvia Bueno Zilotti, do Serviço de Patrimônio Histórico do Instituto, encontrou-se o prédio localizado à Rua Barão do Rio Branco, número 773, em frente à Praça Eufrásio Correia (Figura 5.3.1), o qual possuía à disposição as principais informações necessárias para a intervenção que é o objetivo deste trabalho, ou seja, todas as peças gráficas, imagens antigas, diagnóstico recente da obra e dados complementares (Anexo I).

O edifício – em que se situava o *Hotel Brotto* – foi escolhido como objeto para intervenção de reciclagem e inserção de um *Cyber Café Cultural* devido à sua importância histórica – não somente da edificação em si, mas também de toda a região em que se encontra, como atestado no subcapítulo anterior –, o que intensifica a gravidade da sua situação atual de completo abandono e ruína. Em 1985, ano da comemoração do Centenário de inauguração da Estada de Ferro no Paraná, a Praça Eufrásio Correia e os sobrados que a delimitam pela Barão de Rio Branco, foram tombados pelo governo estadual. (IPPUC, 2014)

O antigo Hotel Brotto integra um admirável conjunto de edificações de arquitetura eclética inserida em um importante eixo histórico da cidade de Curitiba, a Rua Barão do Rio Branco. Antes denominada Rua da Liberdade, a rua que hoje compõe esta paisagem tradicional da cidade e representativa de uma época, conectava a antiga estação ao polo político, composto pelo Palácio do Governo e Palácio do Congresso (atual Câmara Municipal), o que favoreceu a instalação de muitos estabelecimentos comerciais e hotéis no final do século XIX e início do século XX. (LYRA, 2006, p.188)

O prédio, de características essencialmente ecléticas, está inserido em um trecho da Rua Barão do Rio Branco – entre a Avenida Visconde de Guarapuava e a Avenida Sete de Setembro, onde se situa o atual *Shopping Estação*, fruto da reciclagem da antiga Estação Ferroviária –, no qual existem outros sobrados históricos construídos na mesma época (Figura 5.3.2). Ao seu lado, a construção assobradada número 763 (Figura 5.3.3) transformou-se no *hall* de entrada para um edifício construído em 2014, o *LifeSpace Estação*.

Trata-se de um prédio de apartamentos, cada um com cerca de 33 m² de área privativa, que conta com 349 unidades habitadas por moradores predominantemente jovens e solteiros. O condomínio estabeleceu-se na região devido à proximidade com o Shopping Estação, além de outras facilidades, como a linha de ônibus expresso, que circula pela Avenida Sete de Setembro e possui uma estação-tubo na Praça Eufrásio Correio; e principalmente devido à localização próxima da UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ – UTFPR, que acabou atraindo jovens em busca de uma moradia nos arredores do local de estudo.

Lyra (2006) afirma que, assim como as demais edificações vizinhas, este sobrado localizado no número 763 foi construído quando a região era considerada a mais movimentada da cidade. O pavimento térreo era destinado ao comércio e o restante à moradia do proprietário e sua família. Realizada em alvenaria¹, a edificação está construída na divisa frontal e colada às laterais, sendo representante do ecletismo arquitetônico com predomínio de inspiração neoclássica. Apresenta partido simétrico, cujo eixo é marcado pela porta principal e pelo balcão gradeado.

Na sequência, ao lado direito dessa edificação, encontra-se o edifício abandonado escolhido para este trabalho (Figura 5.3.4) e, em seguida, um outro sobrado, de número 805 (Figura 5.3.5). Aqui, funciona atualmente o *Hostel Roma*, o qual se classifica como albergue, possuindo vários tipos de quartos a preços acessíveis e que leva o mesmo nome de quando era um hotel no início do século XX (Figura 5.3.6). Lyra (2006) explica que o antigo Hotel Roma foi um dos estabelecimentos de hospedagem, entre vários, que se instalaram na época em que os imigrantes chegavam à cidade pela Estação Ferroviária, sendo seu nome um sugestivo convite a recém-chegados da mesma terra de seu proprietário italiano.

A edificação possui três pavimentos, executados em alvenaria e colados às divisas laterais, sem recuo frontal. Foi profundamente alterada e perdeu os principais elementos ornamentais de sua fachada, como o balcão suportado por modilhões com um par de portas, sobreposto à portada frontal, os jarros de massa da platibanda, as cornijas, os ressaltos de emolduramento dos vãos e as esquadrias de madeira. Contudo, a estrutura permanece inalterada, permitindo que o prédio do

¹ Em 1905, a ainda *Rua da Liberdade* já havia se tornado um dos principais logradouros da cidade de Curitiba, sendo que, conforme determinações em voga da legislação municipal, somente poderia ser ocupada por construções feitas em alvenaria de tijolos, com dois ou três pavimentos. (IPPUC, 2015)

Hotel, “mesmo empobrecido dos seus antigos adornos” (LYRA, 2006, p.188), continue contribuindo volumetricamente para a composição do conjunto de edificações assobradadas naquela região.

Finalizando a sequência de sobrados que compõe a mesma quadra, encontra-se o número 823, o qual se trata de uma edificação de esquina abandonada e praticamente em ruínas (Figura 5.3.7). Lyra (2006) explica que o edifício, originariamente térreo – onde funcionava o *Hotel Estrada de Ferro* – foi ampliado com a sobreposição de mais um andar para poder abrigar o então *Hotel Tassi* (Figura 5.3.8), que, assim como o anteriormente citado, era um estabelecimento que buscava suprir a maior demanda de hospedagem daquela época. Também executada em alvenaria de tijolos e cobertura de telhas francesas, a obra repete a implantação sem recuo e colada às divisas laterais, sendo, entretanto, mais extensa que os demais sobrados que compõem o conjunto arquitetônico da face leste da Praça Eufrásio Correia. Pode ser caracterizada por sua “arquitetura eclética, tendo nas cornijas em massa, nas aberturas guarnecidas por balaústres da platibanda e nos ressaltos sobrepostos aos vãos seus principais adornos”. (LYRA, 2006, p.189)

Hoje, quando o velho casarão do Hotel Tassi, com seu destino ameaçado, espreita o silêncio da Praça Eufrásio Correia, trazemos de volta a sua história. Hotel situado em lugar privilegiado, defronte a Estação Ferroviária e a Praça Eufrásio Correia, viu ferver à sua volta os principais acontecimentos de uma Curitiba fascinada com as possibilidades ferroviárias. Uma cidade que ali iniciava seu movimento, saudando com bandas e fanfarras todo evento importante. (TEIXEIRA, 1991, p.16)

Do outro lado da rua, além da Praça Eufrásio Correia, encontra-se o edifício histórico da atual Câmara dos Vereadores – o antigo *Palácio Rio Branco* –, construído em 1892 pelo engenheiro italiano Ernesto Guaita. Hoje em dia, a Câmara possui vários anexos, como o prédio voltado para a Avenida Visconde de Guarapuava, além de um anexo de estacionamento, situado ao lado do sobrado número 763 mencionado anteriormente, o qual costumava servir de garagem dos bondes que circulavam na região. No local, trabalham cerca de 500 pessoas. (MAROS, 2013)

Ao final da Rua Barão do Rio Branco, na Avenida Sete de Setembro, encontra-se a antiga Estação Ferroviária, que atualmente abriga o *Museu Ferroviário*

e o *Shopping Estação*, este último inaugurado em 1997. O atual centro de compras abriga 150 lojas, além de dez salas de cinema, dois teatros e praça de alimentação (SHOPPING ESTAÇÃO, 2015). Nessa mesma via, foi implantada uma importante estação de integração do ônibus biarticulado expresso: a Estação-Tubo Eufrásio Correia, pela qual passam ônibus que conectam a área central com as demais regiões da cidade, especialmente leste, oeste e norte. Ainda, nas proximidades, há outra estação-tubo com ônibus que conectam o centro a região sul.

Com isso, conclui-se que este trecho da Rua Barão do Rio Branco, no qual o sobrado número 773 encontra-se, apresenta um grande fluxo diário de pessoas, devido à presença de vários tipos de ocupação – residencial, turismo, lazer e trabalho –, além das facilidades de acesso e localização central. Contudo, observa-se a carência de estabelecimentos voltados às áreas de alimentação e cultura, que ocorram fora do *shopping center*, cujo horário de atendimento está limitado das 11h às 22h (Figura 5.3.9).

A alteração espacial da cidade, a rua antes pavimentada agora asfaltada, o bonde pelo ônibus, o casarão pelo edifício, o lampião pela luz elétrica, o armarinho pelo *shopping*, tirando do indivíduo o cenário, o palco do seu drama, questiona a veracidade de suas vivências [...] Ao colocar pedra sobre pedra, novamente, o indivíduo não só reconstrói a cidade, a rua, mas liga passado e presente ao fio da existência. (TEIXEIRA, 1991, p.15)

Lyra (2006) afirma que, dentro do conjunto de casas erguidas na antiga Rua da Liberdade, a edificação de número 773 pode ser considerada “sem dúvida a mais expressiva” (p.178). Antes do incêndio que causaria sua ruína, a construção era a mais alta da sequência de sobrados, destacando-se na paisagem (Figura 5.3.10), sendo originalmente um estabelecimento industrial, como muitos que ali se instalaram devido à proximidade com a Estação Ferroviária, principal porta de entrada e saída da cidade, recentemente elevada à condição de Capital de Província.

De acordo com dados do seu registro no *Livro do Tombo* em 12 de junho de 1985, o edifício constituía-se em uma construção eclética com linguagem neoclássica, construído entre 1904 e 1906 (FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, 2015). Entre as décadas de 1920 e 1940, foi utilizado como um armazém de secos e molhados (Figura 5.3.11) e, dos anos 1950 até meados da década de 1980, funcionou como hotel – primeiramente denominado São Cristóvão e, em seguida,

Hotel Brotto. Segundo o IPPUC (2014), devido a um incêndio ocorrido em 1986, a parte superior da fachada, o telhado e o pavimento superior desabaram (Figura 5.3.12), o que acelerou a degradação da edificação, a qual já vinha acontecendo, o que levou ao processo de arruinamento no qual se encontra nos dias atuais. Repetindo a mesma implantação que as edificações vizinhas, o prédio está colado às divisas laterais e não tem recuo frontal. O registro do tombo esclarece que se trata de uma construção em alvenaria de tijolos, pilares armados e vigas com arcos de alvenaria no salão do pavimento térreo. A cobertura apresentava tesouras de madeira e telhas francesas. (LYRA, 2006)

Segundo a mesma fonte, o centro da composição era destacado por um volume ligeiramente avançado em relação ao parâmetro da fachada e saliente pelo balcão sustentado por modilhões e o frontão triangular junto à platibanda (Figura 5.3.13). Na porção térrea da fachada, os seis vãos de portas apresentam arco de plena volta, sendo o par de aberturas central, embaixo do balcão, dotado de arcos mais trabalhados e maior diâmetro. Na parte superior, os vãos apresentam verga reta ornamentada com sobreverga em forma de frontão, curvo nas duas portas abertas para o balcão e reto nos pares de janelas que compõem o restante da fachada. A platibanda com pequenas aberturas guarnecidas por balaústres arremata a composição e oculta a cobertura em duas águas, a qual configurava um sótão.

Segundo dados do IPPUC (2014), um anexo foi executado provavelmente na mesma época da construção original, já que existe uma similaridade dos tijolos empregados na obra, além das esquadrias e sistemas construtivos. O anexo possivelmente abrigava os banheiros, lavanderia e outras instalações auxiliares.

Na fachada atual, observa-se que os elementos originais resistiram – exceto a platibanda com frontão –, ainda que se encontrem bastante deteriorados (Figura 5.3.14). Nas imagens internas realizadas pelo IPPUC, observa-se que restaram somente algumas paredes e parte da estrutura, bastante degradados (Figura 5.3.15). Alguns detalhes sobreviveram, como o capitel dos pilares e as esquadrias originais das janelas (Figura 5.3.16). Tanto a cobertura como as lajes e as escadas são inexistentes (Figura 5.3.17) e, devido aos quase 30 anos de abandono, há a presença de muito mato e sujeira no interior da obra (Figura 5.3.18). Antes da construção do edifício residencial vizinho, o lote dos fundos e o quintal do sobrado

configuravam um estacionamento de carros, o que permitia o acesso à edificação em ruínas – atualmente inacessível, já que as portas estão fechadas com tijolos.



Figura 5.3.1 – Vista aérea da região da Rua Barão do Rio Branco em que se situa o prédio de número 773, que é o objeto de estudo desta pesquisa e futura intervenção. (GOOGLE MAPS, 2015; adaptado)



Figura 5.3.2 – Vista do início do século XX do trecho da Rua Barão do Rio Branco, antiga *Rua da Liberdade*, fronteiro à Praça Eufrásio Correia. (TEIXEIRA, 1991; adaptado)



Figura 5.3.3 – Vista atual do prédio número 763 da Rua Barão do Rio Branco, que funciona como *hall* de entrada do condomínio *LifeSpace Estação*. (AUTORA, 2015)



Figura 5.3.4 – Vista atual do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, que é o objeto de estudo e intervenção desta pesquisa. (AUTORA, 2015)



Figura 5.3.5 – Vista do prédio número 805 da Rua Barão do Rio Branco, onde funciona o Hostel Roma, antigo *Hotel Roma* de Curitiba. (AUTORA, 2015)

Hotel ROMA de Irmãos Mattana & C. Pr. Eufrasio Correia, 6, 8, 10

Successores de **Mattana Baldassare** - Casa propria - Curityba



Perto da Estação (sobrado) — Tem cocheira para animais.

Excellentes quartos e comidas a disposição das
Fam. familias e Senhores viajantes

Figura 5.3.6 – Reprodução de antigo anúncio sobre o Hotel Roma, situado à Rua Barão de Rio Branco, em Curitiba PR. (IPPUC, 2015)



Figura 5.3.7– Vista atual do prédio número 823 da Rua Barão do Rio Branco, onde funcionava o antigo *Hotel Tassi* e que se encontra abandonado. (AUTORA, 2015)



Figura 5.3.8– Vista do antigo *Hotel Tassi*, localizado na Rua Barão do Rio Branco e que inicialmente se chamava *Hotel Estrada de Ferro*, hoje desativado. (CIRCULANDO POR CURITIBA, 2011)



MAPA ESTABELECIMENTOS DA REGIÃO

- | | |
|-----------------|---------------|
| ● HOTEL | ● COMERCIAL |
| ● RESIDENCIAL | ○ SEM USO |
| ● INSTITUCIONAL | ▭ SOBRADO 773 |



Figura 5.3.9 – Mapa indicando os principais estabelecimentos da região nas proximidades do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco. (GOOGLE MAPS, 2015; adaptada)



Figura 5.3.10 – Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, na qual é possível ver suas características originais. (IPPUC, 2015)



Figura 5.3.11 – Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, na época em que abrigou comércio, entre as décadas de 1920 e 1940. (IPPUC, 2015)



Figura 5.3.12 – Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, após o incêndio de 1986 que o destruiu parcialmente. (IPPUC, 2015)



Figura 5.3.13 – Vista do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, com a indicação de alguns de seus elementos característicos: Frontão com platibanda (1); Janelas com sobreverga em frontão (2); Portas com sobreverga em curva (3); e Balcão metálico (4). (IPPUC, 2015; adaptada)



Figura 5.3.14 – Vista que mostra o contraste entre edificação restaurada e em uso (Prédio número 763) e a edificação abandonada e em ruína (Prédio número 773), à esquerda (1); e imagem aproximada do balcão e aberturas deterioradas, à direita (2). (AUTORA, 2015)



Figura 5.3.15 – Vista atual do estado de deterioração da fachada de fundos do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco. (IPPUC, 2015)

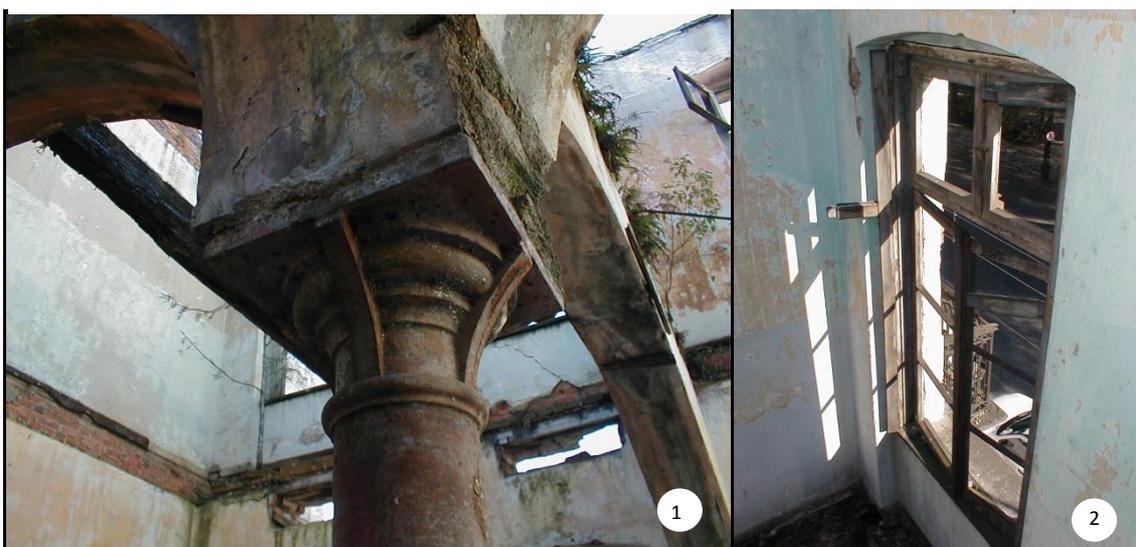


Figura 5.3.16 – Vista atual do estado de deterioração da parte interna do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, onde se observa, à esquerda, o capitel do pilar metálico (1) e, à direita, a situação das esquadrias de madeira (2). (IPPUC, 2015)



Figura 5.3.17 – Vista atual da circulação e vestígios da escada do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco. (IPPUC, 2015)



Figura 5.3.18 – Vista atual do interior do prédio número 773 da Rua Barão do Rio Branco, dominado pelo mato e transformado em depósito de entulhos. (IPPUC, 2015)

6 DIRETRIZES GERAIS DE PROJETO

6.1 PARÂMETROS NORMATIVOS E LEGISLAÇÃO

Para a intervenção projetual que se pretende com esta fundamentação teórica, torna-se importante apresentar aqui algumas diretrizes legais que se aplicam ao imóvel que é objeto de estudo, ou seja, o prédio situado à Rua Barão do Rio Branco, número 773, caracterizado no capítulo anterior. O lote do sobrado encontra-se no meio da quadra (Figura 6.1.1) e, conforme dados cadastrais, possui 17,75 m de testada, 51 m de extensão e 927 m² de área total e 1103,94m² de área total construída. Em sua documentação, consta que o imóvel é de propriedade de Anibal Khury Junior, apresentando registro de imóveis da 4ª Circunscrição de Curitiba sob número 18.087 e Indicação Fiscal n. 12.099.013.

Conforme a Lei Municipal n. 9.800, de 03 de janeiro de 2000, o citado lote encontra-se no zoneamento designado como Setor Estrutural – Setor Especial Eixo Barão-Riachuelo, no subsetor Barão do Rio Branco (Anexo II). Tal subsetor compreende os lotes com testadas voltadas para a Rua Barão do Rio Branco no trecho situado entre a Praça Eufrásio Correia e o Setor Especial Preferencial de Pedestres da Rua XV de Novembro. (IPPUC, 2015)

Nessa zona, de acordo com a legislação de Uso do Solo da Cidade de Curitiba, é permitido construir programas habitacionais e comerciais (comércio e serviço vicinal, de Bairro e Setorial e Comunitário I e II). O uso no qual o programa funcional de um *Cyber Café Cultural* encaixa-se seria o *Uso Comunitário I*⁵, na subcategoria Lazer e Cultura. Além disto, devido ao funcionamento como cafeteria, o estabelecimento enquadrar-se-ia igualmente no uso *Comércio Vicinal I*⁶.

⁵ Define-se *Uso Comunitário*, de acordo com o Decreto Municipal n. 183/2000, como “espaços, estabelecimentos ou instalações destinadas à educação, lazer, cultura, saúde, assistência social, cultos religiosos, com parâmetros de ocupação específicos” (p.1). No lote, são permitidos o *Uso Comunitário I* (atividades de atendimento direto, funcional ou especial ao uso residencial) e *Uso Comunitário II* (atividades que impliquem em concentração de pessoas ou veículos, níveis altos de ruídos e padrões viários especiais). (CURITIBA, 2000)

⁶ Por *Comércio Vicinal*, segundo o Decreto Municipal n. 183/2000, entende-se a “atividade comercial varejista de pequeno porte, disseminada no interior das zonas, de utilização imediata e cotidiana, entendida como um prolongamento do uso residencial” (p.1). Tal uso é subclassificado como *Comércio Vicinal I* (açougue, farmácia, papelaria, etc.) e *Comércio Vicinal II* (cafeteria, confeitaria, panificadora, etc.). (CURITIBA, 2000)

Conforme as informações disponibilizadas pelo INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC (2015), os parâmetros projetuais estabelecidos pelo Decreto Municipal n. 186/2000 estabelecem:

- Coeficiente de aproveitamento de 3,6;
- Taxa de ocupação de 100% nos dois primeiros pavimentos e de 50% nos demais;
- Afastamento da divisa facultado no embasamento (que pode ter até três pavimentos) enquanto que deverá ter 2 m no bloco vertical (que poderá ter altura livre).

Em termos patrimoniais, o imóvel em questão encontra-se tombado individualmente pelo Estado, inscrito no Livro Tombo 83-II, sob o n. 002/85, de 12 de julho de 1985 e cadastrado pelo Município com *Unidade de Interesse de Preservação* (UIP), integrando o Decreto de Inventário de Bens Imóvel do Município, estabelecido pelo Decreto Municipal n. 2044/2012.

Além disso, o imóvel é parte do sítio histórico da Praça Eufrásio Correia, tombado pelo governo estadual e inscrito no Livro Tombo 16-I, sob o n. 002/86, de 26 de agosto de 1986 (IPPUC, 2015). De acordo com dados do livro do tomo, o sítio da Praça foi dividido em duas zonas de proteção, a rigorosa, na qual o imóvel se encontra, e a ambiental (Figura 6.6.1). Para a zona de proteção rigorosa (ZPR) é recomendado(PARANÁ,1985):

- Restauração, recuperação e melhoria das condições de salubridade e habitabilidade das edificações;
- Preservação das características essenciais do conjunto quanto a forma, cor, escala, cobertura, materiais de vedação e revestimento;
- Tombamento a nível Estadual da Praça Eufrásio Correia e da sequência de sobrados à Rua Barão do Rio Branco;
- Recuperação paisagística da Praça.

Além disso, o Livro do Tombo traz indicação de que o imóvel estudado poderia sofrer as seguintes intervenções: “restauro e adequação da edificação mantendo-se o volume, fachadas, cobertura e características construtivas originais” (PARANÁ, 1985, p.150).

Considerando as limitações impostas pela legislação, conclui-se que o programa funcional do *Cyber Café Cultural* a ser proposto deverá se distribuir em uma

área máxima construída de 3337,20 m². Tal valor foi obtido a partir da multiplicação da área do lote (927 m²) pelo coeficiente de aproveitamento admitido para o lote (3,6).

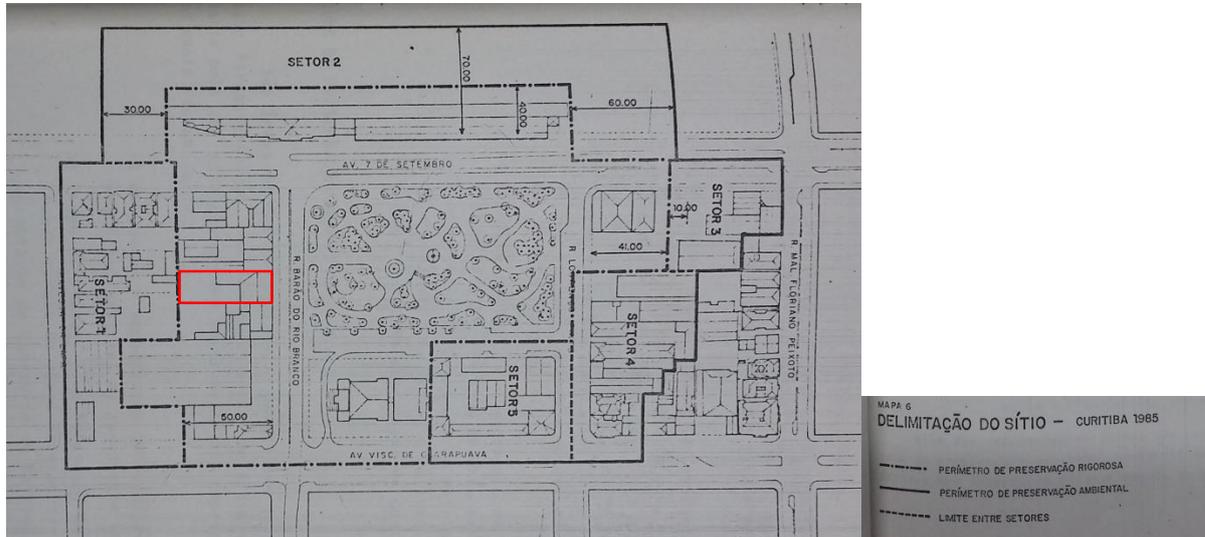


Figura 6.1.1 – Mapa de delimitação do Sítio da Praça Eufrásio Correia. Lote em estudo marcado em vermelho. (PARANÁ,1985; adaptado)

6.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTO

Como estudado no capítulo anterior, a região em que se insere o prédio-alvo da proposta apresenta um grande fluxo diário de pessoas, devido à presença de vários de tipos de ocupação – uso residencial, turismo, lazer e trabalho –, além das facilidades de acesso e localização central. Os locais com maior movimentação permanente de pessoas seriam a Câmara dos Vereadores, onde trabalham cerca de 500 pessoas; e o edifício residencial, onde existem 349 apartamentos.

De acordo com pesquisa realizada pelo Sebrae (2014), entre os frequentadores de cafeterias, a maioria pertence a um nível sociocultural e econômico médio e alto (classes A e B), tem entre 25 e 60 anos e costuma ir frequentemente a esses ambientes. Além disso, essa pesquisa revelou que 64% do consumo do café acontece nas padarias e 50% nas cafeterias, sendo constatado que alguns consumidores de café repetem mais de uma vez ao dia o consumo da bebida nos dois tipos de estabelecimentos.

Com a premissa de instalar um *cyber* café na parte térrea da edificação existente, garantindo assim visibilidade e fácil acesso ao público, limitou-se a área das mesas a 170 m² disponíveis no salão do sobrado. Ademais, devido ao padrão

recomendado pela COORDENAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL – CPC, deve se manter livre um recuo de cerca de 5 m da edificação a ser preservada, buscando assim preservar não somente a obra em si como também sua ambiência e fruição (Figura 6.2.1). Com isto, delimita-se uma área de 130 m² onde não poderá haver edificações, tornando o local ideal para instalações de mesas ao ar livre. Logo, a área das mesas contará com a metragem de aproximadamente 300 m² que, conforme Neufert (2004), comportaria 200 pessoas dispostas em mesas com quatro lugares (1 pessoa / 1,5 m²).

A partir disso, pode-se definir o tamanho da cozinha de acordo com valores tabelados (Tabela 6.2.1) por Silva Filho (1996). Como o local servirá até 200 pessoas simultaneamente, a cozinha deverá ter 140 m². ($200 \times 0,7 = 140 \text{ m}^2$). Fengler (1970) apresenta ainda um esquema de como seria uma disposição ideal dos elementos necessários ao funcionamento de uma cafeteria (Figura 6.2.2).

O restante da programação funcional do *Cyber Café Cultural* foi elaborado a partir das características apresentadas pelas obras correlatas estudadas no capítulo 4, sendo apresentado na Tabela 6.2.2. A partir disto, foi definido um programa básico de necessidades e consequente estudo dos fluxos (Anexo III) e, em seguida, realizado um pré-dimensionamento, sintetizado na Tabela 6.2.3.

Apesar de não especificada na Legislação da região, a implantação de estacionamento para veículos facilitaria o acesso ao estabelecimento. Contudo, a edificação tombada apresenta aberturas cuja dimensão (largura máxima de 1,90 m) impossibilita a entrada de automóveis (largura de 2,50 m) e, como o terreno não possui nenhum outro acesso, não é possível atender esta exigência. Os lotes vizinhos já são edificados ou apresentam imóveis tombados em uso, impossibilitando a implantação do estacionamento nas proximidades. Contudo, o trecho da Rua Barão do Rio Branco no qual o lote estudado se encontra apresenta demarcação que permite estacionamento público em alguns trechos (cerca de 20 vagas), além de Ponto de Táxi (4 vagas), vagas para idosos (2 vagas) e vagas para motocicletas.

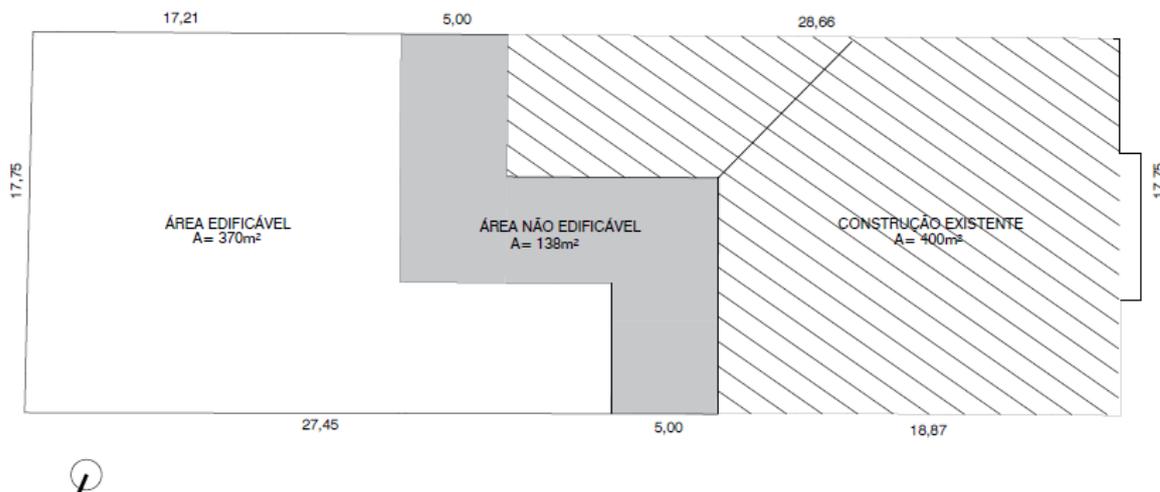
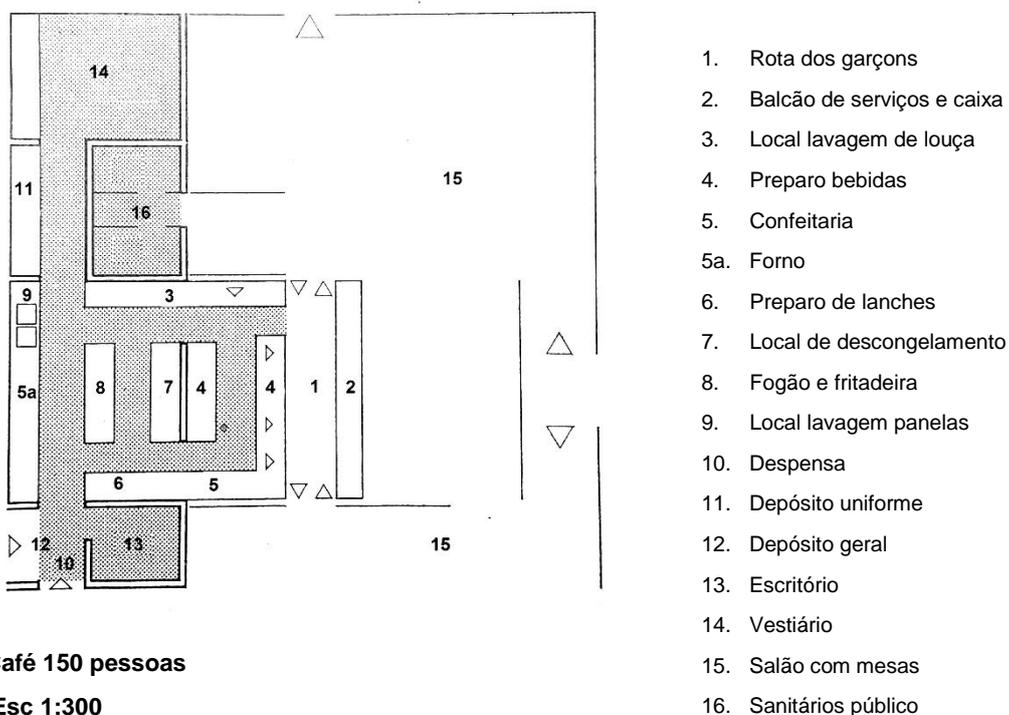


Figura 6.2.1 – Esquema planimétrico da área do terreno e faixa não edificável. (AUTORA, 2015)



Café 150 pessoas
Esc 1:300

Figura 6.2.2 – Estrutura de um café para 150 pessoas. (FENGLER, 1970; adaptado)

Tabela 6.2.1 – Área da cozinha em função do número de refeições.

NÚMERO DE REFEIÇÕES	COEFICIENTE
100	0,9
150	0,8
200	0,7
250	0,6
300	0,5

Fonte: SILVA FILHO (1996), adaptado.

Tabela 6.2.2 – Comparação de dimensionamento dos casos correlatos.

	IDEA STORE	RED BULL STATION	MUSÉE RODIN	SOLAR DO ROSÁRIO
Cozinha	20 m ²	34 m ²	20 m ²	-
Cyber Café	200 m ²	71 m ²	100 m ²	60 m ² (café) + 150 m ² (restaurante)
Livraria	470 m ² (infantil) + 600 m ² (3 espaços)	-	50 m ² (loja)	15 m ²
Sala de Estudo/Internet	200 m ²	-	-	-
Área de cursos	800 m ² (salas de 40 m ² a 160 m ²)	250 m ² (salas com 25 m ²) + 184 m ² (estúdio)	130 m ²	300 m ²
Auditório	90 m ² (sala de conferências)	200 m ²	90 m ²	115 m ²
Galeria	-	275 m ² (permanente) + 100 m ² (temporária)	500 m ² (permanente) + 300 m ² (temporária)	150 m ²
Lazer externo	160 m ² (terraço)	240 m ² (terraço)	4.000 m ² (jardim de esculturas)	300 m ² (jardim)
Administração	130 m ²	110 m ²	80 m ²	-
Estacionamento	Não possui	Não possui	Não possui	Funcionários

Fonte: AUTORA (2015)

Tabela 6.2.3 – Programa básico de necessidades e pré-dimensionamento.

Cyber Café Cultural	Pré-Dimensionamento	Espaço Físico
Cozinha + Apoio	140 m ²	Novo anexo
Administração	20 m ²	Novo anexo
Área de mesas e caixa	170 m ²	Salão (sobrado)
Área externa de mesas	130 m ²	Externo
Lazer externo (jardim)	100m ²	Externo
Sanitários	25 m ² (1 bacia/50 pessoas) + PNE	Novo anexo
Área 1 – Bar/Cafeteria	585 m²	
Livraria	50 m ²	Novo anexo
Sala de Estudo / Internet	50 m ²	Novo anexo
Galeria	150 m ²	Novo anexo
Sanitários	25 m ² (1 bacia/50 pessoas) + PNE	Novo anexo
Área 2 – Livraria/Internet	275m²	
Administração + Sanitário	50 m ²	Piso térreo (anexo existente)
Salas de cursos	200 m ²	Piso superior (sobrado)
Sanitários	20 m ² (1 bacia/50 pessoas) + PNE	Novo anexo
Sala de reuniões + Sanitário	50 m ²	Piso superior (anexo existente)
Mini - auditório	150 m ²	Sótão (sobrado)
Sanitários	20 m ² (1 bacia/50 pessoas) + PNE	Novo anexo
Área 3 – Administração/Cultura	490m²	
Área parcial (1 + 2 + 3)	1.350 m²	
Circulação (20%)	270 m ²	
Área total prevista	1620 m²	

Fonte: AUTORA (2015)

6.3 DIRETRIZES PROJETUAIS BÁSICAS

O desenvolvimento do anteprojeto, que consiste na próxima etapa deste trabalho de conclusão de curso, assim como as decisões a serem tomadas quanto aos aspectos técnicos e estéticos deverão ser orientados pelas condicionantes que o local apresenta, além das seguintes diretrizes gerais de partido arquitetônico, assim definidas:

a) Seguir os princípios do *Restauo Crítico*, a saber:

- ✓ Obedecer os parâmetros metodológicos de restauro de Cesare Brandi (1906-88), que definiu que a restauração deve buscar o restabelecimento da unidade

potencial da obra e não pode apagar vestígios da passagem do tempo. Ainda, a intervenção deve ter como princípio devolver a funcionalidade à obra;

- ✓ Seguir o princípio defendido por Roberto Pane (1897-1987), segundo o qual, após a análise do monumento, partes faltantes ou lacunas podem ser preenchidas com novos elementos, sem a pretensão de recuperar o espírito criador e tomando o devido cuidado em evitar a falsificação histórica.
- b) Propor e consolidar uma nova estrutura para o edifício tombado, com a possibilidade de reversibilidade, ou seja, que permita se retornar ao estado anterior à restauração, além da reconstrução⁷ da obra em ruínas;
- c) Atender às recomendações dos órgãos de patrimônio do Município e Estado. De acordo com IPPUC (2015), a *Coordenação do Patrimônio Cultural* (CPC) da SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – SEEC define que o imóvel não poderá ser alterado em seu volume, vãos, tipo de cobertura e respectiva inclinação, revestimentos de parede e elementos decorativos originais bem como características internas marcantes referentes a pés direitos e elementos estruturais (pilares de ferro do térreo). Além disto, o novo edifício deverá respeitar distância mínima de cinco metros entre o embasamento e o prédio tombado;
- d) Projetar uma nova infraestrutura adequada às funções propostas, mantendo o partido arquitetônico original (*retrofit*) e assim fornecer novos usos à construção abandonada (reciclagem);
- e) Criar novas circulações verticais (elevadores e escadas de incêndio) que atendam com funcionalidade e segurança à nova demanda;
- f) Prever instalações hidráulicas e sanitárias adequadas à nova demanda;
- g) Criar um novo edifício anexo para atender a totalidade do programa de necessidades proposto, de modo a:
- ✓ Projetar o anexo em busca do nível⁸ de intervenção “equilibrado”, o qual ocorre quando há uma associação harmoniosa entre a intervenção e a obra original;

⁷ Como já mencionado no capítulo 2, Castelnou (1992) diz que a reconstrução é um “refeito a partir da reprodução de partes destruídas, da construção de réplicas ou da substituição de elementos desaparecidos” (p.266) em busca de um passado arquitetônico perdido.

⁸ No capítulo 2 também é explicado que se deve atentar para o fato de que, seja qual for a intervenção que será feita em uma edificação preexistente, é preciso que haja uma harmonização, a qual, de acordo com Castelnou (1992), pode ocorrer em três graus: radical, equilibrado e sutil.

- ✓ Projetar o anexo de modo que exista a relação⁹ de exclusão, que ocorre quando o novo e o antigo são independentes, porém integrados. A integração poderá ocorrer a partir de uma passarela suspensa conectando os pisos superiores do edifício novo ao antigo (sala de cursos com galeria);
- h) Aplicar os princípios de sustentabilidade à nova construção, tais como: *design* passivo, reutilização de águas pluviais, emprego de teto verde e energia solar, visando reduzir o consumo energético dos edifícios;
- i) Desenvolver um ambiente de trabalho para os funcionários que seja adequado às suas atividades, tanto estética como funcionalmente, sendo seguro, confortável e dimensionado adequadamente;
- j) Criar um local de encontro em que haja incentivo à efervescência cultural, almejada a partir da oferta de cursos, palestras e exposições;
- k) Propor um espaço convidativo e agradável, onde seja possível alimentar-se, socializar, ler, estudar e acessar a internet, ao mesmo tempo que traduza arquitetonicamente as relações entre passado/futuro, história/tecnologia e cultura/entretenimento.

Soma-se a essas diretrizes aquelas apontadas por Requixa (1977), que relaciona algumas condicionantes importantes para um centro contemporâneo de cultura e lazer, a saber:

- l) Incluir áreas verdes para propiciar o contato do homem com a natureza;
- m) Criar áreas comuns visando o convívio social e a troca de ideias;
- n) Propor espaços flexíveis, os quais possam ser transformados conforme as diferentes necessidades que a amplitude de uma programação cultural exige;
- o) Prever iluminação artificial externa para que possam existir atividades noturnas;
- p) Projetar um local com acessibilidade, permitindo que todas as pessoas, sem nenhuma restrição, possam frequentar as atividades; e
- q) Constituir espaços e ambientes de acordo com as suas necessidades técnicas (acústicas, climáticas, conforto visual, entre outros).

⁹ Como apresentado no capítulo 2, Gracia (2001) *apud* Castro (2002) explica que existem três tipos de relações de composição em uma intervenção sobre o preexistente edificado, a saber: a relação de inclusão, a relação de intersecção e a relação de exclusão.

7 CONCLUSÃO

O estudo das questões patrimoniais revela-nos que, apesar da existência abundante de teorias diversas que orientam o correto posicionamento em relação ao patrimônio e a memória de nossas cidades, a prática mostra-nos uma realidade de descaso – onde é aceitável observar obras de valor histórico inestimável em ruínas, abandonadas no tempo. O arquiteto, munido dos conhecimentos teóricos e técnicos necessários, é o profissional capaz de reverter esse tipo de situação recorrente em centros urbanos – locais onde normalmente acontece o paradoxo da existência de edificações históricas abandonadas e a falta de terrenos para construir – ao devolver a vida e uso aos espaços e, desta maneira, preservá-los e garantir que continuem a guardar parte da identidade de sua comunidade.

A proposta de reciclagem traz consigo, além das questões patrimoniais, a necessidade de estudo da obra original, uma verdadeira viagem pelo passado de Curitiba, passando pela sua origem, sua história, seu povoe, enfim, sua arquitetura. Além disso, é preciso estudar os novos usos a serem implantados no espaço reciclado; e, dessa vez, a viagem passa a ser pelo Brasil, com seus diversos exemplares bem sucedidos, assim como pelo mundo, com propostas bastante diferentes do que é encontrado no país.

Com isso, buscou-se que a inserção de um *Cyber Café Cultural* em um sobrado histórico do início do século passado pudesse associar tradição e contemporaneidade em um só lugar. O programa tem como protagonista a tradicional cafeteria, em sua versão recente que oferece acesso à internet, e, como coadjuvantes, acrescenta-se os aspectos culturais da programação – a galeria de exposições, uma livraria e espaços para cursos e palestras. Assim, a proposta traria de volta um dos elementos de um cenário que se encontra atualmente fragmentado, devolvendo parte da efervescência da rua que um dia foi palco principal dos acontecimentos de uma cidade – e, por causa e efeito, uma comunidade – em construção.

8 REFERÊNCIAS

ABCEM – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONSTRUÇÃO METÁLICA. *Entre o antigo e o novo*. In: **CONSTRUÇÃO METÁLICA**, São Paulo, n. 113, 2014. p.12-20.

ABIC – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA DO CAFÉ. **História**. Disponível em: <<http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=38>>. Acesso em: 04/04/2015.

ADJAYE. **Idea Store: Whitechapel Road**. Disponível em: <<http://www.adjaye.com/projects/civic-buildings/idea-store-whitechapel-road/>>. Acesso em: 06.mai.2015.

ARANTES, A. **Produzindo o passado**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ARCHDAILY. **RedBull Station São Paulo/ Triptyque** (2013). Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-155192/redbull-station-sao-paulo-triptyque>>. Acesso em: 09.mai.2015

ARTE E LETRA. **Livraria**. Disponível em: <<http://arteletra.com.br/>>. Acesso em: 22/04/2015.

BALTAR, M. *A Villa Catharino, a alcandora baiana*. In: **DE VILLA CATHARINO A MUSEU RODIN BAHIA 1912 – 2006: Um palacete baiano e sua história**. Salvador: Solisluna Design, 2006. Disponível em: <http://issuu.com/any_ivo/docs/a-villa-catharino--a-alcandora-baiana?e=3853793/3812958>. Acesso em: 09/05/2015.

BOITO, C. **Os restauradores**. 4. ed. São Paulo: Ateliê, 2014.

BONAMETTI, J. H. **Paisagem urbana e poder (1693-2004): Evolução de Curitiba**. Porto: Tese (Doutorado em História), UNIVERSIDADE PORTUCALENSE INFANTE D. HENRIQUE, 2006.

BRANDI, C. **Teoria de la restauración**. Madrid: Alianza Editorial, 2002.

BRASIL. **Decreto-Lei n. 25, de 30 de novembro de 1937**. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4717>>. Acesso em: 07/03/2015.

BRASIL ARQUITETURA. **Museu Rodin na Bahia**. Disponível em: <<http://brasilarquitetura.com/projetos/museu-rodin-bahia>>. Acesso em: 09/05/2015.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento: De Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BURNETT, J. **Liquid pleasures: A social history of drinks in modern Britain**. London: Routledge, 1999.

CAFÉ CATEDRAL. **Loja conceito**. Disponível em: <<http://cafecatedral.com.br/>>. Acesso em: 22/04/2015.

CAFÉ CULTURAL OURO PRETO. **Café Cultural**. Disponível em: <<http://cafeculturalop.com.br/cafe-cultural>>. Acesso em: 22/04/2015.

CANTACUZINO, S. **Re-architecture: Old buildings/New uses**. New York: Abbeville Press, 1989.

CARBONARA, G. *Brandi e a restauração arquitetônica hoje*. In: **DESÍGNIO**, 2006, n. 6, p. 35-47.

CARNEIRO, H. *Comida e sociedade: Significados sociais na história da alimentação*. In: **HISTÓRIA: Questões & Debates**, Curitiba, n. 42, 2005. p.71-80.

_____.; MENEZES, U. *A história da alimentação: Balizas historiográficas*. In: **HISTÓRIA E CULTURA MATERIAL**. São Paulo, Anais do Museu Paulista, vol. 5, 1997. p.9-91.

CASAGRANDE, G. **Casa projetada por Lolô Cornelsen na década de 50 é restaurada.** Disponível em: <<http://topview.com.br/materia/uma-lolo-restaurada/#ad-image-0>>. Acesso em: 22/04/2015.

CASTELNOU, A. M. N. *A intervenção arquitetônica em obras existentes.* In: **SEMINA: Ci. Exatas/Tecnol.**, Londrina, v. 13, n 4, dez.1992. p.265-268.

_____. **Ecotopias urbanas.** Curitiba: Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento), UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2005.

_____. **Fundamentos da arquitetura.** Curitiba: Apostila didática, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2014.

_____. **Teoria do urbanismo.** Curitiba: Apostila didática, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2007.

CASTRO, C. de. **Permanências, transformações e simultaneidades em arquitetura.** Porto Alegre: Dissertação (Mestrado em Teoria, História e Crítica da Arquitetura), UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – URS, 2003.

CENTOEQUATRO. **O prédio.** Disponível em:<<http://www.centoequatro.org/>>. Acesso em: 22/04/2015.

CENTRO DE LÓGICA, EPISTEMOLOGIA E HISTÓRIA DA CIÊNCIA. **Bibliografia.** Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/arquivoshistoricos/?destino=Newton_Costa/newtondacosta_biografia.html>. Acesso em: 06/05/2015.

CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA. **História.** Disponível em: <<http://www.centrohistoricodecuritiba.com.br/historia/>>. Acesso em: 24/04/2015

CHAVENA. **Os maiores produtores de café do mundo** (2012). Disponível em: <<http://chavena.com/artigos/maiores-produtores-cafe-mundo>>. Acesso em: 08/04/2015.

CHOAY, F. **A alegoria do patrimônio.** São Paulo: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP, 2001.

CIANCIARDI, G.; BRUNA, G. *Procedimentos de sustentabilidade ecológicas na restauração dos edifícios citadinos.* In: **CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 4, n. 1, 2004. p.113-127.

CINOTTO, S. *Coffee.* In: **ENCYCLOPEDIA OF CONSUMER CULTURE.** Los Angeles: SAGE, 2011.

CIPERSKI, Z. **Top 10 coffee-producing countries: Coffee production map** (2012). Disponível em: <<http://www.coffeeforless.com/articles/top-10-coffee-producing-countries-coffee-production-map.html>>. Acesso em: 08/04/2015.

COUTINHO, C. **Fábrica de Cerveja João Leitner** (20110). Disponível em: <<http://cervisiafilia.blogspot.com.br/2011/04/fabrica-de-cerveja-tivoli-servejaria.html>>. Acesso em: 23/05/2015.

CREDER, H. **Instalações hidráulicas e sanitárias.** 5. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1995.

CURITIBA. **Decreto-Lei n. 183, de 03 de abril de 2000.** Disponível em: <<https://www.leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/2000/18/183/decreto-n-183-2000-regulamenta-o-art-34-e-seguintes-todos-componentes-do-capitulo-iv-da-classificacao-dos-usos-da-lei-n-9800-00-define-relaciona-os-usos-do-solo-e-da-outras-providencias.html>>. Acesso em: 03/06/2015.

_____. **Decreto-Lei n. 186, de 29 de março de 2000.** Disponível em: <[186https://www.leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/2000/19/186/decreto-n-186-2000-dispoe-sobre-setor-especial-eixo-barao-riachuelo-e-da-outras-providencias](https://www.leismunicipais.com.br/a/pr/c/curitiba/decreto/2000/19/186/decreto-n-186-2000-dispoe-sobre-setor-especial-eixo-barao-riachuelo-e-da-outras-providencias)>. Acesso em: 24/05/2015.

_____. **História**. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/idioma/portugues/historia>>. Acesso em: 23/05/2015.

CURITIBA-PARANÁ. **Igreja da Ordem**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/paco-liberdade.htm>>. Acesso em 06/04/2015a.

_____. **Igreja do Rosário**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/paco-liberdade.htm>>. Acesso em 06/05/2015b.

_____. **Paço da Liberdade**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/paco-liberdade.htm>>. Acesso em 24/04/2015d.

_____. **Palácio Garibaldi**. Disponível em: <<http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/paco-liberdade.htm>>. Acesso em 06/05/2015c.

DECLARAÇÃO DE AMSTERDÃ (1975). In: IPHAN. **Cartas patrimoniais** [On line]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=246>>. Acesso em: 20/03/2015.

DUARTE, O.; GUINSKI, L. A. **Imagens da evolução de Curitiba**. Curitiba: Quadrante, 2002.

DURAN, S. **Cybercafes surfing interiors**. Madison: Loft Publications, 2007.

ELIAS, I. B. **Aspectos históricos da conservação e restauro** (2009). Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABejYAI/aspectos-historicos-conservacao-restauro>>. Acesso em: 20/03/2015.

ENERGY DRINK. **Empresa**. Disponível em: <<http://energydrink-br.redbull.com/empresa-red-bull>>. Acesso em: 09/05/2015.

FARIAS, P.; OLIVEIRA, K. ; PADILHA, M.; SHINOHARA, N. *Café no Brasil: Gastronomia e sociedade*. In: **CONTEXTOS DA ALIMENTAÇÃO: Comportamento, Cultura e Sociedade**, Recife, vol. 2, n. 2, 2013. p.8-37.

FASANO, A. A. **Anteprojeto para um bar cultural**. Londrina PR: Trabalho Final de Graduação (Arquitetura e Urbanismo), CENTRO UNIVERSITÁRIO FILADÉLFIA – UNIFIL, 1999.

FCC – FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **História**. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecureitiba.com.br/historia/inicio/>>. Acesso em: 28/03/2015.

FENGLER, M. **Restaurantes, cafés, cantinas**. Barcelona: Blume, 1970.

FENIANOS, E. **Centro: Aqui nasceu Kúr'ýt'yba**. Curitiba: Univercidades, Col. Bairros de Curitiba, 1996.

_____. **Centro Cívico: Um bairro e três poderes**. Curitiba: Univercidades, Col. Bairros de Curitiba, 1998.

_____. **Manual Curitiba: A cidade em suas mãos**. Curitiba: Univercidades, 2003

FERNANDES, J. *Ferragens Hauer renasce no Centro*. In: **GAZETA DO POVO**, Curitiba, 19.abr.2015. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ferragens-hauer-renasce-nocentro-4i4z7xasnjhp7jqtj1kg636bd>>. Acesso em: 22/04/2015.

_____. *Uma cidade sem passado e sem lei*. In: **GAZETA DO POVO**, Curitiba, 16.fev.2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/uma-cidade-sem-passado-e-sem-lei-ex88ks1hxqtmxi5l0mvaqrqz2>>. Acesso em: 29/03/2015.

FERREIRA, L. **(Re)descobrimo o Recife: Roda Café e um novo olhar sobre a cidade**. Disponível em: <<http://www.janelasabertas.com/2014/06/04/redescobrimo-o-recife-roda-cafe-e-um-novo-olhar-sobre-cidade/>>. Acesso em: 24/04/2015

FIGUEROLA, V. *Rodin em Salvador*. In: **REVISTA AU**, São Paulo, jan.2003. Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/106/rodin-em-salvador-23487-1.aspx>>. Acesso em: 09/05/2015.

FITCH, J. M. **Preservação do patrimônio histórico**. São Paulo: FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – FAUUSP, 1981.

FITCH, N. ; MIDGLEY, A. **The grand literary cafés of Europe**. London: New Holland Publishers, 2006.

FRANCO, A. **De caçador a gourmet: Uma história da gastronomia**. São Paulo: Senac, 2001.

FREIRE, G. G.; VENANCIO, M. W. de C. *Conservação integrada: Estudo sobre a participação popular no planejamento e na gestão urbana de São Luís MA*. In: **SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL**, VIII, Rio de Janeiro, 01 a 04 de setembro de 2009 [On line]. Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/083.pdf>>. Acesso em: 20/03/2015.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Espaços culturais**. Disponível em: <<http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br/espacos-culturais/>> Acesso em: 06/05/2015.

GAZETA DO POVO. **SESC Paço da Liberdade**. Disponível em: <<http://guia.gazetadopovo.com.br/mais/paco-da-liberdade-sesc-parana/631/>>. Acesso em: 22/04/2015.

GONÇALVES, G. **Restaurante – Confraria em Curitiba**. Curitiba: Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2013.

GRACIA, F. **Construir em lo construído: La arquitectura como modificación**. Madrid: Nerea, 2001.

GUIA TURISMO CURITIBA. **Feira do Largo da Ordem, a maior de Curitiba**. Disponível em: <<http://www.guiaturismocuritiba.com/2010/10/feira-do-largo-da-ordem.html>>. Acesso em: 06/05/2015.

HOTEL NIKKO. **Hotel Nikko em Curitiba**. Disponível em: <<http://www.hotelnikko.com.br/>>. Acesso em: 24/05/2015.

IDEA STORE. **About us**. Disponível em: <<https://www.ideastore.co.uk/>>. Acesso em: 13/05/2015.

I-MUSEUM. **Cyber internet history museum** (2009). Disponível em: <http://eng.i-museum.or.kr/jsp/sub02/article_list.jsp?no=2&pageIndex=2#>. Acesso em: 02/11/2013.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio cultural**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginalphan>>. Acesso em: 07/03/2015.

IPPUC – INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Acervo**. Disponível em: <<http://www.ippuc.org.br>>. Acesso em: 28/03/2015.

INRC – INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS. In: IPHAN. **Manual de aplicação**. Brasília: IPHAN: Departamento de Identificação e Documentação, 2000. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3415>>. Acesso em: 20/03/2015.

INTILE, K. **The european coffee-house: A political history**. Portland: Thesis (Bachelor of Arts), University of Oregon, 2007.

JOHNSCHER. **Conceito**. Disponível em: <<http://www.johnscher.com.br/pt-br/>>. Acesso em: 24/05/2015.

- JORDAN, K. **Sobre o Palacete das Artes**. Disponível em: <<http://www.palacetedasartes.ba.gov.br/sobre-o-museu/historicoordan>>. Acesso em: 09/05/2015.
- JUSTICIA, M. J. M. **Historia y teoria de la conservación artística**. Madrid: Tecnos, 1995.
- KERSTEN, M. **Os rituais do tombamento e a escrita da história**. Curitiba: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2000.
- KUHL, B. *O tratamento das superfícies arquitetônicas como problema teórico da restauração*. In: **ANAIS do Museu Paulista**. São Paulo: N Sér. v 12, jan./dez.2004. p.309-330.
- LEAL, F. **Restauração e conservação de monumentos brasileiros: Subsídios para seu estudo**. Recife: SEPLAN/IPHAN/UFPE, 1977.
- LEMOS, C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LER SAÚDE. **Países que mais consomem café** (2013). Disponível em: <<http://www.lersaude.com.br/wp-content/uploads/2013/03/infografico-cafe4.jpg>>. Acesso em: 08/04/2015.
- LONDRES, C. *Referências culturais: Base para novas políticas de patrimônio*. In: IPHAN. **Inventário Nacional de Referências Culturais: Manual de aplicação**. Brasília: IPHAN: Departamento de Identificação e Documentação, 2000. p.11-21. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=3415>>. Acesso em: 20/03/2015.
- LI, F. **Architecture technology and design** (2013). Disponível em: <<http://legolasfergus.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 06/05/2015.
- LYRA, C. **Espiraís do tempo: Bens tombados do Estado do Paraná**. Curitiba: Secretaria do Estado de Cultura, 2006.
- MACEDO, S. S.; SAKATA, F. G. **Parques urbanos no Brasil**. 2. ed. São Paulo: EdUSP: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Col. Quapá, 2003.
- MAGALHÃES, B. *Casa Belotti Café e Bistrô*. In: **BEM PARANÁ**, Curitiba, 9.jan.2014. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/mesadividida/casa-belotti-cafe-e-bistro/>>. Acesso em: 22/04/2015.
- MAROS, A. *Câmara de Curitiba estuda aumentar número de servidores efetivos*. In: **GAZETA DO POVO**, Curitiba, 23.mar.2013. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/camara-de-curitiba-estuda-aumentar-numero-de-servidores-efetivos-b6kane9qqs5zepailwa5h6826>>. Acesso em: 27/05/2015.
- _____. *Obras de restauro do Museu da Imagem e do Som são finalizadas*. In: **GAZETA DO POVO**, Curitiba, 18.dez.2014. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/obras-de-restauro-do-museu-da-imagem-e-do-som-sao-finalizadas-ehjbuzk3nbqmwq73z4zasdowe>>. Acesso em: 23/05/2015.
- MARTINS, J. **Três momentos na história da Praça Eufrásio Correia** (2013). Disponível em: <http://www.cmc.pr.gov.br/ass_det.php?not=20861>. Acesso em: 23/05/2015.
- MARTINS, M. H. P. **Políticas culturais de conservação do patrimônio: Caso mobiliário**. São Paulo: Tese (Livre Docência), ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – ECAUSP, 1997.
- MARTINS, R. **História do Paraná**. Curitiba: Guaíra, 1939.
- MARTINS, W. **A invenção do Paraná: estudo sobre a presidência Zacarias de Góes e Vascellos**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1999.

- MENDES, J. **A transformação das livrarias no Brasil** (2011). Disponível em: <<http://livroslivrariaselivreiros.blogspot.com/2011/03/transformacao-das-livrarias-no-brasil.htm>>. Acesso em: 21/04/2015.
- MENEZES, F. **Red Bull Station: Restauro** (2014). Disponível em: <http://pt.slideshare.net/nandamenezes_/red-bull-station-restauro>. Acesso em: 13/05/2015.
- MILAN, P. *Vai no nome de quem?* In: **GAZETA DO POVO**. Curitiba, 18.mai.2012. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/vai-no-nome-de-quem-2ahpi1spxsswywhxqf3ipnwu>>. Acesso em: 23/05/2015.
- MONIZ, G. **IPAC finaliza dossiê para proteção de prédio de 1914 na rua Chile** (2011). Disponível em: <http://jornal guarany.blogspot.com.br/2011/06/salvadorba_09.html>. Acesso em: 15/05/2015.
- MORRIS, J. *Coffee-shops*. In: **ENCYCLOPEDIA OF CONSUMER CULTURE**. Los Angeles: SAGE, 2011.
- MOTA, F. **Centro de Cultura e Lazer: Requalificação da Vila Ferroviária Capanema em Curitiba**. Curitiba: Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2012.
- MOUTINHO, S. **Flora brasileira resgatada dos cadernos de Saint-Hilaire**. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/noticias/2009/11/flora-brasileira-resgatada-dos-cadernos-de-saint-hilaire/>>. Acesso em: 23/05/2015.
- NASCIMENTO, D. **Subestação Riachuelo** (2013). Disponível em: <<http://www.saopauloantiga.com.br/subestacao-riachuelo/>>. Acesso em: 13/05/2015.
- NEUFERT, E. **A arte de projetar em arquitetura**. 17. ed. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 2004.
- NOZOE, N. **Sesmarias e apossamento de terras no Brasil Colônia**. Disponível em: <<http://www.anpec.org.br/encontro2005/artigos/A05A024.pdf>>. Acesso em: 23/05/2015.
- OBA, L. **Os marcos urbanos e a construção da cidade: A identidade de Curitiba PR**. São Paulo: Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas), UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – USP, 1998.
- OBUEH, A. *Cybercafé management software*. In: **SECURITY AND SOFTWARE FOR CYBER CAFÉS**, Nigeria, 2008. p.113-128.
- PARANÁ. **Histórico**. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=15>>. Acesso em: 28/03/2015.
- _____. **Livro do Tombo 16-I**. Curitiba, 1985.
- _____. **Secretaria da Educação: Nossa história**. Disponível em: <<http://www.apunilcairo.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1>>. Acesso em: 23/05/2015
- PERES, A. *O humanista que apostou no sonho da primeira universidade*. In: **GAZETA DO POVO**. Curitiba, 27.dez.2008. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/o-humanista-que-apostou-no-sonho-da-1-universidade-bcj8sgw3vsc85fdagwkfj780e>>. Acesso em: 23/05/2015.
- PHAIDON ATLAS. **Idea Store Whitechapel Community Centre**. Disponível em: <<http://phaidonatlas.com/building/idea-store-whitechapel-community-centre/348>>. Acesso em: 06/05/2015.
- POMBO, J. **O Paraná no Centenário: 1500-1900**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- QUELHAS, O.; MORAES, V. **O Desenvolvimento da metodologia e os processos de um retrofit arquitetônico**. Niterói RJ: Sistemas e Gestão 7, 2012. p.448-461.

RED BULL STATION. **Sobre**. Disponível em: <<http://redbullstation.com.br/>>. Acesso em: 22/04/2015.

REIS E CUNHA, C. dos; KODAIRA, K. T. *O legado moderno na cidade contemporânea: Restauração e uso*. In: **SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL**, VIII, Rio de Janeiro, 01 a 04 de setembro de 2009 [On line]. Disponível em:

<<http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/147.pdf>>. Acesso em: 20/03/2015.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

RIBEIRO, C. **Tudo pronto: O comer fora e o prazer reinventado - Curitiba (1970-2000)**. Curitiba: Tese (Doutorado em História). UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2012.

RIBEIRO, S. B. **Brasília: Memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural**. São Paulo: Annablume, 2005.

SANT'ANNA, M. *Patrimônio material e imaterial: Dimensões de uma mesma ideia*. In: GOMES, M.; CORRÊA, E. **Reconceituações Contemporâneas do Patrimônio**. Salvador: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA, 2011.

SANTOS, C. *Museu Rodin Bahia*. In: **BRASIL ARQUITETURA**, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://brasilarquitetura.com/projetos/museu-rodin-bahia>>. Acesso em: 09/05/2015.

SAYEGH, S. *Triptyque restaura edifício de 1920 no centro paulistano e o transforma em centro de arte e música da Red Bull, o Red Bull Station*. In: **REVISTA AU**, São Paulo, dez.2013. Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/237/artigo302122-1.aspx>>. Acesso em: 09/05/2015.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Mercado de Cafeteria**. Disponível em: <http://www.sebrae2014.com.br/Sebrae/Sebrae%202014/Boletins/2014_06_26_BO_Maio_Turismo_Cafeteria_.pdf.pdf>. Acesso em: 03/06/2015.

SECRETARIA DO ESPORTE E DO TURISMO. **Para conhecer Curitiba, explore suas belas atrações**. Disponível em: <<http://www.turismo.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=204>>. Acesso em: 06/05/2015.

SERAPIÃO, F. *Brasil Arquitetura – Museu Rodin: Relação entre edifícios de séculos diferentes dá mote ao desenho*. In: **PROJETO DESIGN**, São Paulo, 24.out.2006. Disponível em: <<http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-museu-salvador-24-10-2006>>. Acesso em: 09/05/2015.

SHOPPING ESTAÇÃO. **História**. Disponível em: <<http://www.shoppingestacao.com.br/>>. Acesso em: 27/05/2015.

SILVA, L. **Reciclagem da Casa Cel. Agostinho Souza: De casarão a cervejaria artesanal**. Curitiba: Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UFPR, 2013.

SILVA, R. **Preservação e sustentabilidade: Restaurações e retrofits**. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura), FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE SÃO Paulo – FAUUSP, 2013.

SILVA, T. **Midioteca pública: Uma reciclagem no Alto da Glória**. Curitiba: Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 2013.

SILVA FILHO. **Manual básico para planejamento e projeto de restaurantes e cozinhas industriais**. São Paulo: editora Varela, 1996.

SIMÓES DE ASSIS. **Galeria**. Disponível em: <<http://www.simoedesassis.com.br/>>. Acesso em: 22/04/2015.

SOLAR DO ROSÁRIO. **Quem somos**. Disponível em: <<http://solardorosario.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 22/04/2015.

SOUZA, R. de. **Lan houses: Um mercado em declínio ou em transformação** (2013). Disponível em: <<http://www.tecmundo.com.br/brasil/44392-lan-houses-um-mercado-em-declinio-ou-em-transformacao-.htm>>. Acesso em: 25/04/2015.

STAMP, J. *The long history of the espresso machine* (2012). Disponível em: <<http://www.smithsonianmag.com/arts-culture/the-long-history-of-the-espresso-machine-126012814/?no-ist>>. Acesso em: 11/04/2015.

STANDAGE, T. **A history of the world in 6 glasses**. Nova York: Walker & Company, 2005.

STARBUCKS. **Sobre**. Disponível em: <<http://www.starbucks.com.br/about-us>>. Acesso em: 10/04/2015.

SUTIL, M. S. **Arquitetura eclética em Curitiba: 1880-1930**. Curitiba: Máquina, 2002.

_____. **O espelho e a miragem: Ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do Século 20**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

SUZUKI, J. **Tipos de intervenção em obras arquitetônicas existentes**. Curitiba: Notas de aula (Graduação em Arquitetura e Urbanismo), UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR, 11.abr.2014.

TALEB, H. **Using passive cooling strategies to improve thermal performance and reduce energy consumption of residential buildings in U.A.E. buildings**. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S209526351400003X>>. Acesso em: 09/05/2015.

TEIXEIRA, E. **Hotel Tassi, o antigo hotel da Estação**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991.

TRIPTYQUE. **Agency**. Disponível em: <<http://triptyque.com/triptyque/?lang=pt-br>>. Acesso em: 09/05/2015

UPF – UNIVERSIDADE PASSO FUNDO. **José Luiz Goldfarb** (2009). Disponível em: <http://www.upf.br/jornada/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=194:jose-luiz-goldfarb&catid=9:autores&Itemid=32>. Acesso em: 21/04/2015.

WORPOLE, K. **Contemporary library architecture: A planning and design guide**. Nova York: Routledge, 2013.

WU, J. **The library of the 21st century: Cultural China**. Shanghai: Shanghai Press and Publishing Development Company, 2005.

9 FONTES DE ILUSTRAÇÕES

ACERVOS DE HISTÓRIA. **Museus: Palacete das Artes Rodin Bahia**. Disponível em: <<http://acervosdehistoria.blogspot.com.br/2014/02/museus-palacetes-das-artes-rodin-bahia.html>> Acesso em: 09/05/2015.

AMPLIA ENGENHARIA. **Recém-inaugurado Red Bull Station conta com participação da Âmplia** (2013). Disponível em: <<http://www.ampliaengenharia.com.br/noticia/64/rece-inaugurado-red-bull-station-Conta-com-a-participao-da-mplia>> Acesso em: 06/05/2015.

ARCHDAILY. **Red Bull Station São Paulo/ Triptyque** (2013). Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/01-155192/redbull-station-sao-paulo-triptyque>>. Acesso em: 09/05/2015.

BARRAS, J. **Whitechapel Store E1**. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ddtmmm/5607220730/>>. Acesso em: 06/05/2015.

BEM PARANÁ. **Café e Livraria Solar do Rosário**. Disponível em: <<http://www.bemparana.com.br/comerecurtir/wp-content/uploads/2014/11/Caf%C3%A9-e-Livraria-Solar-do-Ros%C3%A1rio-01.jpg>>. Acesso em: 06/05/2015.

BLOG FACER. **Fotos antigas de Curitiba e Região** (2013). Disponível em: <<http://fotosantigasdecuritibaeregiao.blogspot.com.br/2013/12/imagens-de-curitiba-no-seculo-19.html>>. Acesso em: 30/05/2015.

BLOG IZA ZILLI. **Proprietária do Solar do Rosário é capa da revista Where Curitiba**. Disponível em: <<http://www.blogizazilli.com/proprietaria-do-solar-do-rosario-e-capa-da-revista-where-curitiba/>>. Acesso em: 06/05/2015.

BLOG RETRATOS DO BELÉM. **IPPUC** (2012). Disponível em: <<http://retratodobelem.blogspot.com.br/2012/01/ippuc.html>>. Acesso em: 30/05/2015.

BRASIL ARQUITETURA. **Museu Rodin na Bahia**. Disponível em: <<http://brasilarquitetura.com/projetos/museu-rodin-bahia>>. Acesso em: 09/05/2015.

BUILDING. **Lovely Idea**. Disponível em: <<http://www.building.co.uk/lovely-idea/3059479.article>>. Acesso em: 06/05/2015.

CAFÉ CULTURAL OP. **Café Cultural Ouro Preto**. Disponível em: <<http://cafeculturalop.com.br/fotos-cafe-cultural-ouro-preto>>. Acesso em: 25/04/2015.

CENTOEQUATRO. **Projeto de Restauro**. Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/centoequatro/4424373145/in/photostream/>>. Acesso em: 22/04/2015

CINEMASKOPE. **Boa dica para o verão: Café Solar do Rosário alia sabores, arte e história**. Disponível em: <<http://www.cinemaskope.com/boa-dica-para-o-verao-cafe-solar-do-rosario-alia-sabores-arte-e-historia/>>. Acesso em: 06/05/2015.

CIPERSKI, Z. **Coffee production map** (2012). Disponível em: <<http://mcdn.coffeeforless.com/media/coffee-production-map.jpg>>. Acesso em: 13/04/2015.

CIRCULANDO POR CURITIBA. **Il Brasile e gli italiani** (2011). Disponível em: <<http://www.circulandoporcuritiba.com.br/2011/07/il-brasile-e-gli-italiani-antiga.html>>. Acesso em: 03/05/2015.

_____. **Hotel Tassi** (2011). Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-UDCoCspNqfg/TjVoVp-h4QI/AAAAAAAAAD1k/eaoyPWjwFfY/s1600/WCT_31+de+julho+de+2011_0001.jpg>. Acesso em: 30/05/2015.

CMC – CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA. **A história da construção do Palácio Rio Branco.** Disponível em: <<http://www.tha.com.br/espacotha/wp-content/uploads/2011/11/Pal%C3%A1cio-Rio-Branco.jpg>>. Acesso em: 30/05/2015.

CURITIBA AGORA. **Café Catedral.** Disponível em: <<http://curitibaagora.com/gastronomia-curitiba-cafe-catedral/>>. Acesso em: 25/04/2015.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Roda Café** (2014). Disponível em: <http://imgsapp.diariodepernambuco.com.br/app/noticia_127983242361/2014/07/30/519190/20140730105744781011i.JPG>. Acesso em: 25/04/2015.

DURAN, S. **Cybercafes surfing interiors.** Madison: Loft Publications, 2007

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS. **Estação Ferroviária de Curitiba.** Disponível em: <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/pr-cur-paran/fotos/curitiba9001.jpg>>. Acesso em: 30/05/2015>

FENGLER, M. **Restaurantes, cafés, cantinas.** Barcelona: Blume, 1970.

FENIANOS, E. **Centro: Aqui nasceu Kúr'ýt'ýba.** Curitiba: Univercidades, Col. Bairros de Curitiba, 1996.

_____. **Manual Curitiba: A cidade em suas mãos.** Curitiba: Univercidades, 2003.

FILM OFFICE. **Idea Store Whitechapel Library.** Disponível em: <<http://www.filmoffice.co.uk/tower-hamlets/idea-store-whitechapel-library.aspx>>. Acesso em: 06/05/2015.

FITCH, N.; MIDGLEY, A. **The grand literary cafés of Europe.** London: New Holland Publishers, 2006.

FICKR. **Idea Store Tower Hamlets.** Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/ideastores/5448495449/>>. Acesso em: 16/05/2015.

FICKR. **Idea Store Whitechapel Library.** Disponível em: <https://c1.staticflickr.com/3/2678/4328302861_748b55f380_b.jpg>. Acesso em: 16/05/2015.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA. **Acervo** (2015).

GAZETA DO POVO. **Antiga Prefeitura de Curitiba.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/amazon/s3/antiga_prefeitura_curitiba_2608doze.jpg?w=600&h=580>. Acesso em: 30/05/2015e.

_____. **Asfalto da Rua Barão do Rio Branco.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/amazon/s3/asfalto_barao_rio_branco_2608doze.jpg?w=600&h=580>. Acesso em: 30/05/2015b.

_____. **Palácio do Governo.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/ra/media/Pub/GP/p4/2015/04/11/VidaPublica/Imagens/Vivo/2%20%20Pal%C3%A1cio%20do%20Governo%20e%20coreto%20%201915.jpg>>. Acesso em: 30/05/2015f.

_____. **Recepção do Presidente da República Afonso Pena.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/especiais/ferrovia-130-anos/img/parte3/slideshow/06.jpg>>. Acesso em: 30/05/2015a.

_____. **Rua Barão, bons tempos.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/colunistas/nostalgia/rua-barao-bons-tempos-2e06wkgd5be6l0qm1yakfeztf>>. Acesso em : 30/05/2015d.

_____. **Rua Barão do Rio Branco.** Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/bomgourmet/wp-content/uploads/2015/01/Rua-Barao-do-Rio-Branco.jpg>>. Acesso em: 30/05/2015c.

GOOGLE MAPS. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps>>. Acesso em: 06/05/2015.

- HYPENESS. **Conheça o incrível centro cultural da Red Bull em São Paulo** (2014). Disponível em: <<http://www.hypeness.com.br/2014/05/roteiro-hypeness-conheca-o-incrivel-centro-cultural-da-red-bull-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 06/05/2015.
- IPPUC – INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA. **Acervo** (2015).
- LI, F. **Architecture technology and design** (2013). Disponível em: <<http://legolasfergus.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 06/05/2015.
- LIFE WITHOUT BUILDINGS. **David Adjaye Whitechapel Store** (2007). Disponível em: <<http://lifewithoutbuildings.net/2007/12/david-adjayes-whitechapel-idea-store.html>>. Acesso em: 06/05/2015.
- MENEZES, F. **Red Bull Station: Restauro** (2014). Disponível em: <http://pt.slideshare.net/nandamenezes_/red-bull-station-restauro>. Acesso em: 13/05/2015.
- MUSEE RODIN. **Hotel Biron**. Disponível em: <<http://www.musee-rodin.fr/en/museum/musee-rodin-paris/hotel-biron>>. Acesso em: 09/05/2015.
- PALACETE DAS ARTES. **Estrutura**. Disponível em: <<http://www.palacetedasartes.ba.gov.br/>>. Acesso em: 09/05/2015.
- PARANÁ. **Livro do Tombo 83-II**. Curitiba, 1985.
- PHAIDON ATLAS. **Idea Store Whitechapel Community Centre**. Disponível em: <<http://phaidonatlas.com/building/idea-store-whitechapel-community-centre/348>>. Acesso em: 06/05/2015.
- PINTEREST. **Silver surfers' day at Idea Store Whitechapel**. Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/568368415447955195/>>. Acesso em: 06/05/2015.
- SÃO PAULO GUIDE. **Red Bull Station** (2014). Disponível em: <http://www.saopauloguide.com.br/wp-content/uploads/2014/06/Red_Bull_Station_204_BAIXA.jpg>. Acesso em: 25/04/2015.
- SERAPIÃO, F. *Brasil Arquitetura – Museu Rodin: Relação entre edifícios de séculos diferentes dá mote ao desenho*. In: **PROJETO DESIGN**, São Paulo, 24.out.2006. Disponível em: <<http://arcoweb.com.br/projetodesign/arquitetura/brasil-arquitetura-museu-salvador-24-10-2006>>. Acesso em: 09/05/2015.
- SILVA FILHO. **Manual básico para planejamento e projeto de restaurantes e cozinhas industriais**. São Paulo: editora Varela, 1996.
- SKYSCRAPERCITY. **O Palacete das Artes: Museu Rodin de Salvador** (2009). Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=879738>>. Acesso em: 09/05/2015.
- SOBRE LIVROS E PÁGINAS. **Café do Paço** (2014). Disponível em: <https://sobrelivrosepaginas.files.wordpress.com/2014/03/dsc_0166.jpg>. Acesso em: 25/04/2015.
- SOLAR DO ROSÁRIO. **Quem somos**. Disponível em: <<http://solardorosario.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 22/04/2015.
- STARBUCKS EVERYWHERE. **Imagem**. Disponível em: <<http://www.starbuckseverywhere.net/bigimages/16/DSCN16394.htm>>. Acesso em: 22/04/2015.
- SUTIL, M. S. **Arquitetura eclética em Curitiba: 1880-1930**. Curitiba: Máquina, 2002.
- _____. **O espelho e a miragem: Eclétismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do Século 20**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.
- TEIXEIRA, E. **Hotel Tassi, o antigo hotel da Estação**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1991.

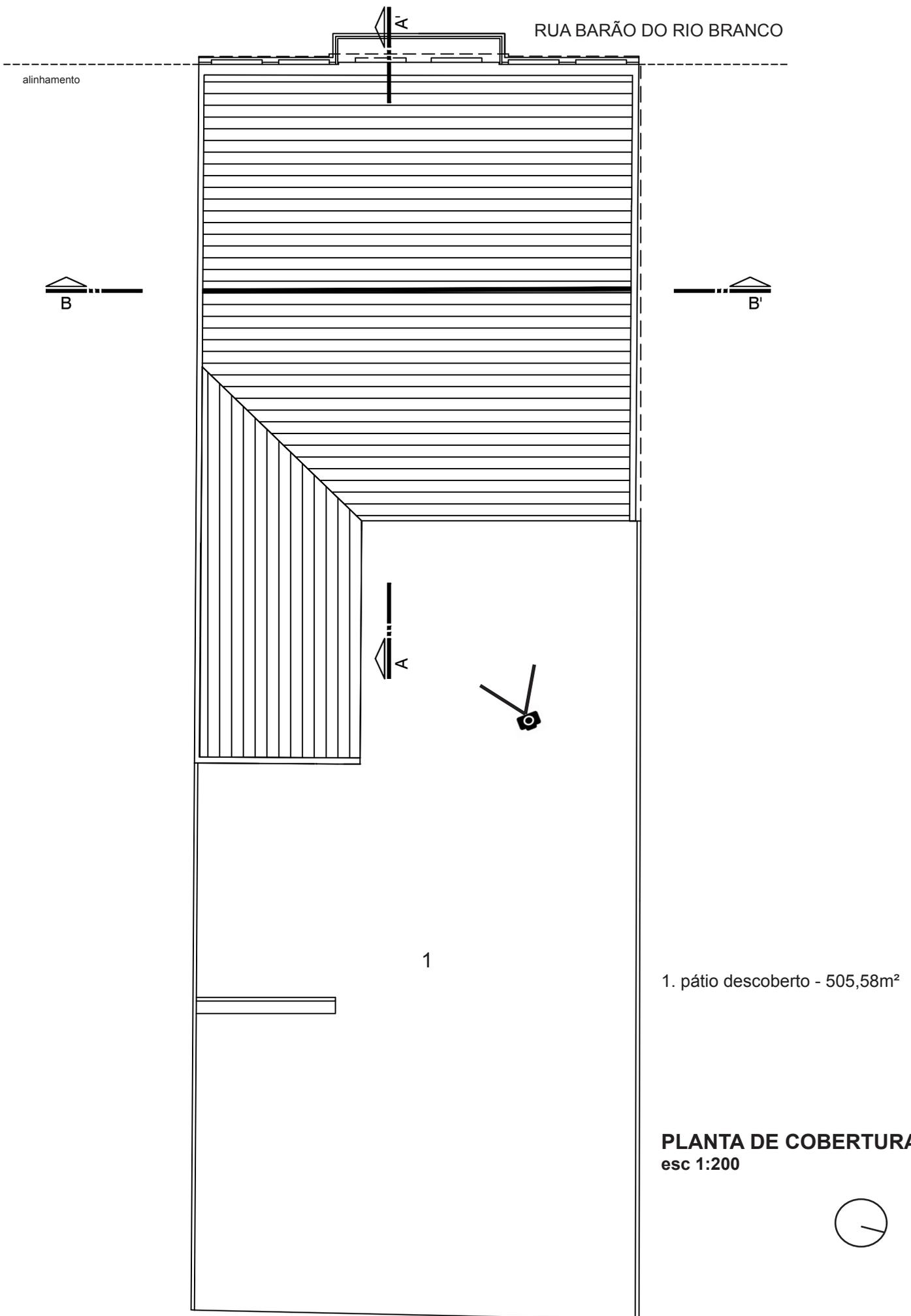
THÁ. **Palácio Rio Branco** (2011). Disponível em: <<http://www.tha.com.br/espacotha/wp-content/uploads/2011/11/Pal%C3%A1cio-Rio-Branco.jpg>>. Acesso em: 30/05/2015.

THE GREAT WEN. **William Burroughs and the strange demise of London's first espresso bar** (2011). Disponível em: <<http://greatwen.com/2011/11/09/william-burroughs-and-the-strange-demise-of-londons-first-espresso-bar/>>. Acesso em: 13/04/2015.

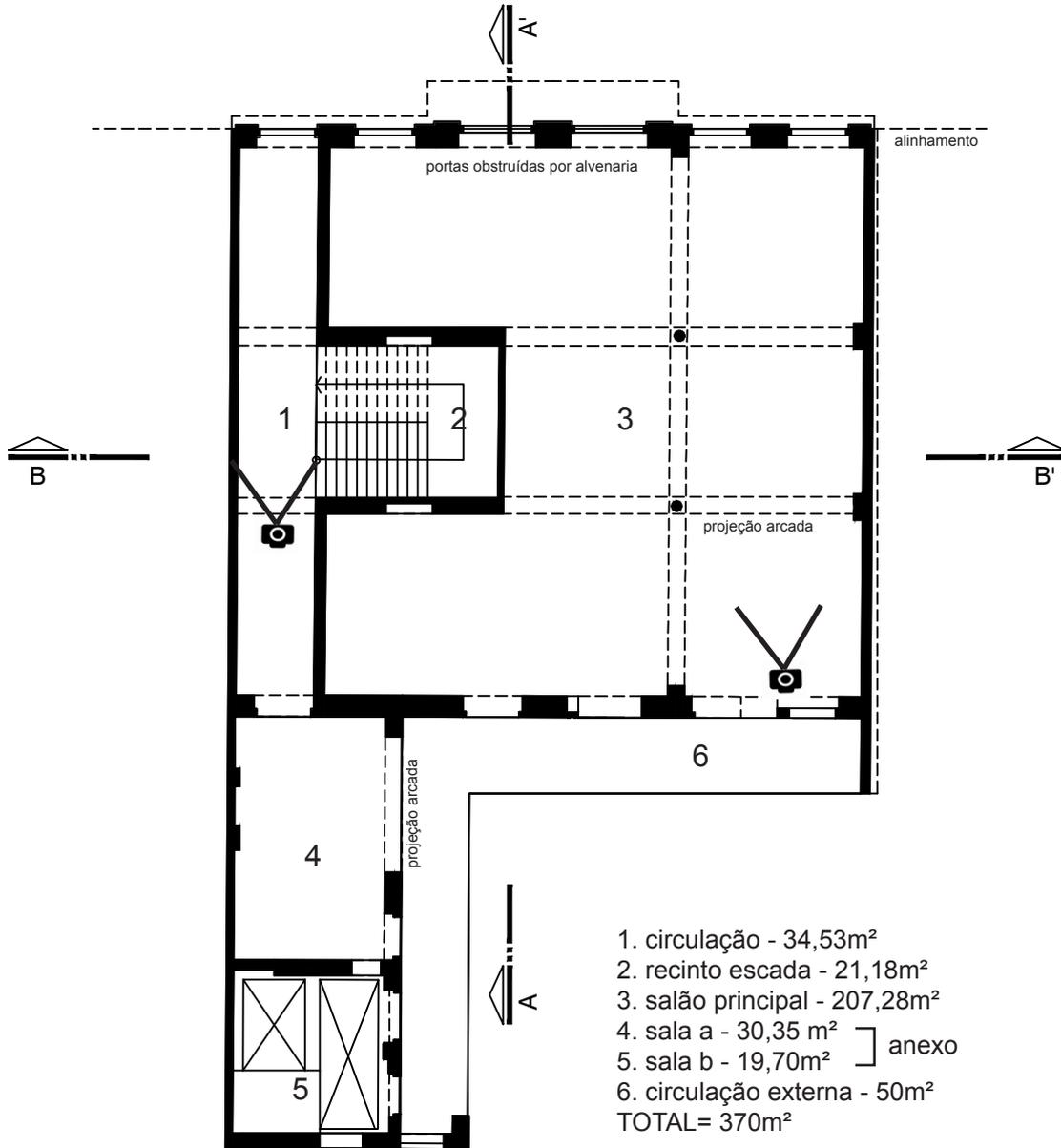
VEJASP. **Café na Pinacoteca** (2012). Disponível em: <<http://msalx.vejasp.abril.com.br/2012/08/22/0022/jcclk/cafe-na-pinacoteca.jpeg?1400258124>>. Acesso em: 25/04/2015.

VIAJANTE BRASILEIRO. **Café da sala São Paulo** (2015). Disponível em: <<http://sp.viajantebrasileiro.com.br/wp-content/uploads/sites/2/2015/01/Caf%C3%A9-da-Sala-Sala-S%C3%A3o-Paulo-630x300.jpg>>. Acesso em: 25/04/2015.

VIEW PICTURES. **Details**. Disponível em: <<http://viewpictures.co.uk/Details.aspx?ID=63501&TypeID=1>> . Acesso em: 06/05/2015.



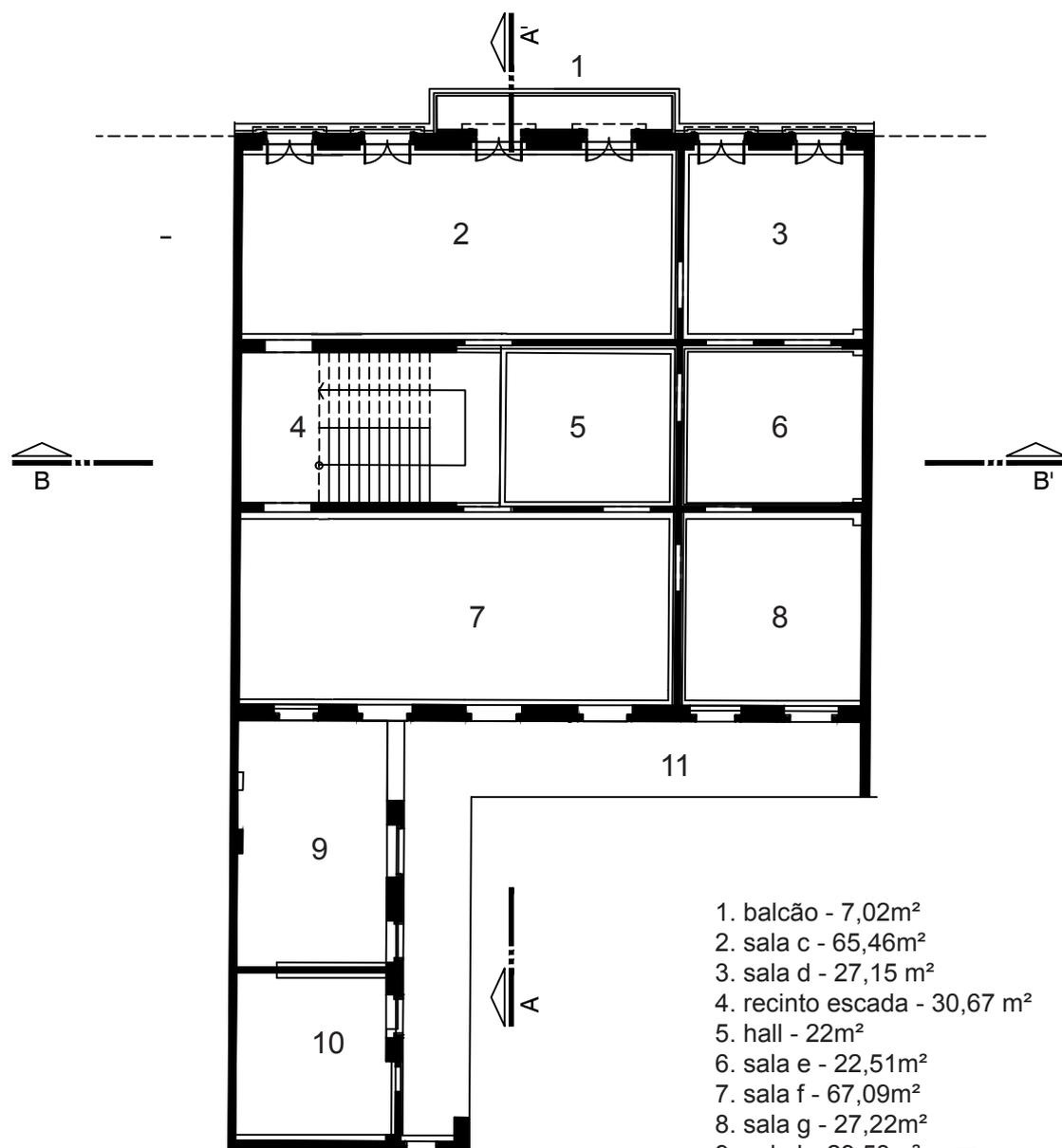
RUA BARÃO DO RIO BRANCO



PLANTA PAVIMENTO TÉRREO
esc 1:200



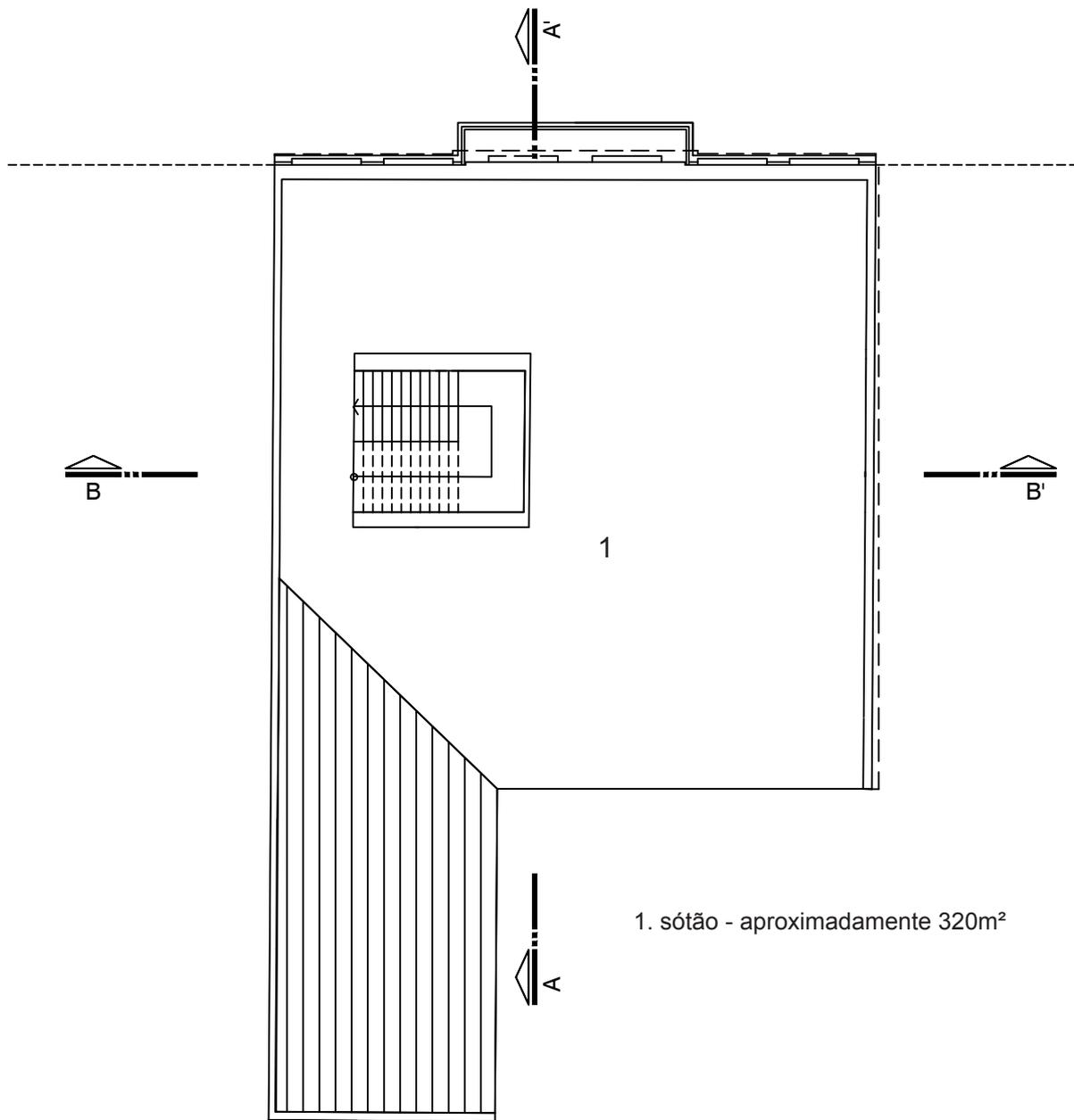
RUA BARÃO DO RIO BRANCO



- 1. balcão - 7,02m²
- 2. sala c - 65,46m²
- 3. sala d - 27,15 m²
- 4. recinto escada - 30,67 m²
- 5. hall - 22m²
- 6. sala e - 22,51m²
- 7. sala f - 67,09m²
- 8. sala g - 27,22m²
- 9. sala h- 29,53m²
- 10. sala i - 20,54 m²] anexo
- 11. circulação externa - 50m²
- TOTAL= 370m²

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR
esc 1:200

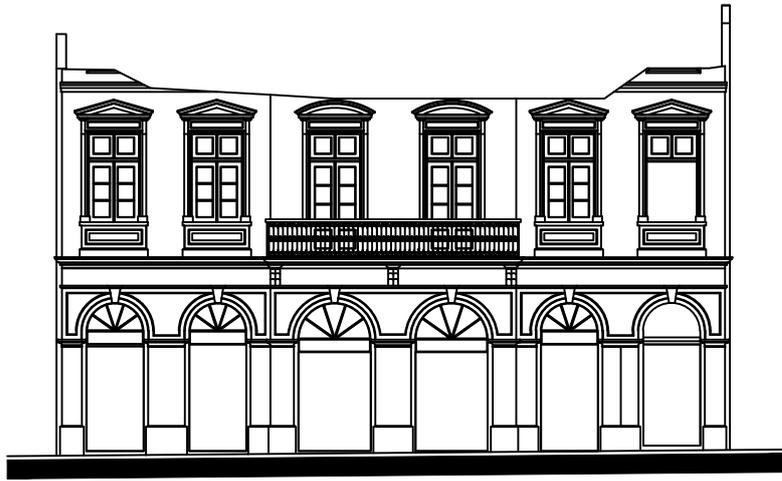




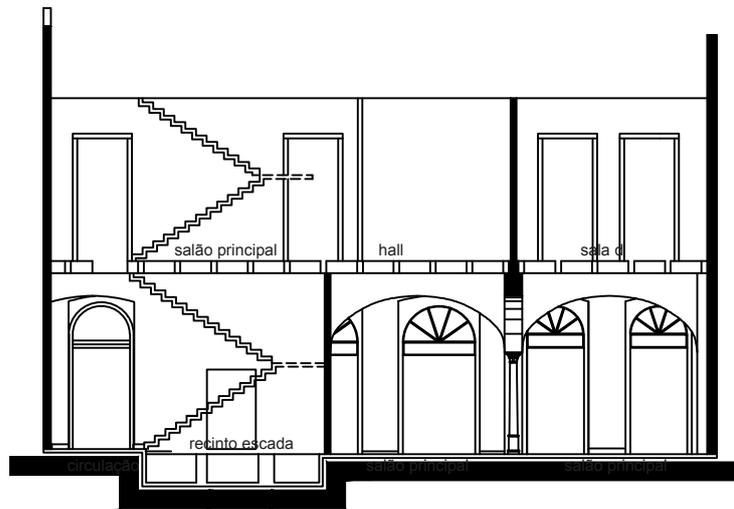
1. sótão - aproximadamente 320m²

PLANTA PAVIMENTO SUPERIOR
esc 1:200

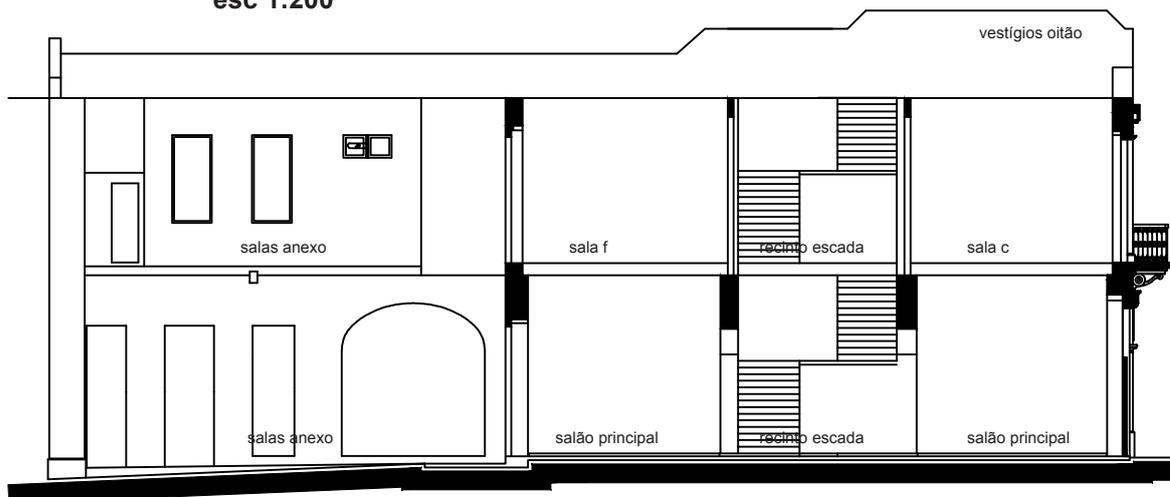




ELEVAÇÃO FRONTAL - BARÃO DO RIO BRANCO
esc 1:200



CORTE TRANSVERSAL BB\'
esc 1:200



CORTE LONGITUDINAL AA\'
esc 1:200

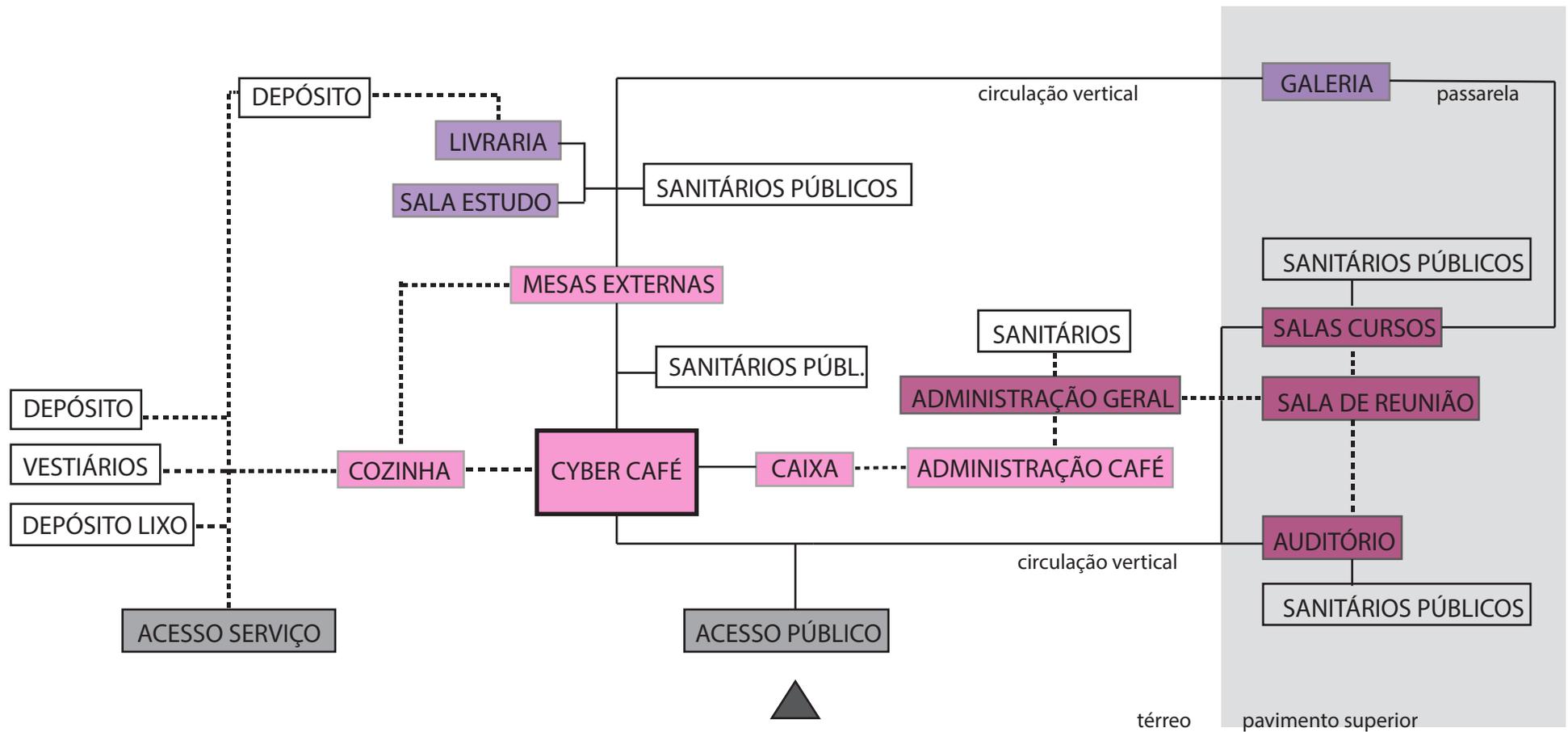


QUADRO I
SETOR ESPECIAL EIXO BARÃO-RIACHUELO

SUBSETOR	USOS					OCUPAÇÃO				
	PERMITIDOS (1)	TOLERADOS (1)	PERMISSÍVEIS (1)	COEF. DE APROVEITAMENTO	TAXA DE OCUPAÇÃO (%)	ALTURA MÁXIMA PAV	RECUIO MÍN. ALINHAMENTO PREDIAL (m)	AFAST. DAS DIVISAS	TAXA DE PERMEABILIDADE %	LOTE MIN. (testada x Área)
SUBSETOR BARÃO DO RIO BRANCO (1)	- Habitação Coletiva - Habitação Transitória 1 e 2 - Casa de Estudante e Alojamento Estudantil - Comunitário 1 – (2) - Comunitário 2 - Lazer Cultura e Culto Religioso - Comércio e Serviço Vicinal - Comércio e Serviço de Bairro (3) - Comércio e Serviço Setorial (4)	- Habitação Unifamiliar	- Comunitário 2 e 3 - Ensino	3,6 (6) (8)	Térreo 1º e 2º pavimentos = 100% Demais pav. = 50%	Embasamento = 3 pav (6) Bloco Vertical = altura livre	Embasamento = Obrigatório alinhamento predial Bloco Vertical = 15,00m	Embasamento = Facultado. Bloco Vertical = 2,00m (7)		11 x 330

Observações:

- (1) O projeto de arquitetura deverá atender ao Plano de Revitalização do Eixo Barão-Riachuelo e ser submetido previamente à análise da CAPC ouvido o IPPUC e demais órgãos competentes.
- (2) Com exceção de Ensino Maternal, Pré-Escola, Jardim de Infância e Escola de 1º grau.
- (3) Com exceção de Estacionamento Comercial, Barracharia, Comércio de Veículos e Acessórios em Geral, Oficinas Mecânica de Veículos em Geral.
- (4) Com exceção de Serv-Car, Serviço de Lavagem de Veículos, Super e Hipermercado.
- (5) No Subsetor Riachuelo para o uso habitacional o coeficiente de aproveitamento será 5 (cinco)
- (6) A altura máxima do embasamento até o limite superior da platibanda, poderá chegar até 13,00m (treze metros) medida a partir do nível médio da calçada, tomada junto ao alinhamento predial. Quando houver Unidade de Interesse de Preservação – UIP, com dois ou mais pavimentos no próprio lote ou lote contigante, a altura da edificação não poderá exceder a altura da UIP do lote ou, quando for o caso da UIP de menor altura.
- (7) Para terrenos com até 15,00m de testada o afastamento das divisas do bloco vertical será facultado
- (8) O estacionamento da atividade nas edificações, no pavimento térreo, deverá situar-se a partir dos 10,00m (dez metros) iniciais contados a partir do alinhamento predial.



FLUXOGRAMA CYBER CAFÉ CULTURAL

- fluxo restrito funcionários
- fluxo público